

APRESENTAÇÃO

Contar histórias sempre foi à arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. (Benjamin: 1986, p. 205).

Minha tia, irmã de meu pai, Maria Severina Borges Mendes, escreveu seu primeiro livro em 1995, no qual ela afirma o seguinte: *a experiência que tenho de contar e ‘ouvir’ histórias tão lindas já vem da infância, quando minha avó contava histórias tão lindas que ainda hoje lembro com saudades.* (Mendes: 1995, p. 12). Foi nesta narração sobre a avó de minha tia, ou seja, é minha bisavó paterna, que percebi como as histórias tornaram-se uma tradição que tem perpassado em minhas relações familiares.

Parece que minha vida sempre esteve povoada de histórias. Quando criança, embebida por minhas fantasias, recebi o apelido de *Maria Historieta*, pois contava, inventava e recriava histórias para chamar a atenção, como se soubesse que, muito antes de eu ter nascido, minha bisavó narrava e encantava ao contar suas histórias – o que, na verdade, eu soube faz bem pouco tempo.

Além disto, durante meu estágio extracurricular em Orientação Profissional (OP), ao lado de minha companheira de trabalho, resolvemos apresentar ao grupo de OP um caderno para que os orientandos pudessem relatar e escrever, com suas próprias palavras, como havia sido o encontro daquele dia para eles. Relegado inicialmente, o pequeno caderno acabou, posteriormente, sendo disputado, entre eles e não somente tornou-se o porta-voz das inseguranças do período de escolhas destes, mas também o delator, o “fofoqueiro” dos encontros mediados – e assim, as histórias pareciam estar a me olhar.

Um pouco mais tarde, tornei-me pesquisadora num grupo de contadores de histórias organizado pelo Núcleo de Estudos da Terceira Idade da Universidade Federal de Santa Catarina, NETI/UFSC. Ali, ao lado de minha amiga Eloá aprendi o gosto pelas histórias, histórias de todos os jeitos, de todos os tipos, com todos os sabores, que vão do amargo ao doce, do distante ao próximo.

Neste reencontro com o mundo da fantasia, passei a perceber algo estranho, algo que já existia, mas que não havia se mostrado como naquele momento. Durante dois atendimentos individuais de Reorientação Profissional (Reo) prestados em 1997 e que não haviam acontecido nos “moldes padrão” - nos quais aplicamos técnicas para facilitar a escolha, a compreensão de si e a informação profissional de cada reorientando - estas foram invadidas por relatos orais. Passei, então, a ouvir o modo como os reorientandos narravam seus cotidianos, suas relações com a sociedade, escutando, assim, tudo que contavam de suas vidas. As lembranças não eram somente memórias: elas passaram a ter vida no presente, e se tornaram as histórias destas vidas que se apresentavam diante de mim. Como disse Mintz (1984), tratava-se certamente de uma história de vida e não somente de uma conversa. E, além disto, o que para o autor seria mais importante é o fato de ser uma história que se revela através da experiência.

Repetindo as palavras de Vinícius de Moraes (1968, p. 65), digo que: *foi deste ponto em diante que eu tirei a caneta e comecei a anotar rápido...* e a pensar na possibilidade da utilização das histórias de vida como um novo recurso no processo de Reo, e para tanto, informo que o lugar teórico escolhido por esta pesquisadora será apresentado ao longo do texto, e ele marca um posicionamento sócio-histórico-cultural.

E assim, de todas estas vivências é que decorreu o problema que, no momento, me interessa: ***As “histórias de vida” podem contribuir para os trabalhos de Orientação na Reorientação Profissional?***

1. INTRODUÇÃO

Não gosto das pessoas que se gabam
de trabalhar penosamente.
Se o seu trabalho fosse assim tão penoso
mais valia que fizessem outra coisa.
A satisfação que o nosso trabalho nos proporciona
é sinal de que soubemos escolhê-lo.
(Clarice Lispector: 1984, p. 433).

Passamos pela vida escolhendo e decidindo entre isto ou aquilo, este ou aquele, esse ou essa. Frente às expectativas que a vida apresenta, a escolha profissional vem se somar a todas as outras escolhas e à angústia de deixar alguma coisa para ter que decidir por outra.

Desde a mais tenra idade, estamos envolvidos em processos de escolha, seja da comida que queremos, da boneca ou carrinho que vamos ganhar, ou até do (a) namorado (a) com o (a) qual sonhamos na adolescência. Crescemos e também fazemos escolhas pelos colegas, que irão se tornar futuros amigos, mesmo ainda sem uma compreensão clara do quanto isto representa.

Principalmente durante a adolescência, acabamos significando muitos dos acontecimentos de nosso cotidiano como perturbadores, conflitantes, procurando questionar algumas das “verdades sociais” que nos são apresentadas. Como se não fosse suficiente, temos um corpo que já não é nosso conhecido e que não sabemos como será. Hormônios, dizem os médicos, fazem aparecer perante os olhos, acima ou abaixo, de um lado e do outro, sinais de que não somos mais tão crianças. São espinhas e cravos, os dentes que agora parecem enormes, o cabelo, o corpo, um turbilhão de acontecimentos que fazem com que nos desesperemos. [Para além disto, como se já não bastasse, devemos escolher uma profissão!] E o que vem a ser escolher uma profissão? Segundo Neiva (1995), *Escolher uma profissão não é somente decidir o que fazer, mas principalmente, decidir quem ser. Escolher uma ocupação é escolher um estilo de vida, um modo de viver.* (p. 19).

Conforme Soares-Lucchiari (1998) afirma, o jovem¹, ao dar-se conta da complexidade do mundo do trabalho e das inúmeras profissões que conhece e passa a

¹ Neste trabalho, quando nos referimos a jovem ou adolescente, estamos falando de pessoas - homens ou mulheres, com idade entre 16 e 19 anos - de camadas médias que freqüentam tanto escolas particulares, quanto públicas e que, no término de seus estudos de segundo-grau decidem ingressar num curso universitário.

conhecer, se sente inseguro, atrapalhado e indeciso diante do futuro, sem saber qual o caminho seguir.

No bojo destes conflitos, muitas vezes torna-se difícil escolher, já que isto significa deixar algo para trás, renunciar àquilo que nem mesmo temos certeza ou clareza. Mas a urgência do momento não permite, muitas vezes, reflexões sobre o que escolher, como escolher, o que ser, onde trabalhar, com quem trabalhar, como trabalhar, entre outras coisas.

A inscrição do vestibular aguarda o jovem, bastando assinalar somente um número que represente o curso pretendido para que ele escolha a sua vida, quem ser, o que fazer, como fazer, escolha que pode não ser a mais adequada, ou a mais bem pensada. Geralmente, ela é feita sem uma reflexão pertinente ao significado da escolha de uma profissão, e que pode ainda representar uma opção “para a vida inteira”. Na tomada de decisão quanto ao curso universitário ele, pode acabar escolhendo um curso universitário ou uma profissão que não represente, de fato, seu projeto de vida.

Esta escolha, de certa forma intempestiva, responde à lógica segundo a qual vivemos, ou seja, a de que, nesse processo acelerado que envolve o mundo atual, inclusive uma opção profissional precisa acontecer rapidamente e, de preferência, deve ser uma escolha que perdure até a aposentadoria. O mercado de trabalho colabora para esta dinâmica, e, além disto, vem solicitando cada vez mais profissionais qualificados, que compreendam não somente as rotinas de sua profissão, mas também que sejam capazes de se adaptar às mudanças deste mercado. Conforme Prado Filho (1993), a tendência atual não é a da manutenção de grandes categorias:

(...) a grande maioria das profissões ‘sobreviventes’ apresenta contemporaneamente nuances e especialidades que ultrapassam em muito esses grandes enquadramentos. Também não é ainda suficiente que se entre no nível das especialidades reconhecidas (engenheiro eletricitista, mecânico, eletrônica, etc.) – a realidade de trabalho faz com que surjam atravessamentos como engenheiro de processos, de produção, de segurança, de projetos, entre outros, que fogem totalmente ao mapeamento habitual. (p. 113).

Sendo assim, como optar com uma “certa” margem de segurança, quanto ao que queremos ser quando crescermos? Não bastassem as inquietudes e conflitos que emergem

no momento da adolescência, há ainda a possibilidade de se escolher para os outros, como por exemplo, quando se escolhe uma determinada profissão para satisfazer aos anseios familiares – dando-se preferência ao que já foi escolhido pelos pais. E ainda, conforme Rodrigues (1995) afirma, às vezes se escolhe procurando compor, tanto por parte da pessoa que escolhe, quanto de sua família e amigos, as expectativas sociais, uma escolha que venha incondicionalmente abraçada a um sucesso profissional significativo.

No bojo desta problemática, o sofrimento não é exclusivo dos adolescentes, pois as estatísticas apontam um número expressivo de pessoas insatisfeitas com o trabalho desempenhado, ou que se sentem frustradas, angustiadas e deprimidas, procurando saídas para os seus problemas. Este contato pessoal seja com a realidade universitária, seja com o mundo do trabalho, coloca estes sujeitos numa outra categoria de trabalho em OP, que é denominada Reo. A grande maioria destas pessoas vem em busca de uma “nova” orientação, uma Reorientação.

Na verdade, a origem de muitos destes problemas pode estar relacionada com dificuldades na escolha profissional, principalmente pela tomada de decisão, como se esta fosse definitiva. Se esta nos faz sofrer não deveria ser pensada como uma escolha para a vida toda. Uma escolha pode vir carregada de dúvidas, conflitos, rebeldia, imaturidade, decisões apressadas, sem uma reflexão a respeito de suas conseqüências. Como disse Soares (2002), precisamos ter clareza de que não existe uma escolha profissional única, definitiva e imutável; as escolhas são sempre uma entre tantas possibilidades.

1.1 JUSTIFICATIVA

A vida nos cobra tomar decisões constantemente
 Cada escolha determina um fato no futuro.
 Cada fato, uma vivência inadiável.
 Cada experiência, uma mudança imposta.
 Escolher é fácil quando nossos sentimentos
 e ilusões não estão envolvidos.
 Somos livres para escolher nossas ações,
 mas prisioneiros de suas conseqüências.
 Todo momento é decisivo.
 Temos que decidir sempre entre
 o que é bom e o que é mau,
 entre nossas ambições desmedidas
 e nosso bom senso interior.
 Mas, seja qual for a nossa escolha,
 nada fica sem resposta.
 (Luiz Gaspareto, s/r).

A Reo é uma modalidade de atendimento recente em OP e, por isso, ainda vem buscando instrumentos que possam auxiliar este trabalho, o que nos fez vislumbrar a História de Vida como material técnico possível neste tipo de atendimento.

Neste sentido, o valor singular conferido a uma história de vida está, para Benedict (citado por Mintz: 1984, p. 47), *naquelas frações do material que mostram as repercussões, que as experiências de vida de um homem – compartilhadas ou idiossincráticas – têm sobre ele, enquanto ser humano moldado naquele ambiente.*

Carvalho (1995), informa que a orientação profissional poderia vir a ser uma área interdisciplinar, situada na interface entre a Psicologia e a Sociologia, levando a um caminho que possibilitasse a conscientização da relação homem-trabalho. Seria um caminho tanto individual, na medida em que propicia um modo singular para a realização e satisfação pessoal no trabalho, quanto social, na busca de uma sociedade mais humana.

Encontramos na França, alguns pesquisadores que também se interessam pelo tema em questão. Na cidade de Rennes, Brochoire (1997) desenvolveu um trabalho intitulado: *História de vida e orientação: a orientação escolar, uma oportunidade para introduzir*

*uma ferramenta de acompanhamento educativo nos estabelecimentos escolares: a manutenção da 'história de vida'*².

O interesse pelo trabalho emergiu de interpelações pessoais sobre a entrada dos jovens em estágios escolares, além da sua inserção no mercado de trabalho. Foi observando as dificuldades enfrentadas pelos estudantes, o percurso de suas histórias, que a autora resolveu utilizar as histórias de vida, as quais denominou *instrumento educativo de acompanhamento*, como suporte das entrevistas com os estudantes. Os resultados da utilização deste instrumento foram para a autora, satisfatórios, esclarecedores e úteis.

Em 1998, um grupo de pesquisadores, dentre os quais havia filósofos, pedagogos, geógrafos, historiadores, coordenados pela filósofa Nicole Bliez-Sullerot (1998), da cidade de Lille, desenvolveu uma proposta de trabalho (no período de 01/09/1998 a 30/06/2000) cujo objetivo foi fazer emergir ou clarear o sentido dos projetos pessoais de formação e o projeto profissional dos professores, ou melhor, qual a relação existente entre o passado dos formadores e o futuro profissional por estes escolhido. Denominado: *A utilização das histórias de vida na construção da identidade profissional na formação docente*³, este trabalho investigou o passado escolar, universitário e profissional dos professores, buscando conhecer o percurso da formação e da vida destes educadores, a fim de que o conhecimento da sua história de vida pudesse dar subsídios para esclarecer suas escolhas atuais.

Através desta pesquisa pôde-se ser observar:

1) a construção de uma identidade profissional; 2) a transformação das práticas em que as escolhas passaram a ser assumidas como pessoais e não ocasionais, e construídas numa dinâmica socioprofissional e familiar; 3) a produção de um saber sobre si e sobre os outros reconhecendo as diferenças entre estes; 4) a relação de sua história com a prática pedagógica, cujo objetivo foi compreender esta realidade para transformá-la.

No Brasil, encontramos apenas dois trabalhos publicados sobre a utilização de “histórias de vida” em Orientação Profissional. O primeiro trabalho de Magalhães (2002) informa sobre *O uso de histórias de vida na orientação de carreira: um enfoque*

² Tradução livre desta pesquisadora para: *Recit de vie et orientation: L'orientation scolaire, une opportunité pour introduire un outil d'accompagnement éducatif dans les établissements scolaires: L'entretien 'Recit de vie'*.

³ Tradução livre desta pesquisadora para: “*L'utilisation du récit de vie dans la construction de l'identité professionnelle en formation des enseignants*”.

construtivista. A técnica “histórias de vida” utilizada por este autor parece confundir-se com o narrar histórias; de qualquer modo, ele vincula seu uso à orientação de carreira, enfatizando a adequação do método.

O segundo e último trabalho, corresponde a uma dissertação de mestrado defendida por Felisberto (2001), que teve por objetivo investigar como as pessoas compreendem e explicam a impossibilidade do desenvolvimento de seu projeto profissional a partir de sua formação universitária. No qual foram utilizadas histórias de vida como método. O referido trabalho investigou um grupo de pessoas que estavam desempregadas após a formação universitária.

Dado o inexpressivo número de pesquisas encontradas em OP com a utilização de histórias de vida e o fato de nestas o uso ter sido considerado oportuno, consideramos relevante a investigação deste instrumento nesta área.

A relevância deste trabalho também se baseia no que são, para Bohoslavsky⁴ (1983), três desafios a serem enfrentados nos trabalhos de OP:

1) a *razão*, pensando muito (e a fundo) sobre a prática na qualidade de orientador profissional, para que não se torne mero reproduzidor de uma atuação obsoleta e apolítica; 2) a *imaginação*, sendo necessários a inovação e o inconformismo; e 3) o *compromisso*, pois não somos somente o título que conquistamos.

1.2 OBJETIVOS DA PESQUISA

1.2.1 - GERAL

Investigar se e como a técnica “história de vida” pode contribuir para os processos de Orientação Profissional.

1.2.2 - ESPECÍFICOS

1. Caracterizar se e de que modo à técnica “história de vida” pode contribuir para os trabalhos de Orientação e Reorientação Profissional;
2. Verificar se a tomada de consciência da própria história de vida influencia no processo de Re-escolha de uma profissão por parte do sujeito investigado.

⁴ O referido autor em seu primeiro trabalho aborda a questão profissional num enfoque psicanalítico. Em seus trabalhos posteriores amplia seu olhar favorecendo a visão social e histórica, algo, porém que ficou inacabado dado ao seu falecimento precoce.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. REORIENTAÇÃO PROFISSIONAL: DECISÕES POSSÍVEIS AO LONGO DA VIDA.

(...) a questão da “desorientação” em relação à escolha de profissão é apenas aparentemente uma questão individual. Na verdade, ela é a ponta de um fio. (Ferretti: 1997, p. 107)

A escolha profissional compreende um processo contínuo que acontece ao longo da vida de uma pessoa e que, embutida em todo o restante de escolha que se faz, acaba sendo realizada de forma automática, mas também é percebida como urgente, principalmente durante o período da adolescência, em especial na faixa etária que corresponde às idades de 15 a 18 anos. Ainda no período em que o jovem costuma freqüentar o ensino médio, as pressões sociais e pessoais já começam a exigir uma definição a respeito da continuidade de seus estudos em busca de um curso universitário. Esta urgência acentua as angústias do momento, de renunciar a algo e ter que se decidir quanto a uma carreira, num período repleto de inconstância, instabilidade psicofísica e imaturidade.

Este período da adolescência, momento de dificuldades de escolha, era bem diferente em outras épocas. Antigamente, os ofícios eram praticamente “herdados”. Os trabalhos desempenhados pelos membros de uma mesma família costumavam perpetuar-se à medida que cada um buscava sua qualificação. Muitos pais dedicados à marcenaria deixavam seu instrumental aos filhos, que continuavam sua profissão com a mesma ou maior dedicação do que eles. Não faz muito tempo que médicos, dentistas e advogados, dentre outros profissionais, deixavam para seus filhos não somente as carreiras como herança, mas também os consultórios, livros, clientes, entre outras coisas. Podemos constatar estas “heranças”, atualmente, através da técnica denominada genoprofissiograma, desenvolvida por Soares-Lucchiari (1996), em sua tese de doutoramento intitulada: *Escolha profissional: projeto dos pais – projeto dos adolescentes*, concluída na Universidade Louis Pasteur, em Estrasburgo, França. A técnica consiste na construção de uma árvore genealógica que dá ênfase particular sobre às profissões das três últimas gerações. Investiga

sua genealogia com o intuito de conhecer as influências sobre a escolha profissional dos jovens e encontrar um sentido para a profissão escolhida por eles.

Conforme Soares-Lucchiari (1997), muito embora a técnica apresentada confirme a influência familiar, especificamente em relação à escolha de uma profissão, há também a busca por uma atividade que vincule o prazer e retorno financeiro, tanto do adolescente, quanto de sua família. Nas palavras da autora, a família é: *o lugar privilegiado da incorporação da história e da fabricação dos 'herdeiros'*. (p.136). Nestes casos, a decisão não se dá como uma herança genética, na qual o componente hereditário não possibilita questionamentos.

Castellan (citado por Soares-Lucchiari, 1996) corrobora as afirmações anteriores ao mencionar que:

A história vivida pelo grupo familiar é tão importante quanto à história genealógica. Tudo que acontece ao grupo atinge cada um e a atividade social de cada um intervém na imagem social do grupo, uma ascensão, o ganho pessoal de um (herança, ganho na loteria, viagem, etc.) pode ser uma alegria coletiva. O fracasso de um (nos negócios, nos estudos, partida definitiva por morte) pode ser um sofrimento coletivo. (p. 126).

Possivelmente, estes questionamentos acontecem principalmente na adolescência, porque o adolescente é, segundo Mariana (1992), *um bicho ético, que detesta a hipocrisia: está procurando, em cada experiência nova, um fundamento da arte de viver. Para isso a verdade é essencial. Cada experiência é decisiva porque em cada escolha está se construindo uma pessoa.* (p. 06).

Nesta perspectiva, uma das tarefas da orientação profissional é dar auxílio ao jovem neste ritual de passagem que, segundo Carvalho (2002), acontece principalmente quando o adolescente deixa de agir como criança e seu comportamento passa a corresponder a uma atitude adulta. E isto ocorre durante a saída da adolescência e a entrada no mundo adulto, podendo se dar pela escolha profissional, pois através da profissão o adolescente poderá definir seu vínculo direto com o social, com a sociedade, sem a influência dos pais, uma participação estabelecida com sua própria ação.

Para Lassance (1997), é durante a adolescência que muitas crises se acentuam, uma vez que as mudanças de valores, atributos, interesses e modelos acontecem com maior intensidade. E além disto, a indústria cultural vem sendo atualizada com uma rapidez extrema, tornando toda informação efêmera, transitória, fugaz, fazendo com que não haja tempo para um resgate histórico ou uma reflexão sobre as possíveis conseqüências.

O jovem que busca respostas a respeito de sua escolha profissional prima por uma definição que lhe faça sentido, um trabalho que lhe traga a felicidade, como afirma Bohoslavsky (1977):

Talvez não chegue a dizer algo tão simples e empregue outro tipo de formulação (por exemplo, “quero me realizar” ou “quero fazer alguma coisa em que me sinta realizado”). Nunca, e nisto o adolescente é mais sagaz do que muitos psicólogos, limita-se a procurar *somente* o nome de uma profissão. O que vai ‘buscar’ é *algo* que se relaciona com a realização pessoal, a felicidade, a alegria de viver. (pp. 48-49).

A busca pela felicidade nunca está fora de moda. Sua atualização parece inerente ao humano, pois estamos sempre almejando encontrar a plena felicidade, a realização de nossos desejos. Dell (2003), no caderno de provas do Vestibular da UFSC corrobora esta idéia de que devemos galgar não apenas um status econômico, mas procurar conhecer uma profissão que nos traga principalmente a felicidade, mencionando o seguinte:

Meu único conselho é: ache aquilo que você realmente ama fazer. Exerça uma atividade pela qual você tem paixão. É dessa forma que temos as melhores chances de sucesso. Se você faz algo de que não gosta, dificilmente será bom. Não há sentido em ter uma profissão somente pelo dinheiro. (p. 04)

Uma medida pessoal que se faz também necessária para otimizar esta decisão não corresponde unicamente às descobertas em relação às influências familiares ou mesmo de informação profissional, ingredientes preciosos nos trabalhos de OP. Para o adolescente, é necessário conhecer nesta busca seus desejos, potencialidades e limites, pois se trata de sua vida, de seus projetos profissionais e da sua inserção no mundo do trabalho, especialmente de sua inserção num mundo para ele ainda desconhecido.

Porém, quanto ao adulto, as mudanças sociais, históricas e econômicas atuais têm alterado de modo significativo as escolhas profissionais assumidas anteriormente, em determinado momento, estas escolhas podem ou não ser questionadas. Assim, apesar das dúvidas em relação à profissão emergirem principalmente no período da adolescência, muitas vezes estas indagações são reeditadas com o passar do tempo. As palavras de Neiva (1995), podem esclarecer este aspecto:

(...) em outros períodos da vida: na saída da universidade, em que se deve escolher uma área de especialização, um campo de trabalho, o primeiro emprego, em momentos da carreira profissional, momentos de mudanças de cargo, mudança de emprego, ou desemprego, e, finalmente, na aposentadoria, quando se questiona outra vez o que fazer. (p. 31).

Madegan Júnior (1993) informa que, por volta dos 40 anos de idade, com a dita “crise de meia-idade”⁵, o homem é induzido a fazer uma revisão das experiências vividas por ele até então. Também é neste momento, quando percebe ter dado maior valor ao trabalho desempenhado, privando-se de viver e apreciar coisas simples da vida, que emergem questionamentos a respeito do trabalho, do sucesso e do fracasso obtidos, das substituições e trocas de setor, dentre outras coisas.

No entanto, em OP, a dita crise tem aparecido um pouco antes. A clientela que procura os serviços de Reo tem idade que pode variar de 25 a 45 anos, e estes vêm em busca do serviço oferecido também por alguns dos motivos citados por Madegan Júnior (1993), entre eles o descontentamento profissional, a possibilidade de troca de setor, ou mesmo de carreira. O que parece ser constante é o fato de que o trabalho precisa estar vinculado à possibilidade de sucesso profissional e prazer ou de se trabalhar com o que se gosta e encontrar a felicidade pessoal.

Segundo Sparta (2003), a OP quando de seu nascimento, na década de 1920, era pautada pelo modelo da Teoria do Traço e Fator, que trazia idéias de um processo diretivo e no qual ao orientador *cabia fazer diagnósticos, prognósticos e indicações de ocupações*

⁵ Termo apresentado por Madegan Júnior na tese defendida pelo autor na Fundação Getúlio Vargas em 1993. Nesta, o autor define a “crise da meia idade” como algumas alterações típicas no comportamento do indivíduo, tanto no âmbito social e familiar, quanto no trabalho, alterações estas provenientes do questionamento da estrutura de vida adotada nos períodos anteriores. Na escolha de um caminho, o homem rejeita outros, e assim vai estabelecendo suas prioridades. Porém, é durante a meia-idade que estes aspectos negligenciados voltam à tona, induzindo-o a considerar as oportunidades perdidas.

certas para cada indivíduo, o que foi feito, desde o início, com base na Psicologia Aplicada, especialmente na Psicometria. (p. 3-4).

Atualmente, o panorama da OP é bastante diferente, abre possibilidades de um trabalho grupal e também individual, em que a questão da orientação deve estar pautada na promoção de um serviço, que para Lisboa (1997), introduza o *orientado para a condição humana de ser mais em relação a si a ao outro, na amplitude que somente o elo com o social pode proporcionar.* (p. 230).

Por volta da década de 1990, do século passado, os trabalho com Reo se tornaram uma solicitação constante nos serviços de OP. Segundo Soares (2002), a procura por este serviço foi ampliada principalmente devido às transformações e redefinições das carreiras profissionais, bem como os programas de demissão voluntária ou incentivada que propiciaram re-escolhas forçadas ou não dos candidatos que passaram a aderi-los. E enquanto, a preocupação dos jovens referem-se a procura de uma *profissão certa, uma identidade profissional, permitindo o ingresso na sociedade e, futuramente, o exercício de um trabalho; os adultos estão mais preocupados em assegurar-se de que esteja no caminho da escolha certa, para não errarem novamente ao buscar uma nova opção.* (p. 143-144).

Neste sentido, o termo reorientação profissional usado nesta pesquisa estará relacionado ao atendimento de adultos em OP, pessoas que já se distinguem dos jovens por sua inserção nas universidades e no mundo do trabalho, e segundo Soares-Lucchiari (1997), o conceito de Reo apresentado pela referida autora representa facilitar o processo de integração profissional, principalmente frente às mudanças atuais e exigências da modernização e globalização. Sendo assim, para a mesma autora, “o objetivo maior da Reorientação profissional é trabalhar a relação homem-trabalho, a vivência no desempenho da profissão, os sentimentos experimentados e as mudanças exigidas. (p. 86).

A mesma autora vislumbra possibilidades de que re-escolhas ao longo da vida adulta, podem estar atreladas a questões de ordem pessoal ou às mudanças no mercado de trabalho, podendo acontecendo principalmente em três momentos, quais sejam:

- ao jovem durante o período universitário: quando apresenta uma insatisfação em relação ao curso escolhido e deseja uma troca;
- em final de um curso superior, dando continuidade aos estudos buscando pós-graduação;

- no meio de uma carreira, quando:
 1. adulto está satisfeito, mas deseja trocar de profissão ou de especialidade na mesma área, como médicos que trocam seus atendimentos clínicos por trabalho administrativo em hospitais e clínicas;
 2. adulto está insatisfeito ou vem sendo mal sucedido;
 3. tornam-se desempregados, seja por demissões voluntárias ou não;
 4. devido a mudanças externas no meio ambiente, como conseqüência da globalização;
 5. no momento da aposentadoria.

Carvalho (1995), citando Super (1972), informa que durante a grande crise de 1929, os trabalhadores foram forçados pelo desemprego a examinar suas aptidões e chances ocupacionais. A crise os submetia a qualquer oportunidade ou a outro tipo de trabalho que pudesse ser encontrado.

Nesse momento, os questionamentos se processaram por uma necessidade exterior aos trabalhadores. As pessoas acabaram empenhando-se em procurar uma oportunidade de emprego e estavam dispostas inclusive a se readaptar, como se fossem peças da engrenagem de uma máquina; precisavam muito mais de um emprego do que de uma reorientação profissional. Esta pressão exterior acabava, no entanto, propiciando questionamentos internos.

Na década de 70, do século passado e segundo Super e Bohn Jr (1976), percebeu-se que as dificuldades em relação à escolha profissional não eram mais privilégio dos adolescentes e colegiais, mas inclusive poderiam ser estendidas a universitários, adultos (empregados ou desempregados) e aposentados.

Mais de vinte anos após as constatações acima mencionadas, nos trabalhos de Carvalho (1995) vamos encontrar essa preocupação de ampliar os trabalhos de orientação profissional. A referida autora menciona que a orientação profissional deve ser considerada como uma modalidade de atendimento, tanto para adolescentes quanto para adultos, cujo objetivo seria auxiliá-los na escolha de uma profissão. A respeito principalmente da questão do atendimento a adultos, a autora menciona que estes procuram fazer uma re-escolha, uma

readaptação a novas profissões, e neste sentido, o trabalho da orientação profissional é o de ajuda-los a encontrar uma profissão que seja adequada aos seus interesses.

Na década de noventa do século passado, os trabalhos de Reorientação passaram a ser vislumbrados como uma modalidade nova de atuação do psicólogo orientador, já que as pessoas têm mudado com mais frequência de ocupação do que em outras épocas.

Conforme Soares-Lucchiari (1996), os trabalhos de Reo precisam ser desenvolvidos no sentido de propiciar aos indivíduos o progresso em suas sucessivas escolhas, procurando auxiliá-los na percepção de possibilidades de escolhas diferentes que podem ser tomadas ao longo de sua vida profissional e sua história de vida pessoal e familiar.

Para Garcia (2000), a Reo apresenta como um de seus principais objetivos o resgate dos projetos profissionais daqueles que, ao se engajarem numa profissão, não levam em conta tudo que envolve o processo decisório de uma ou outra escolha. A dúvida em relação à escolha não atinge somente estudantes ou desistentes de cursos universitários, mas também todos aqueles que se encontram frustrados ou insatisfeitos com seu trabalho, profissionais que desejam trocar de área de atuação, desempregados, inadaptados ao trabalho e pessoas em processo de aposentadoria.

Como já foi mencionado, a clientela de OP e Reo é heterogênea em muitos aspectos. Conforme indicam Krawulski e colaboradores (2000), existem algumas semelhanças e diferenças nesses trabalhos:

a) Semelhanças: urgência de uma decisão; presença de ansiedade e dúvida (medo de errar, resultante de pressões familiares); necessidade de informação profissional; presença de complicadores pessoais; pressão no sentido de atender às expectativas familiares.

b) Diferenças: grau de maturidade e idealização da escolha profissional, fundado em experiências anteriores de sucesso/fracasso; menor idealização; motivação para fazer a escolha profissional, decorrente de frustração pelo erro da última escolha, e insatisfação de estarem fazendo o que não gostam; nível de exigências e questionamentos, diretamente proporcional às suas experiências de vida e grau de maturidade; aprofundamento das questões e das discussões, muito mais visíveis em Reo.

Segundo Garcia (2000), a diferença entre OP e Reo em relação à clientela atendida, reside no fato de o reorientando já ter tomado uma decisão profissional, passando a sentir-se insatisfeito com a profissão escolhida (com a profissão na qual ele atua).

Ainda para a referida autora, o resultado de um processo de reorientação não necessariamente implica em mudança de área, mas pode residir no fato de descobrir os motivos de insatisfações e as razões que levam ou não os sujeitos a continuarem numa determinada área.

Deve-se lembrar, mais uma vez, que a escolha da futura profissão, inserida principalmente na adolescência, apresenta-se numa fase da vida repleta de conflitos e indecisões. O público atendido pelos orientadores profissionais, na sua maioria, restringe-se especialmente a uma camada da população jovem, que não precisa conquistar antecipadamente o mercado de trabalho e nem manter a sua subsistência, muito embora a questão da escolha não esteja atrelada a questões de inserção em qualquer camada social, uma vez que, também estudantes pobres passam por indecisões profissionais, a procura pelo serviço de orientação profissional acaba sendo de estudantes de camadas médias e altas da população. Possivelmente, este seja ainda um serviço a se oferecer, já que a questão da escolha perpassa as camadas sociais, pois de uma ou de outra maneira, os jovens escolhem sua profissão, ou sua inserção no mercado de trabalho.

Assim, muito embora a escolha profissional se apresente principalmente na adolescência, ela invade com certa frequência a vida adulta, fazendo emergir conflitos. Contudo, um caminho, uma saída, quem sabe possa vir do conhecimento do mundo do trabalho, já que este vive em constantes transformações e suas modificações acabam afetando, de uma ou de outra maneira, não apenas as relações de trabalho, mas a vida e as escolhas das pessoas que vivem estas mudanças, pois o homem é um ser que constrói e é construído nas e pelas relações sociais e históricas das quais ele participa.

O papel da Reorientação Profissional é na verdade um grande desafio. Conforme Lima (2003), a re-opção deve procurar o favorecimento de um rumo, um norte, onde as habilidades deverão ser ressaltadas, e o exame da realidade precisa permitir, caso necessário, o rompimento com o que foi estabelecido, programado, esperado. Para a autora é preciso:

Ser leve o suficiente para deslocar-se, ser exato o bastante para perceber-se, ser múltiplo o possível para estabelecer conexões, ao contrário de perder-se no individualismo; ser rápido o suficiente para traçar suas estratégias com a visão clareada por imagens plenas de significado próprio. (p. 67).

Além disso, uma redefinição profissional não acontece separada da sociedade, de modo isolado, mas passa principalmente pelo resgate do auto-conhecimento, pelo conhecimento que se possa obter das relações sociais e, para depois ser internalizado como auto-conhecimento, o que acreditamos poder conseguir também através da utilização das histórias de vida, já que elas são histórias dos outros conosco, e nossa com aqueles que nos rodeiam.

Neste sentido, uma escolha profissional não pode ser (uma escolha) desvinculada de sua realidade, que sócio-historicamente vem sendo definida. Escolher ou re-escolher um ofício é também escolher dentro de uma sociedade, num jogo de relações que começa na família e se estende à comunidade como um todo. Uma escolha não deve ser vista somente como uma escolha individual; ela é também coletiva, pois fazem parte de uma rede de relações sociais, econômicas, políticas, de uma rede tecida sócio-historicamente.

2. 3. TRABALHO NO MUNDO, NO MUNDO DO TRABALHO

Trabalho 12 folgo 36
 fico de olho se a faxineira vem
 para mim ir para casa antes que o sono vem
 É com esta rotina que o meu salário vem
 Enquanto eu trabalho muita gente não vem
 Mas eu tenho que tá de olho que o larápio vem
 é com esta luta que o meu salário vem
 e com luta que eu amo meu trabalho também
 aos vigilantes meu abraço também.
 (Manoel Nazário, 8/10/1997)

Manoel Nazário, vigilante bancário, 1º grau incompleto, em reciclagem promovida por um centro de treinamento da referida profissão, autorizou a publicação de suas simples palavras, que foram citadas na epígrafe anterior. São elas, as palavras de Manoel Nazário, que definem um dos significados do trabalho almejados pelos orientadores ao término de um processo de escolha profissional, qual seja, propiciar uma releitura das tarefas diárias de

qualquer ocupação à satisfação na atividade exercida, ao prazer e à felicidade no desempenho de uma função.

Para tanto, se faz necessário compreender não apenas o processo de Reorientação Profissional, como também buscar compreender o mundo do trabalho. Não se tem de qualquer modo, a pretensão de esgotar ou de estender neste tema, mas torna-se importante definir alguns conceitos e suas diferenças, principalmente a respeito das palavras *trabalho* e *emprego*.

Marx (1984) diferencia o *trabalho* humano do animal ao dizer o seguinte:

Uma aranha desempenha operações que se parecem com a de um tecelão, e a abelha envergonha muito arquiteto na construção de seu cortiço. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor das abelhas é que o arquiteto figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. (p. 74).

Neste sentido, enquanto algumas formas de vida desempenham atividades diversas, sem, contudo apoderar-se dos produtos naturais para seu proveito, o homem se apropria destes de modo proposital, guiado pela inteligência superior, característica inerentemente humana. Esta apropriação diferencia o trabalho humano do animal, já que, por definição, o trabalho é uma atividade que altera o estado natural destes materiais procurando sempre melhorar sua utilidade e, com isto, além de transformar a natureza para melhor satisfazer as necessidades humanas transforma-se a si próprio. O homem sendo capaz de pensar sobre sua realidade, acaba oportunizando outras formas materiais de intervir no mundo, de apreender esse mundo e de modifica-lo, numa relação que conjugada a outras modifica e é modificado em sua realidade objetiva.

Braverman (1981) dá continuidade ao raciocínio de Marx, afirmando que o trabalho humano é (trabalho) consciente e tem propósito; já o trabalho dos outros animais é puramente instintivo. O trabalho humano por sua vez ultrapassa a mera atividade instintiva, o que acabou representando para a humanidade um recurso para enfrentar a natureza.

Conforme Ferreira (1975), *trabalho* significa:

Aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim; Atividade coordenada, de caráter físico e/ou intelectual, necessária à realização de qualquer tarefa, serviço

ou empreendimento; O exercício dessa atividade como ocupação, ofício, profissão, etc; Trabalho remunerado ou assalariado, serviço. (p. 1393).

Já para Luft (s/d) *trabalho* refere-se: *a aplicação das forças mentais ou físicas na execução de uma obra; Lida, fadiga, esforço; Ocupação, emprego; Obra realizada; Ação dos agentes naturais; Feitiço, despacho.* (p. 606).

No latim vulgar a palavra *trabalho* é *tripaliace* e significa *martirizar com o tripalium - instrumento de tortura.* (Ferreira: 1975, p. 1393). Conforme Albornoz (2002), este instrumento era *feito de três paus aguçados, algumas vezes ainda munidos de pontas de ferro, no qual os agricultores bateriam o trigo, as espigas de milho, o linho, para rasgá-los e esfiapá-los.* (p. 10).

Conforme afirma Albornoz (2002) pode-se perceber que durante muito tempo o trabalho significou e ainda conota algo como padecimento e cativo. Passou de sofrimento a esforço, labor até obra. Os significados de trabalho como sofrimento, esforço, labor, distantes da noção de prazer e realização, perduram até o século XV, dando origem aos termos *trabajo* em espanhol, *traballo* em catalão, *travail* em francês e *travaglio* em italiano.

De qualquer modo, o trabalho parece ser visto principalmente, segundo Krawulski (1991), como: *o organizador principal da vida humana, mas o caráter penoso a ele atribuído durante muito tempo vai sendo, aos poucos, rejeitado, traduzindo uma mudança radical no conceito e em suas práticas.* (p. 4).

Ampliando-se tanto o significado, quanto o sentido da palavra *trabalho*, tem-se aí outras expressões, como: *trabalhos escolares, intelectuais; trabalho de parto; trabalho para fazer; dando trabalho para alguém, ou dando muito trabalho para executar,* além do trabalho produtivo, improdutivo, salariado, assalariado e assim por diante. Alguns destes termos serão esclarecidos ao longo do texto.

Na sociedade capitalista, chama-se trabalho ao esforço do homem no sentido da criação de riquezas, ou ainda, pode representar a forma como o indivíduo se relaciona com a sociedade, recebendo assim sentido e valor.

Destacamos, ainda, que a palavra *trabalho* não deveria estar associada à palavra *emprego*, já que não possuem a mesma significação. Para Paul Singer (2002), (citado por

Albornoz, 2002), na prática, *o Emprego não se entende, em primeiro lugar, como uma atividade peculiar, mas sim como recurso de acesso, mesmo que parcial e defeituoso, a uma parte da renda, e conseqüentemente, ao consumo.* (p. 81).

Concordamos com o autor, já que cada vez mais, os trabalhadores empregados ou não investem no consumo, seja de produtos de subsistência, como o alimento ou em produtos melhorados pelos avanços tecnológicos, como a televisão, que antes exibia imagens em preto e branco e que hoje só é comercializada em cores, e o computador, que substituindo a máquina de datilografar, passou a enviar imagens e sons para todos os cantos do mundo.

No que se refere ao emprego, este também possui sua evolução e transformações em sua estrutura que devem ser compreendidas num contexto histórico. De modo geral, a palavra emprego para Souza (1986), *corresponde à soma de todas as pessoas ocupadas em alguma tarefa produtiva* (p. 07) e diz respeito à execução de uma tarefa, que lhe trará rendimentos em forma de salário, e na qual bens e serviços produzidos ficam a cargo das leis de mercado.

Para o autor, pode-se depreender que na estrutura da população existem pessoas que exercem alguma atividade, mas que estão fora da idade ativa, como os idosos e também os não remunerados, ou como os estudantes, mas que exercem trabalho intelectual, além dos que estão de fora da população economicamente ativa, não sendo considerados pessoas com emprego. Este é o caso das donas-de-casa que, apesar de exercerem as atividades domésticas, são classificadas como economicamente inativas.

Quanto aos que fazem parte da população economicamente ativa, encontram-se os desempregados e os que estão à procura de emprego; os remunerados, em empresas familiares; e as pessoas que “trabalham”. Na verdade, nos deparamos com um conjunto bastante heterogêneo de situações, mas que ainda preserva a dicotomia entre trabalho intelectual e manual.

Na busca de esclarecimento a respeito do que representam tanto trabalho quanto emprego, conferiu-se que o significado dado à palavra *trabalho* parte da concepção burguesa e veio sendo construído historicamente, sendo também utilizado como sinônimo da palavra *emprego*.

Há também uma outra versão, considerada negativa, e que inclui todo tipo de trabalho que não corresponde ao labor, ao esforço: é o caso das formas artísticas, estéticas, culturais, de lazer, entre outras. Nesta perspectiva depreciadora, estas formas de produção humana deveriam ser eliminadas por serem consideradas ociosas, confirmando o que por muito tempo foi visto como um problema para o homem, já que, na época, quem ao ócio se entregava, além de deixar de produzir, passava a gastar, tornava-se um peso para a sociedade, não produzia, apenas gastava, uma vez que a arte não era considerada trabalho e nem o “ócio poderia ser criativo”⁶, produtivo.

Para Frigotto e colaboradores (1986), esta perspectiva é considerada moralizante e utilitarista e acaba por intensificar as relações de trabalho na sociedade capitalista como sendo relações naturais, desejáveis e, portanto, necessárias.

Conforme Nosella (1986), o trabalhador nunca havia defendido o dito “não-trabalho” como sinônimo de ócio, referindo-se aos termos *lazer* ou *descanso*, pois nunca recusou o trabalho, nem muito menos o progresso técnico científico. Na verdade, o trabalhador desejou, sim, que sua vida não fosse reduzida somente ao trabalho.

É na evolução histórica do trabalho que observamos estas transformações do conceito, do sentido e de seu significado da palavra *trabalho*. Embora representasse sobrevivência na Pré-História, este evoluiu até nossos dias, significando obtenção de bem-estar individual, social e auto-realização. Tal processo emergiu nas e das relações sociais, econômicas e políticas.

Cabe ainda salientar, que muito embora algumas palavras se repitam em diferentes períodos, como o caráter do trabalho livre, sobrevivência, produção de excedentes, bem-estar, dentre outras, para cada uma delas o sentido e significado diferem, já que segundo Krawulski (1991):

as atividades predominantes aos poucos vão se adaptando aos novos tempos, e as pessoas cada vez mais tenderão a decidir sobre quanto, quando e onde realizar o seu trabalho. O que é mais importante, ele [referindo-se ao trabalho] significará a

⁶ Conforme De Masi (2004), o *ócio* pode ser *criativo*, desde que seja compreendido como plenitude da atividade humana, e somente poderá ser alcançado quando nele puderem se coincidir, se acumular, se exaltar e se misturarem: o trabalho, o estudo e o jogo; para tudo isto ele define como sendo *ócio criativo*, pois nisto pode-se aprender e divertir-se ao mesmo tempo, algo que para ele se tornará cada vez mais confundido futuramente.

obtenção do bem-estar individual e social e da auto-realização. (p. 83).

Particularmente, nas últimas décadas do século passado e no início deste, as sociedades moderna e contemporânea vêm sofrendo e presenciando profundas transformações no mundo do trabalho. Tais transformações se acentuaram principalmente após a Revolução Industrial (representada pelo conjunto de transformações econômicas, sociais e tecnológicas que teve início na Inglaterra, na segunda metade do século XVIII e que desempenhou um papel vital no desenvolvimento do capitalismo), como é o caso da produção manufatureira, bem apresentada por Singer (1986), quando se refere ao operário como alguém que:

(...) incorpora a técnica de produção, imprimindo em seu cérebro e sistema nervoso uma série de condicionamentos – as habilidades e conhecimentos – que o capacitam a conduzir o meio de trabalho de modo a produzir no objeto de trabalho as modificações desejadas. Ao mover braços, mãos e dedos, o tecelão aciona o tear manual e assim transforma o fio em tecido. É ele que efetivamente tece. (...) Com o tear mecânico tudo muda. A ação de tecer prossegue mesmo quando o operário lhe volta as costas. Este não precisa saber o segredo do seu funcionamento. Basta que emende o fio quando este arrebenta, que substitua os carretéis vazios, que limpe e lubrifique a máquina e a conserte quando quebra. São outras, portanto, as habilidades requeridas, em geral mais simples e mais fáceis de serem adquiridas. (p. 27).

É com a utilização das máquinas que trabalhadores despojados de seu fazer vivem concretamente a perspectiva do desemprego. Além disto os salários são rebaixados, principalmente com a utilização de mão-de-obra feminina e infantil nos processos de produção.

No século XX, especificamente na década de 80, foram ainda muito mais intensas as modificações no mundo do trabalho. Conforme Antunes (1995), estas transformações atingiram as:

(...) formas de inserção na estrutura produtiva, nas formas de representação sindical e política, (...) porém, a classe-que-vive-do-trabalho sofreu a mais aguda crise deste século, que

atingiu não só a sua materialidade, mas teve profundas repercussões na sua subjetividade e, no íntimo inter-relacionamento destes níveis, afetou a sua forma de ser. (p. 15).

Segundo o mesmo autor, o fordismo⁷ e o taylorismo⁸ não são mais os únicos modelos de produção, não há mais espaço para estas formas de controle, nas quais o cronômetro e a produção em série e de massa foram reificadas.

Na decadência destes modelos, o engenheiro japonês Ohno inova na produção, dando origem ao modelo de produção da indústria Toyota. Inversamente aos modelos anteriores, no atual, a produção é voltada especificamente pela demanda externa, acontecendo somente para suprir o consumo, o trabalho realizado em equipe, o estoque é mínimo, controle do tempo através do *just in time* que inclui também controle do transporte, da qualidade e do estoque. Além disso, um único operário é capaz de monitorar várias máquinas, rompendo com a tradicional relação um homem para uma máquina, que fundamentou o fordismo, sendo exatamente esta polivalência do trabalhador japonês que acabou transformando os operários em trabalhadores multifuncionais. (Antunes, 1995).

Antunes (2002) ainda diz que esta nova fase de reestruturação produtiva, representada pelo toyotismo como sua melhor expressão, além do saber operário, que o fordismo expropriou, está ainda retransferindo *o savoir-faire para o trabalho, mas o faz visando apropriar-se crescentemente da sua dimensão intelectual, das suas capacidades cognitivas, procurando envolver mais forte e intensamente a subjetividade operária.*” (p. 131).

Objetivamente, se os trabalhadores não apresentarem as aptidões, vistas como uma disposição para, vontade de, atuar conforme o esperado, serão certamente substituídos por outros (trabalhadores) que possuam o perfil e os atributos desejados. Neste panorama, dentre outras mudanças, o desemprego aumentará. E desse modo, não somente a sociedade contemporânea mundial presenciará este cenário crítico, que atinge principalmente os

⁷ O Fordismo tem como seu criador Henry Ford e caracterizou-se como um sistema de produção fundado na cooperação entre capital e trabalho. Tinha como princípios básicos: 1) o agrupamento fabril; 2) o trabalho em cadeia (linha de montagem), principal característica deste sistema; 3) valorização dos aspectos econômicos-sociais da indústria. Este sistema de administração teve como conseqüências: a) economia de tempo; b) não imobilização de estoques; c) redução sensível do ciclo do capital.

⁸ Frederic Winslow Taylor, engenheiro norte-americano, juntamente com Henry Fayol é considerado o pai da administração científica (1909), por estabelecerem os princípios básicos e as regras técnicas deste modo de administração. Os princípios básicos que regem o Taylorismo são: 1) desenvolvimento científico para cada elemento ou aspecto do trabalho; 2) especializar, formar e conduzir o operariado, através de instruções sistemáticas e adequadas (treinamento), procurando o melhor desempenho; 3) controle e

países do chamado Terceiro Mundo, inclusive o Brasil, mas também dos países capitalistas centrais. Exemplificando esta afirmação, tínhamos na década de 80, do século passado em nosso país, nas indústrias do ABC paulista, 240 mil operários metalúrgicos; hoje há de 110 a 120 mil. Em Campinas, dos 70 mil, somente restam 37 mil. Isto significa: maior produção, com menor operariado. (Idem, 2002).

Esta é apenas uma dentre as cinco tendências apresentadas pelo autor citado anteriormente que vêm invadindo o mundo do trabalho atual. Há que se pensar num trabalho de orientação profissional que esclareça esta tendência. As exigências cada vez maiores não poderão ser ignoradas por aqueles que desejem tomar uma atitude corajosa de mudança profissional.

Caberia ainda salientar a respeito do trabalho na modernidade, este que acompanhamos, um trabalho que não se configurará mais como vínculo empregatício, mas como terceirização da força de trabalho e todas as conseqüências que demandam essa nova forma de contratação, sem contrato e sem garantias ficando o trabalhador à mercê de um patrão que não o convoca a sofrer, a trabalhar, a ter prazer. Que não lhe ofereça garantias trabalhistas, pois por mais que não sejam justas, ao menos garantem uma forma de trabalho que não seja escravidão. E quem sabe reencontre o operário sem padrão, sem patrão e com trabalho que lhe signifique dignidade, prazer e também, por que não, ócio (com ou sem criação).

A respeito, da utilização do texto de Nazário como epígrafe deste capítulo, este deverá servir de inspiração aos orientadores profissionais, principalmente no sentido de esclarecer aos futuros sujeitos quanto à escolha ou da re-escolha profissional, e assim que as decisões lhes façam sentido, que lhes motivem para se afastar do lar, de ficar longe dos filhos, longe de outros prazeres. Assim, quem sabe, estes possam ir ao encontro da motivação diária, de retorno à atividade cotidiana, de se empenharem em algo que lhes traga satisfação, já que se permite repetir o autor: *é com esta luta que o meu salário vem... e com luta que eu amo meu trabalho também*, mas agora numa busca que vá ao encontro do trabalho no mundo, no mundo do trabalho.

2. 4. A ESCOLHA DE CARREIRA

Toda sociedade, independente de seu tipo,
fornece os quadros no interior dos quais
as carreiras nascem, desenvolvem-se e morrem.
(Chanlat: 1995, p. 68)

Segundo Chanlat (1995), a noção de carreira emerge nas sociedades capitalistas, abrindo as portas para novos modelos de sucesso e encorajando a promoção social. Anteriormente, a cada um cabia dedicar-se ao exercício de funções advindas da origem social e da tradição.

No século XIX, a carreira não está mais associada ou submetida a estes critérios. Por volta dos anos 80 do século XX, a idéia era de que a empresa deveria se preocupar em gerir a ascensão funcional a ela submetida. O termo *gestão* vem à tona com muita ênfase nos países industrializados. É neste contexto que a noção de carreira vinga.

Para London e Stumph (citados por Dutra, 1996), carreira representa:

(...) as conseqüências de posições ocupadas e de trabalhos realizados durante a vida de uma pessoa. A carreira envolve uma série de estágios e a ocorrência de transições que refletem necessidades, motivos e aspirações individuais e expectativas e imposições da organização e da sociedade. Da perspectiva do indivíduo, engloba o entendimento e a avaliação de sua experiência profissional, enquanto, da perspectiva da organização, engloba políticas, procedimentos e decisões ligadas a espaços ocupacionais, níveis organizacionais, compensação e movimento de pessoas. Estas perspectivas são conciliadas pela carreira dentro de um contexto de constante ajuste, desenvolvimento e mudança. (p. 17).

No entanto, são a cultura e a estrutura social presente em cada sociedade que acabaram modificando as configurações de carreira. Por exemplo, Chanlat (1995) informa que, na França, a carreira está fundada no diploma; já a carreira alemã, na experiência profissional, e a carreira americana nos méritos e performances individuais; por fim, a

respeito da carreira holandesa, o autor diz que está baseada na especialização e no espírito igualitário.

Segundo Bastos (1997), no Brasil, as carreiras importam tanto modelos americanos como europeus. Mesmo assim, as transformações no mundo do trabalho vêm produzindo claro impacto sobre a estrutura do emprego e a definição de ocupações. E assim, estes impactos das novas tecnologias acabam indicando a emergência de novas ocupações, enquanto outras tendem ao gradual desaparecimento, sobretudo, a formação universitária, vem se tornando requisito básico associado à definição de carreira. A atualização constante passa a ser requisito fundamental para a sobrevivência em organizações. Além disto, é esperado dos funcionários que sejam: flexíveis, criativos, adaptativos, com visão abrangente e formação cultural adequada aos interesses empresariais.

Tentando seguir estes padrões, há pessoas que se sentem “perdidas” ou “desorientadas” na difícil tarefa da escolha de uma profissão, ou mesmo na construção de uma carreira. No entanto, ainda que apresentem dificuldades individuais, seja pelo desconhecimento das profissões existentes, ou por qualquer outro fator, é preciso compreender que vivemos em uma sociedade na qual o trabalho é uma atividade social por definição, ainda que seja realizado totalmente ou em partes pelos indivíduos, e que a construção de uma carreira ou de uma profissão não pode estar desvinculada da realidade da qual o indivíduo faz parte.

Quanto à escolha ou re-escolha de uma profissão, estas não devem ser entendidas como sendo de responsabilidades estritamente pessoais. Nas palavras de Ferretti (1997):

A questão da escolha profissional, assim como as dificuldades enfrentadas para fazê-la, são situações criadas pela complexidade do processo de produção, pela divisão social e técnica do trabalho e pelo fato de a capacidade de trabalho de cada um (sua força de trabalho) assumir características de uma mercadoria como qualquer outra. (p. 11).

Conforme Sarriera e colaboradores (2001), ao se desenvolver projetos profissionais sem muita clareza, com base em fantasias no que concerne à elevada expectativa quanto ao futuro, em busca exclusivamente de inserção no mercado de trabalho, pode-se estar concorrendo, dentre outros fatores, ao sofrimento psíquico no trabalho, já que a saúde

mental é dependente também do modo como o trabalho é articulado e vivenciado pelos trabalhadores.

A questão da re-escolha é, na verdade, somente o início de uma transformação social, segundo Ferretti (1997) ela é apenas *a ponta de um fio* (p.107). Há na verdade por detrás dessa questão, há todo um conjunto extremamente complexo de relações, que envolvem questões de ordem econômica, social, política e cultural.

Neste sentido, no meio de uma carreira é preciso tomar cuidado antes de se aceitar um outro emprego, pois, se não se “encaixarem”, logo poderão reiniciar todo o processo de busca de um outro. O que antes era visto como uma preocupação empresarial, agora é visto como de responsabilidade do trabalhador, ou seja, os preparos para o trabalho e as promoções passaram a ser de competência e responsabilidade do funcionário. Além disto, as empresas têm buscado cada vez mais pessoas que saibam trabalhar em equipe, desempenhem trabalhos interdisciplinares e tenham habilidades comunicativas e interpessoal.

O homem atual parece que está passando praticamente um terço de sua vida, do seu cotidiano, na prática de uma atividade laborativa, isto quando não acaba dedicando o resto de seu tempo de lazer em atividades que se relacionam com seu trabalho, estudando, aperfeiçoando suas habilidades, realizando trabalhos em casa que não foram passíveis de término no local de trabalho e cuja urgência demanda trabalho extra não remunerado. A história de vida deste homem se define também pela sua inserção no mundo do trabalho. Ele menciona suas histórias da e na fábrica, empresas, escolas, onde quer que ele tenha desenvolvido (ou que ainda desenvolva) suas atividades. A vida para ele será sempre permeada por dois mundos: um privado e outro público. Todavia, o trabalho deixou de ser única e exclusivamente uma fonte de prazer, satisfação e de sentido para sua vida.

O trabalho de Reo precisará ter como meta o engajamento e o comprometimento do trabalhador com sua atividade sem que esta seja imposta ou decretada, pois sendo um processo intrínseco precisa ser o resultado da motivação, valores, talentos e habilidades pessoais. Conforme afirma Dutra (1996), *é em momentos de crise e escassez de emprego, que as pessoas tornam-se naturalmente mais preocupadas em planejar suas carreiras, buscando conselhos, métodos e instrumentos que as ajude nesse processo.* (p. 19).

Observa-se que um grande número de pessoas demonstra insatisfação e frustração em seus trabalhos, muito embora se pense que elas poderiam se sentir realizadas em uma outra atividade laborativa. Todavia, fazer coincidir profissão com paixão é tarefa difícil. A OP tem procurado cada vez mais diminuir esta dificuldade (objetiva e subjetiva), auxiliando as pessoas a escolherem, sempre dentro das possibilidades, um percurso ou caminho profissional que as leve ao encontro de sua realização pessoal, num trabalho que possa vir a ser a expressão significativa delas próprias.

Retomando algumas questões, vale ainda mencionar que a tarefa da orientação e reorientação profissional não deve ser tratada como exclusiva do orientador ou dos orientandos e/ou reorientandos. A pessoa que, ao escolher sua profissão não estará correspondendo somente as suas expectativas, está inserida numa família, numa comunidade, numa sociedade, na qual é construída e constrói sua história de vida pessoal. O mundo do trabalho do qual ela faz parte é transformado e transforma diariamente as relações sociais que a ele estão vinculadas. Nunca é um mundo estático, imóvel.

A pessoa que escolhe um ofício não deverá estar parada frente a estas transformações. Ela modifica o ambiente e é por ele modificada. Suas escolhas serão sempre “as possíveis”, as opções do momento. As mudanças que fazem parte de seu cotidiano podem propiciar novas reflexões a respeito de suas escolhas anteriores. Como bem afirmou Ferretti (1997) a respeito da desorientação a que são submetidas às pessoas, nada disto acontece sem explicação, *por trás dessa questão, encontra-se um conjunto muito complexo de relações econômicas, sociais, políticas e culturais.* (p. 107).

Na verdade, não deve ser tarefa da OP e nem da Reo apontar caminhos aos que procuram estes serviços. A proposta deve ser de uma escolha que faça sentido para as pessoas, e que estas, ao final da prestação deste serviço, possam escolher seus próprios caminhos, num mundo que está em constante modificação e que vem exigindo cada vez mais pessoas que o acompanhem. Como afirmou Ferretti (1997):

Quando as pessoas se vêem “perdidas” ou “desorientadas” frente à escolha de uma profissão, imediatamente tendem a achar que algo de errado está acontecendo com elas. (...) Na verdade, esta “desorientação” é mais efeito da complexidade do sistema produtivo – a divisão social e técnica do trabalho – do que a causa das dificuldades que elas sentem para escolher. (p. 10).

A tarefa dos orientadores deve ser também a de apresentar a vida nas histórias de vida de cada um, para que a própria pessoa possa dar-se conta de sua singularidade e das relações sociais que estabelece(u) ao longo de sua vida e qual a importância destas relações nas suas escolhas, e também de como se estrutura o mundo do trabalho e como este interfere na sua história pessoal e em suas escolhas e re-escolhas profissionais.

3. O CAMINHO PERCORRIDO

Estamos prestes a adentrar uma sala íntima.
A anfitriã cuidou de deixar a lareira acesa,
Separou seu melhor vinho e preparou um fondue de queijo;
Cabe a nós, os convidados, a delicadeza da mais respeitosa escuta
e do mais carinhoso olhar.
(Juliano: 1999, p. 11)

3.1. CARACTERIZANDO O LOCAL DE ATENDIMENTO

O presente trabalho foi realizado nas dependências do Serviço de Atendimento Psicológico (SAPSI), do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), junto ao Laboratório de Informação e Orientação Profissional (LIOP).

O SAPSI foi criado em 1976, sendo que somente em 1996 veio a ser aprovado, pelo Colegiado do Departamento de Psicologia, o Regimento Interno e as Normas de Atendimento deste serviço, que passaram a disciplinar e orientar todas as ações ali desenvolvidas. Este órgão caracteriza-se por oferecer Programas de Atendimento Psicológico a estudantes, comunidade e funcionários da UFSC e desenvolve atividades buscando criar as condições necessárias para a realização de estágio supervisionado, nas diferentes modalidades do trabalho clínico.

Na qualidade de prestador de serviços à comunidade, o SAPSI conta com uma vasta demanda para atendimento em OP de jovens do 2º grau e pré-vestibulandos, os quais estão vivenciando as dúvidas e/ou angústias precedentes à escolha de um curso

universitário e de uma futura profissão. Também há uma crescente procura pelo serviço de Reo por parte de estudantes universitários, graduados ou não, que se dizem insatisfeitos em suas escolhas e desejam encontrar uma outra área de estudo/trabalho, ou ainda confirmar a escolha anteriormente feita.

O LIOP, fundado em 1988, tinha como objetivos desenvolver trabalhos na área de Orientação Profissional e confeccionar material de Informação Profissional em parceria com o Departamento de Jornalismo. O funcionamento do laboratório foi interrompido no período de 1991 a 1995, devido ao afastamento do professor responsável para o doutorado, sendo que no ano de 1996 as atividades foram retomadas.

Atualmente, o LIOP faz parte de um dos Projetos de Extensão do SAPSI e se mantém diretamente ligado aos Cursos de Graduação e de Pós-Graduação em Psicologia, estando pautado na integração de ensino, pesquisa e extensão. Caracteriza-se por oferecer atendimento à comunidade em Informação e OP, além de constituir-se em oportunidade de estágios supervisionados em psicologia aos alunos da graduação e campo de pesquisa aos alunos da pós-graduação (em Psicologia). O LIOP está vinculado diretamente a Coordenadoria de Atendimento ao Adolescente. Oferece ainda cursos de Aperfeiçoamento e Extensão em OP para profissionais que atuam na área, a fim de melhor capacitá-los para a realização deste trabalho. Sua meta também vem a ser a realização de trabalhos conjuntos, através do estabelecimento de convênios, com entidades ligadas a OP, a fim de realizar um trabalho de intercâmbio em nível estadual e nacional, como a organização de eventos e apresentação e publicação de trabalhos científicos realizados.

Com relação aos atendimentos de Reo, anualmente são prestados de 100 a 150 atendimentos no SAPSI. A demanda no início de cada semestre chega a ultrapassar 50 solicitações, e foi a partir deste contingente que definimos o sujeito desta pesquisa.

3.2. PROCEDIMENTOS PARA ESCOLHA DO SUJEITO

Obedecendo a uma lista de espera de Reo no LIOP/SAPSI/UFSC, selecionamos dentre as pessoas que aguardavam pelo serviço aquela cujo perfil correspondia aos

seguintes critérios: idade entre 30 e 40 anos, deveria estar empregada e ter solicitado o serviço de Reo do LIOP através do preenchimento da ficha de inscrição (existente neste setor) para este atendimento. A opção por uma pessoa que estivesse nesta faixa etária e trabalhasse está relacionada principalmente ao objetivo desta pesquisa, qual seja, selecionar alguém que já estivesse inserido no mercado de trabalho e que possivelmente questionasse de maneira diferenciada sua escolha profissional. As questões relacionadas à escolha estariam assim embasadas em aspectos profissionais firmados em suas experiências, e não numa expectativa futura de trabalho/emprego.

3.3. DESCRIÇÃO DO SUJEITO

A pessoa selecionada é do sexo feminino e convencionou-se chamá-la de Amália⁹. Tinha 30 anos na época da primeira entrevista, era solteira e estudante universitária. Residia em Sabiá e estagiava em uma seguradora bancária, que atuava no setor de pensões e aposentadorias. Amália era filha de pais separados - Bill, auxiliar contábil aposentado, residente em Sabiá, e Camila, cabeleireira, residente em Rinoceronte. Amália tem uma única irmã, Daniela de 28 anos, casada, auxiliar administrativa também residente em Rinoceronte e mãe de Edinho. Amália informou que foi casada por três vezes, com Fábio, Gabriel e Heitor, respectivamente. Atualmente ela namora Irineu.

Conforme ficha preenchida por Amália, esta procurou o serviço *para ter clareza a respeito de decisões na escolha do curso que faz atualmente*. Já frequentou outros cursos universitários - Ciências da Computação e Psicologia - mas não concluiu nenhum deles. Foi informada a respeito dos trabalhos de Reo oferecidos pelo LIOP através do Serviço Social desta universidade.

⁹ Conforme contrato ético firmado com o sujeito, o nome deste e de seus familiares, bem como os demais nomes de pessoas a serem mencionados pelo sujeito da pesquisa, são fictícios. Foram trocados também os nomes das cidades por nomes de animais e o local de seu estágio por uma expressão.

3.4. DESCRIÇÃO DO PROCESSO

No total foram realizados 14 encontros. Destes, 13 gravados em fitas K7. Os encontros foram acontecendo semanalmente e sua duração variava entre 30 minutos a 2 horas. O instrumento para a coleta de informações foi à própria técnica a ser verificada, “*história de vida*”, em que o sujeito relata suas percepções pessoais, suas experiências, os acontecimentos vividos por ele durante toda sua trajetória de vida, tal como ele percebe e aos quais atribui significação e posição particulares.

3.4.1. FALANDO DE HISTÓRIAS DE VIDA

Não quero lhe falar, meu grande amor,
das coisas que aprendi nos discos.
Quero lhe contar como eu vivi e
tu...do que aconteceu comigo.
(Belchior, Como nossos pais.)

(...) lembro-me que ele me disse...
“Sinto falta de você”, ele disse,
“sinto falta do nosso trabalho juntos. (...).
(Mintz: 1984, p. 57).

Falar de histórias de vida é falar de exclusividade, uma vez que cada ser humano vive sua vida a seu modo, mas é também falar de encontros que deixam marcas, pelo menos nos que deles participam. Seja o informante ou o pesquisador, ambos ficam marcados pelas memórias daquilo que foi mencionado, um registro saudoso. Neste colóquio, não há uma disputa de posição, de lugar a ser ocupado, pois ambos os participantes são importantes para que o relato aconteça. Um não existiria sem o outro, os dois são construtores das lembranças que compartilham. Só uma coisa os distingue: o informante diz de sua vida o que quiser, já o pesquisador gostaria de ouvir aquilo que procura responder e/ou saber.

A vida de alguém é algo puramente singular, singelo e exclusivo. Traria todos os adjetivos possíveis, se fosse necessário esclarecer o quanto um ser humano é ímpar e

especial. Todavia, sozinho ou em multidão, cada ser humano vai se configurando um ser humano entre os demais. Um homem, humanizado, que se constrói em meio ao humano e que constrói humanidades. É ele quem transforma e é transformado nas e pelas relações estabelecidas com os outros, seus semelhantes. É deste homem, que se faz diferente a todo instante, que tratam as “*histórias de vida*”, histórias de alguém. Estas histórias são sempre uma urdidura social, na qual o menor (singular) se incorpora ao maior (coletivo), mas nunca se misturam desordenadamente, no qual ele, o menor, fica mesmo é entrelaçado, fazendo rede com o maior. Uma rede social tecida nas e pelas histórias.

A singularidade que espelha o humano particular não é a mesma que sua história possa significar, pois por mais que represente um sujeito único, toda “*história de vida*” é também história de uma coletividade. Podemos observar isto nas palavras de Queiroz (1991):

Não é novidade alguma afirmar que o indivíduo cresce num meio sócio-cultural e está fundamentalmente marcado por ele. Sua história de vida se encontra, pois, a cavaleiro de duas perspectivas: a do indivíduo com sua herança biológica e suas peculiaridades, e a de sua sociedade com sua organização e seus valores específicos. A história de vida, em resumo, se encontra a cavaleiro de duas disciplinas, a psicologia e a sociologia. (p. 21).

De qualquer modo, as histórias de vida enquanto técnica de pesquisa, vem sendo utilizada nas Ciências Sociais e recebendo importante consideração por parte destes pesquisadores, vista inclusive como uma das propostas mais significativas ou a que melhor representaria a prática destes cientistas como instrumento de coleta de dados numa abordagem qualitativa.

Dada a sua importância, pensamos que a mesma poderá vir a auxiliar os trabalhos de Reo em OP. Neste sentido, a utilização deste instrumento de coleta de informações nesta pesquisa é tanto tema como método de trabalho.

Laville & Dionne (1999) afirmam que as histórias de vida servem a vários cientistas, dependendo do interesse de cada um e que elas podem ser utilizadas para explicar diferentes fatos, sejam eles: históricos, lingüísticos, psicológicos, sociológicos, dentre outros. Segundo estes autores, as histórias de vida *servem tanto ao historiador apaixonado por pequenas histórias para esclarecer o ‘grande’, quanto ao homem de letras,*

a psicólogo e, claro, às pessoas preocupadas com os fenômenos sociológicos e culturais. (p. 158).

Moreira (1953/1991), Bastide (1953/1991) e Queiroz (1988/1991) mencionaram que, antes de ser utilizada pela Sociologia, a técnica “*histórias de vida*” havia sido instrumento de coleta de informações bastante útil para a Antropologia e a Psicologia.

Moreira (1953/1991) informa ser visível à conotação psicológica nas definições apresentadas por autores estudiosos desta técnica, sendo entendida como coleta e ordenação das histórias de vida de um sujeito com a intenção de explicar o desenvolvimento da personalidade humana.

Já para Bastide (1953/1991), havia uma preocupação com o desenvolvimento da personalidade e sua relação com o meio social ou cultural. Neste sentido, as pesquisas estavam muito mais voltadas às origens psicológicas do que aos fatos sociais propriamente ditos.

Queiroz (1953/1991), por sua vez, diz que a Sociologia passou a tirar proveito das histórias de vida assim que tomou conhecimento de como elas podem vir a ser úteis como técnica de coleta de informações; porém a autora ainda menciona que foi a Psicologia que se serviu primeiro deste instrumento. Contudo, tanto a Sociologia quanto a Psicologia, cada uma têm atitude distinta perante este material, e isto não as impediria de trabalhar, inclusive juntas.

Conforme Mintz (1984) mencionou, foram os trabalhos de Franz Boas (1858-1942) que impulsionaram a utilização de histórias de vida, porém com certa desconfiança no que se refere à questão de generalizações a partir de um único sujeito, isto no início do século passado. Franz Boas, geógrafo alemão, naturalizado americano, preocupado com a preservação da memória e da história tribal dos velhos caciques e pajés americanos, acabou se convertendo à Antropologia realizando um trabalho memorável, reconhecido como um dos precursores das histórias de vida.

O fato de, no princípio, a história de vida foi utilizada pela Psicologia e, em seguida, incorporada à Sociologia e a outras áreas do conhecimento, a torna relevante, principalmente, na medida em que, ao sabermos a origem e a aplicação inicial deste instrumento podemos obter um panorama do que se poderá conseguir com ele. De fato, a

partir desta apropriação feita por outros pesquisadores, se obteve uma ampliação e trazendo maiores esclarecimentos sobre características e possíveis problemas no uso desta técnica.

As diferentes leituras em relação às histórias de vida ora esclareciam-na, ora confundiam-na com outras técnicas, como os depoimentos pessoais, a biografia ou a autobiografia. Descrever algumas características a respeito de cada técnica passou a ser necessário, mesmo porque as distinções são pequenas e isto pode modificar completamente a forma de coleta e os resultados que se quer obter. O que na verdade distingue um relato de outro são sutilezas que precisam ser compreendidas, caso contrário, podemos incorrer em alguns erros, como colher depoimentos pessoais ao invés de histórias de vida. A forma como um relato oral é captado acaba definindo seu conceito e essa é a primeira distinção.

Todos os relatos orais são formas de se entrevistar um sujeito e, através deste relato, conseguem-se informações sobre o que se pretende analisar. Por exemplo, como no caso das histórias de vida, estas são, vez por outra, confundidas com história oral¹⁰, porém a última engloba a primeira, e neste sentido é sempre mais ampla.

Meihy (1998) classifica a história oral baseando-se na forma em que esta é coletada, deste modo: a) história oral de vida; b) história oral temática; e c) tradição oral. A respeito da história oral de vida, o autor informa que ela é mais subjetiva que objetiva, e, aliás, é aí que reside sua força. Em suas palavras, *A história oral de vida é o retrato oficial do depoente. Nessa direção, a verdade está na versão oferecida pelo narrador, que é soberano para revelar ou ocultar casos, situações e pessoas.* (p. 45). Para ele, tudo quanto é narrado é relato oral. O que vai diferenciar uma história de oral de vida dos outros procedimentos é o modo de coleta, como mencionamos anteriormente, e os seus objetivos.

O sentido que Meihy (1998) adota para história oral de vida é o que outros autores chamam apenas de histórias de vida. Como afirma Queiroz (1988/1991), uma história de vida: (...) *é contada por um personagem e gira em torno deste.* (p. 20). E é sempre uma história que se faz no plural, história de histórias vividas por alguém, por um grupo, por uma instituição.

Por outro lado, a mesma autora faz uma distinção mais metódica a respeito das várias formas de se captar um relato oral, sugerindo que a mais ampla corresponde aos relatos orais. Em seguida teríamos as entrevistas, e todos outros modos de captação que

acontecem a partir de entrevistas, podendo ser: História de vida; Depoimento pessoal; Autobiografia; e Biografia.

Neste sentido, conforme Queiroz (19988/1991), há várias formas de se coletar relatos orais, a primeira delas é a *Entrevista* - técnica mais antiga de coleta de dados, que está presente em todas as formas de obtenção de informações. Ela ora fornece dados, ora os completa. Sua classificação mais comum é ser: dirigida, semidirigida, não dirigida. A segunda é a *História de vida* – que é uma fonte, um documento, o relato de alguém sobre sua existência, através do tempo numa tentativa de reconstrução dos acontecimentos, tal como são percebidos pelo sujeito, ao longo de sua trajetória de vida. Há ainda o *Depoimento pessoal* – que é sempre dirigido pelo pesquisador e termina quando este obtém os resultados, podendo durar um só encontro; a *Autobiografia* – publicada ou não, em que alguém revela sua vida, é apresentada por motivos pessoais; e a *Biografia* - que é a história de um sujeito redigida por outro.

Além de todos os relatos orais serem formas de entrevistas, em todos há sempre a presença de um pesquisador e de um informante (narrador). O *pesquisador* é guiado pelo objetivo de conhecer de perto uma realidade, procurando esclarecer algo que lhe interessa, preocupa ou inquieta. As partes, ou os cavados¹¹, que muitos chamam de dados, dependerão de seu domínio em encontrar o que busca, aquilo que de fato lhe for mais significativo em relação ao (s) seu (s) objetivo (s).

Já o *narrador* de histórias de vida, aquele que transmite sua experiência, independentemente do desejo ou do auxílio de outra pessoa, relata em detalhes, do modo mais completo possível, tudo que corresponde aos seus próprios intentos a respeito das histórias que conhece, e, por isso, o todo do relato lhe interessa. Deste modo, a técnica recebeu a denominação mencionada no parágrafo anterior, pois tudo que o relato pode ou não conter depende exclusivamente daquilo que seu narrador conta.

Para que consigamos construir memórias, o caminho a ser trilhado é árduo e solitário, e faz pensar que algumas lacunas devem ainda ser preenchidas. A história de vida, apesar de ter sido muito discutida no século passado e resgatada pela Psicologia, seu berço,

¹⁰ Mesmo não sendo este o foco deste trabalho, esclarecemos estes conceitos de modo resumido. Ver mais sobre história oral em: Correia (1978), Meihy (1998) Ferreira e Amado (1998).

¹¹ Cavados aqui se referem ao material coletado os Dados, as informações que servirão de análise posteriormente e que nunca se encontram com presente a quem pesquisa, pois precisam ser encontrados através de uma busca incansável, como que se estivessem enterrados em areia profunda e precisassem ser extraídos, escavados com pá.

foi abordada muitas vezes de maneira superficial, como se o leitor fosse simplesmente um velho conhecido, alguém que sabia do que se tratava. Mesmo fazendo distinção entre outras formas de coleta oral, esta foi a primeira dificuldade enfrentada por esta pesquisadora, não sabendo por onde exatamente deveria começar.

Primeiramente, conforme Haguette (1997), a *história de vida* pode ser enfocada, ao menos sob duas perspectivas: a) ser tratada como documento, ou b) como técnica de captação de informações. Como documento, o material colhido a partir de histórias de vida pode ser utilizado não apenas por quem o captou, mas por outros pesquisadores, inclusive com outros objetivos. Mas como coleta de informações, precisa ser completada por outras técnicas, a fim de confirmar ou cruzar informações que verifiquem a validade dos fatos.

Em segundo lugar, é preciso compreender que as histórias de vida interessam não somente por definir gostos e interesses, mas também por tratarem da singularidade e da coletividade e, por sua vez, devem ser captadas com o mínimo de interferências. E além disto, mesmo sendo uma história privada, esta é também pública, já que revela tanto as idiossincrasias como também a história das comunidades, dos lugarejos, a história local, em que se interpenetram as dimensões humanas, individual e coletiva, pois se compreende que o homem se constrói e é construído em sua própria história de vida.

Neste sentido, Olabuenaga (1989) informa que:

Como su próprio nombre lo indica, la Historia de Vida se apoya fundamentalmente en el relato que un individuo hace de su vida o de aspectos específicos de ella, de su relación con su realidad social, de los modos cómo él interpreta os contextos y define las situaciones en las que él há participado (...) El trabajo del entrevistador de una Historia de Vida es todo menos una escucha pasiva e inerte semejante a la del que atiende una conferencia o ve una película de cine. (p. 221).

Para Denzin (citado por Minayo: 1998), nas histórias de vida sempre estarão presentes as experiências e as definições vividas por uma pessoa, melhor ainda, o modo como esta interpreta sua experiência e a define. O mesmo autor ainda informa a existência de pelo menos dois tipos de história de vida, a saber: uma *completa*, que cobre todo o conjunto da experiência vivida por alguém, por um grupo, ou uma instituição, e outra *tópica*, que dá ênfase a uma temática específica. O que acaba diferenciando um tipo de

outro, é exatamente a forma de se coletar. Para tanto, uma *história de vida completa* é sempre um relato das histórias de alguém, do modo mais completo possível, desde sua infância até os dias das entrevistas; e quanto à *história de vida temática* refere-se a forma de se aborda um tema eleito como principal que o sujeito vai narrando, indo e vindo em suas recordações, mas que poderão ser trazidas juntamente com outras memórias.

Na história de vida temática, é possível também solicitar ao informante que fale sobre um tema específico, previamente proposto. Em ambas as formas, completa ou temática, o relato deve ser livre e não direcionado pelo pesquisador. Se houver algum tipo de interferência, deve ser sempre em torno do tema e não uma imposição. Quanto menos interferências, mais limpo o relato se torna; porém, é possível fazer algum tipo de questionamento, desde que este seja para esclarecer algo que tenha sido mencionado. Esta característica de não diretividade é norma a ser respeitada: a única direção deve ser a do próprio relator.

Na verdade, a única diretriz que se dá ao informante é a de que ele deva contar sua vida, do modo mais completo possível, procurando lembrar fatos, lugares, pessoas, de forma detalhada.

Nas histórias de vida, o informante é sempre livre para mudar o texto. Ele circula por onde quiser, pode falar de um lugar e mudar repentinamente a falar de pessoas, ou de fatos, tudo a seu bel-prazer. Essa característica dada ao informante acabou se tornando um sinônimo da própria técnica. Conforme Bastide (1953/1991), as histórias de vida receberam o status de “técnica da liberdade”, devido ao aspecto que lhe é característico: de ser expressa por um narrador e por este apresentada. No entanto, para que assumisse esta marca, tornou-se dependente de um pesquisador, o que por oposição lhe contraria.

As características mais mencionadas em relação a esta técnica foram as seguintes:

- 1^o) *a decisão do relato fica por conta do sujeito entrevistado;*
- 2^o) *uma história de vida não pode restringir-se a um único encontro;*
- 3^o) *podem ser utilizadas tanto em casos particulares, como em análises de coletividades e sociedades;*
- 4^o) *há dificuldades em relação à duração desta, somado à transcrição;*
- 5^o) *elas devem ser completadas por outras técnicas;*
- 6^o) *E por último, a análise é geralmente demorada.*

Cabe ainda mencionar que, antes mesmo de serem coletadas as informações, é necessário o estabelecimento de confiança entre informante e pesquisador, buscando propiciar uma relação menos formal e mais íntima.

A este respeito, Mintz (1984) foi bastante criticado em sua prática, por seus próprios colegas de trabalho. Porém, o autor afirma que numa relação na qual a afetividade é possível, o nível de estranhamento, entre pesquisador e pesquisado acaba sendo baixo, e para ele foi exatamente este fato que facilitou seu trabalho: (...) *foi porque éramos amigos que me atrevi a propor que, uma vez mais, trabalhasse comigo. Porque éramos amigos, acredito, ele concordou.* (p. 52). O referido autor menciona que uma preocupação deste tipo cabe muito mais a um psicanalista do que a um cientista social ou a um pesquisador de qualquer outra área do conhecimento.

Ele ainda (admite e) aceita sua responsabilidade por qualquer prejuízo advindo deste tipo de relacionamento. Em suas palavras: *Eu admiti e aceitei, então, a responsabilidade por qualquer deformação que daí resultasse, como aceito também a responsabilidade por qualquer perda de 'objetividade' que supostamente resultaria de minha amizade com Taso* [nome de seu sujeito de pesquisa]. (Idem, p. 55).

Concordamos com Mintz (1984) a este respeito, uma vez que se torna impossível coletar informações a respeito de histórias de vida de forma mecânica, sem sentimentos. A distância que se precisa manter deve ser medida com cautela, nem de forma demasiadamente técnica e nem exclusivamente afetiva, porém o envolvimento não deve ser problema metodológico.

Há pelo menos duas surpresas na coleta deste material: a) o relato fica à mercê de um narrador (seguindo a seu modo: o que dizer, como dizer e quando dizer; tecendo a história de sua vida, incluindo ou excluindo personagens, fatos, lugares ou acontecimentos); b) o pesquisador pode encontrar ou não respostas as suas indagações. Segundo Queiroz (1991):

Certamente, uma só história de vida não esgotará todos os aspectos e nem todas as interpretações dos fenômenos que se pretende esclarecer; mas sempre levanta relevante série de questões sobre as quais não se havia cogitado ainda, ou fornece novas perspectivas a respeito do que já se conhecia. (p. 13).

Além destas duas surpresas, pode-se encontrar uma certa dificuldade: as histórias de vida devem acontecer em vários encontros, como menciona Olabuenaga (1989):

la Duración (número de encuentros necesarios) de una entrevista orientada a la construcción de una Historia de vida, es por necesidad, más prolongada que la de una entrevista normal, lo cual exige del investigador una planificación logística más detallada que la de ésta. (p. 225).

O tempo de duração de uma história de vida é, para Queiroz (1988/1991), a maior dificuldade que se pode encontrar. Além disto, o tempo de coleta deve ser estabelecido de tal forma que não canse nem o narrador e nem o pesquisador e nunca deverá ultrapassar duas horas. Neste sentido, as histórias de vida demandam um tempo especial de coleta e de transcrição. Por exemplo, uma hora gravada de coleta, pode levar mais de oito horas somente para sua transcrição. Por isso, possivelmente uma única história de vida pode conter material para muitas pesquisas.

Sendo as histórias de vida completa ou temática, uma regra básica na utilização destas técnicas é que elas devem ser completadas com outros instrumentos, como o diário de campo, por exemplo, no qual podem ser anotadas as impressões que se tem deste encontro, o local, a forma como pareceu estar o informante, ou se houve algum tipo de interferência durante a coleta do material. Estas informações poderão servir, assim, para uma análise posterior.

Outro aspecto que não pode ser esquecido, conforme Brioschi e Trigo (1987), é que o informante (seu relato) não deve ser “reificado”, e sim considerado como uma determinada versão deste. Entretanto, as autoras consideram este instrumento como uma rica fonte para estudos, principalmente de trajetórias de vida e mobilidade social, nos quais pode-se apreender as relações estabelecidas pelos sujeitos em sua história de vida, apontando para o sentido histórico e as dinâmicas relações sociais vivenciadas.

Segundo Barthes (Em: Bauer & Gaskell, 2002), apesar de a narrativa estar presente em todas as idades, em muitos lugares e em cada sociedade, ela começa com a própria história humana e, neste sentido, nunca existiu, em lugar algum e em tempo algum, um

povo sem narrativa. A narração está sempre ali, em todos os lugares, em qualquer tempo, como a própria vida.

Neste sentido, as afirmações feitas até aqui reforçam a utilização das histórias de vida como instrumento de coleta de dados para a escolha ou re-escolha profissional, uma vez que, estes trabalhos podem ser percebidos como auxiliares nos processos que acontecem ao longo da vida de cada um. As dúvidas profissionais parecem emergir com mais frequência quando desvinculamos de nossas vidas a responsabilidade que nos cabe de fazer aquilo que nos é pertinente, e adotamos escolhas para os outros, para os pais, para o cônjuge, para as necessidades do mercado ou suas ofertas de momento. Acreditamos que, quando nos dispomos a conhecer nossa história, estamos mais próximos de escolhas reais. Quando nos distanciamos de nossa vida e depositamos na sociedade uma tomada de decisão interessante somente para ela, abrimos mão de nossa própria história e de nossa opção mais “verdadeira”. É na própria vida que se encontram as decisões menos fantasiosas, mais realistas e possíveis. As dúvidas sempre farão parte deste processo cada vez mais cheio de opções a se concretizar.

Neste sentido, após a compreensão do instrumento de coleta de dados optou-se finalmente pela utilização deste, gravando-se todas as sessões e posteriormente transcrevendo-as.

No que se refere ao primeiro contato, este foi feito ao telefone. Uma vez informada sobre a oportunidade de atendimento, Amália e eu marcamos o primeiro encontro para o dia 09/04. Os encontros aconteceram todos nas salas de atendimento individual ou grupal no SAPSI/UFSC, durante os meses de abril a setembro do ano de 2003. Inicialmente, estabelecemos um contrato de atendimentos semanais, porém o trabalho foi interrompido algumas vezes, devido à paralisação dos funcionários federais; a problemas de saúde enfrentados pela pesquisadora; e ainda em função de viagens a serviço da reorientanda.

As histórias de vida (completa e temática), como propõe por Denzin (1974), foram utilizadas em sessões diferentes. Para as histórias de vida completa, solicitou-se ao informante que falasse de sua vida o que fosse lembrado desde sua infância até os dias atuais; em seguida aguardou-se a continuação do trabalho com o relato do sujeito. Às vezes, o relato inicia-se deste modo: *eu não sei o que eu vou dizer, o que vamos falar hoje, não sei*. Porém percebeu-se que o informante não fazia silêncio por muito tempo, e inicia o

relato sem apresentar dificuldade alguma, neste caso em especial, o início dos encontros aconteciam rapidamente.

Nos encontros em que foram utilizadas histórias de vida temática, o tema foi proposto antecipadamente, pelo menos com uma semana de antecedência, porém as sugestões não ocorreram ao acaso. Geralmente, o tema sugerido já havia sido mencionado pela informante e precisou-se saber mais detalhes sobre os acontecimentos de sua vida. De qualquer modo, informa-se que não há garantias de que o tema proposto possa emergir, e nisso confere-se uma das características deste método.

Neste sentido, os encontros aconteceram da seguinte maneira: **Relatos livres de histórias de vida - história de vida completa**, com a mínima interferência da pesquisadora, sem tema definido por esta, ficando o conteúdo a critério da entrevistada. Esses encontros aconteceram nos dias 09/04, 14/08 e 28/08; **Relatos temáticos de histórias de vida – história de vida tópica**, com interferência da pesquisadora, e tema estabelecido na sessão anterior pelas envolvidas. Estes nos dias 23/04, 28/05, 04/06, 02/07, 15/07 e 22/07; **Técnicas auxiliares**, nos dias 16/04, 11/06, 25/06, 24/09.

A utilização de técnicas auxiliares está vinculada à necessidade de a técnica **história de vida** ser combinada a outros procedimentos, fato este mencionado por autores como Kosminsky (1986), Queiroz (1988) e Ferreira e Amado (1998). Foram utilizadas quatro técnicas tradicionais de OP, que serão descritas na seqüência em que foram utilizadas, a saber:

- cartaz¹² - presente, passado e futuro;
- gráfico da vida profissional¹³ ;
- genoprofissiograma¹⁴ - confeccionado em casa, corresponde à árvore genealógica profissional familiar;
- carta de despedida¹⁵ - dissertação em forma de carta que serve de reflexão e avaliação de como o processo de Reo aconteceu para o sujeito. Solicitada no antepenúltimo encontro (28/08).

¹² Descrita por Soares-Lucchiari: 1993, p. 48-49.

¹³ Soares: 1987, p. 95.

¹⁴ Apresentado por Soares-Lucchiari: 1997, p. 142.

3.5.DESCRICÃO DAS ANÁLISES

Para analisar as histórias de vida optou-se por trabalhar com análise de conteúdo, que define *categorias* não *a priori*, mas segundo Franco (1994), estas *emergem da fala, do discurso, do conteúdo das respostas e implicam uma constante ida e volta ao material de análise e à teoria*.(...). (p. 176).

Neste sentido, os *dado* são as *informações* obtidas e, estas não foram oferecidas gratuitamente para a pesquisadora, mas vasculhadas exaustiva e repetidamente no texto. Nesse processo, as categorias foram sendo criadas na medida em que emergiram nos relatos e depois interpretados. Cabe salientar o que Minayo (1998) menciona a respeito do *dado*, uma vez que *não é o campo que traz o dado, na medida em que o dado não é ‘dado’, é ‘construído’*. (p. 235).

Bogdan e Biklen (1994) informam que: *a análise envolve o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta dos aspectos importantes e do que deve ser aprendido e a decisão sobre o que vai ser transmitido aos outros*. (p. 205).

As categorias emergentes foram: desempenho profissional, com relatos familiares e profissionais: mãe, pai e Amália, e sobre as instituições de ensino pelas quais nossa informante havia passado, seus limites e possibilidades; a escola primária, magistério e cursos universitários freqüentados; e sobre o trabalho, muito trabalho.

4. O PROCESSO: VIDA CONTADA EM MEADAS

Este capítulo destina-se à descrição dos encontros realizados no processo de Reo, em que o propósito é relatar os encontros, de forma resumida, já que não seria viável incluir todos os relatos em anexo. De qualquer forma, será incluído na íntegra (em anexo) o relato do segundo encontro, de conteúdo muito significativo. A decisão deste capítulo não foi feita por acaso. Como falar de uma história de vida sem mencioná-la, mesmo que seja resumidamente? Deste modo, apresentam-se partes da história de uma vida tecida e misturada a risos e gargalhada, de ansiedade, de alegria, de prazer e tristeza, e de muita

¹⁵ Descrita por Soares-Lucchiari: 1993, p. 67-68.

cumplicidade. Neste sentido, informa-se que algumas partes deste relato foram escritas de modo pessoal, *não consegui* fazê-lo de um outro jeito.

4.1. FIO QUE TECE, LAÇO QUE ENVOLVE, FALANDO DA HISTÓRIA DE VIDA

4.1.1 TECENDO POSSÍVEIS ENCONTROS (03/04)

Neste dia foram feitos esclarecimentos sobre o trabalho de Reo e sobre a pesquisa. Esta sessão não foi gravada, já que não havia um contrato estabelecido e nem consentimento por parte do sujeito. Teve duração de cerca de 30 minutos e foram mencionadas as diferenças entre uma Reo e uma OP e as formas de intervenção.

Ficamos sentadas em cadeiras uma de frente para outra, numa das salas de atendimento grupal. A sala é ampla e contém umas 30 almofadas colocadas ao chão. Nosso contato foi extremamente rápido. Não ficou claro para mim se ela havia compreendido exatamente os objetivos do trabalho e se estava disposta a contribuir para minha pesquisa. Na verdade achei que minha candidata iria desistir, pois sua expressão facial aparentava dúvida. Confesso que fiquei preocupada, as dúvidas agora eram minhas.

Senti-me insegura e só na semana seguinte esta sensação foi perdendo intensidade, mas ainda estava lá. Penso que no início de um trabalho em que você depende do sujeito entrevistado experimenta-se um “friozinho na barriga”. Esse primeiro momento é descrito por Bohoslavsky (1977) como uma explicitação por parte do psicólogo sobre a estratégia de trabalho a ser adotada e serve como uma investigação que se mantém nos encontros seguintes, sendo sempre uma situação de interação.

Uma entrevista de orientação profissional deve ser entendida como um “pensar com”, em que o orientador e orientando são co-pensadores. A este respeito, o autor completou informando que *o objetivo fundamental da primeira entrevista é a elaboração do primeiro diagnóstico; eventualmente, a formulação do contrato de trabalho e, também eventualmente, o encaminhamento do entrevistado para outro tipo de atendimento.* (p. 96).

A sessão pode ser resumida como uma apresentação do trabalho a ser desenvolvido e a possibilidade do interessado fazer ou não parte da pesquisa.

4.1.2. UMA VIDA CONTADA EM DUAS HORAS

(09/04, relato completo, ver anexo nº 01).

Este encontro foi o mais longo de todos, tendo acontecido em duas horas. Como o título sugere, não havia temática específica e todo o relato ficou a critério de Amália, sendo o início e o término por ela determinados.

O início foi marcado por uma fala da entrevistada: *Estranho*. Ao dizer isto, referia-se ao gravador que havia sido ligado. Concordo com o que ela menciona e continuamos o encontro. Confesso que não há palavras que expressem o que se passou entre nossos olhares. Ambos, pesquisador e pesquisado, sentem esse desconforto inicial, uma denúncia a respeito de um trabalho entre desconhecidos, um vínculo ainda não estabelecido. Será que teria sido diferente se não tivéssemos que gravar?

O aspecto de estranheza é confirmado por Bohoslavsky (1977), quando este fala da entrevista como uma situação nova, que suscita ansiedades, seja diante do desconhecido ou de uma situação que provoque mudança. São, como ele chama, *temores de inadequação tradicionais, em face de esta situação específica*. (p. 136).

Quanto ao modo como é feita a coleta de informações, Kosminsky (1986) informa que dependendo do pesquisado, atitudes que ela chama de “defesa” podem ocorrer. Segundo a autora, os problemas advindos do emprego do gravador podem ser amenizados por outras técnicas de coleta de informações, porém há um inconveniente: o do relato poder ser modificado pelo pesquisador, já que a memória pode lhe trair. Frente a esta possibilidade, preferimos manter a gravação.

Amália iniciou o encontro falando de sua vida de infância, quando tinha idade entre 4 ou 4 anos e meio. Morava em Rinoceronte. Nesta época, queria insistentemente ir para a escolinha; então, passou a frequentar uma escola pública municipal, onde permaneceu até a 3ª série do primário. O contato com as professoras foi extremamente singular, a começar pela carteira que lhe foi oferecida junto à mesa da professora. Esta é apenas uma entre

tantas lembranças de que Amália era diferente neste espaço, ou se não era, a situação foi assim percebida, foi assim significada.

O ano seguinte seria muito diferente. Amália mudou de escola e experimentou outras formas de se relacionar com professores e colegas. Aquela criança da escola pública municipal tornou-se uma criança a mais, entre tantas outras que já freqüentavam o novo espaço.

De qualquer modo, ela deixou claro que: *De tão xereta, chata, não sei como, mas uma professora, a mais temida da escola, eu era a sombra dela, né?* Uma aproximação que talvez não fosse por acaso, possivelmente um encontro entre “diferentes”, diferentes do grupo, diferentes dos outros, diferentes nas relações que mantinham com os outros.

A aproximação com tal professora lhe confere acesso a um outro mundo, não o mundo estudantil, mas o mundo docente: auxiliou a professora na preparação das aulas para os alunos da 5^a e 6^a série, nas organizações de cadernos escolares, nas provas, na soma de média dos alunos do colégio. Amália estava na 8^a série neste período. Na passagem para o segundo grau, a escolha foi inevitável, já havia sido construída. Optou pelo magistério, que já era sua rotina.

No entanto, a menina encontrou barreiras, por parte do pai, das professoras e de seu próprio corpo. Adoeceu, teve períodos difíceis, pois exatamente no momento em que iria passar do conteúdo teórico para a prática de ensino, uma doença emergiu e foi além de seu controle. Algo não ia bem na vida pessoal, seus pais, após anos de brigas e desafetos, resolvem separar-se. A mãe preparou-se para a separação organizando a própria vida e as possibilidades de trabalhar sem depender economicamente do marido. As brigas tornaram-se constantes e os diálogos eram intermediados por Amália. Os pais separaram-se definitivamente, e ela ficou incumbida de auxiliar o pai na sua mudança.

Amália passou a trabalhar no salão de beleza com sua mãe. Foi neste espaço que mais uma vez o ato de ensinar esteve presente. Foram lições de corte de cabelo e aplicação de produtos químicos para os alunos da escola de cabeleireiro, que funcionava junto ao salão de beleza. Por volta dos 15 anos, ela já montou o próprio espaço de trabalho e, além disso, tinha funcionários para administrar.

A mãe namorou durante seis meses e resolveu se casar novamente. Amália passa, então, por conflitos com o padrasto, e não conseguindo viver no mesmo ambiente que este,

optou por morar com o namorado, Fábio. Este período foi considerado por Amália como seu primeiro casamento. A época coincide também com o fim do ano letivo, que não conseguiu concluir devido à gravidade de uma doença não diagnosticada e confundida com AIDS. Depois de idas e vindas a diversos médicos, o diagnóstico foi de alergia ao giz escolar e às tintas que eram manipuladas no salão de beleza durante os cursos que Amália ministrava. O médico foi taxativo e claro: *Ou tu vai ser professora morta ou tu fica viva. Ou tu vai ser professora e morre.* E ainda: *Ah, então tu não pode nem ser professora, nem ir pro salão.* Então, ela retornou ao salão de beleza, mas somente para as atividades administrativas.

Quando Amália terminou o curso de magistério, prestou seu primeiro vestibular para Psicologia. No exame psicotécnico não obteve aprovação. Passou a freqüentar um curso pré-vestibular. Desta vez, optou por Ciências da Computação, sendo aprovada. Mesmo não conseguindo incentivo nem apoio financeiro do marido e do pai para freqüentar o curso que era particular, insistiu e enfrentou as dificuldades financeiras vendendo lingerie.

Mais tarde decepcionou-se com o curso de Ciências da Computação, porém interessava-se pelas disciplinas de Matemática, que foram freqüentadas com êxito. Eram disciplinas de cálculo, geometrias e estatística. Logo as vendas de lingerie aumentaram, e ela desistiu do curso para manter o pequeno comércio, que acabou se tornando uma micro-empresa. Afastada do salão, administrou sozinha o negócio.

O marido resolveu participar do quadro político da cidade e também construir uma pousada em Sabiá, entrando para o plano de demissão voluntária da Companhia de Energia Elétrica de Rinoceronte, com o objetivo de utilizar o dinheiro da demissão para a construção do novo investimento.

Amália sentia-se insatisfeita com o casamento e, preparou-se para a separação, impondo-se algumas obrigações, como pagar algumas pendências e mobiliar a pousada. Ao cumprir suas obrigações iniciou uma nova etapa em sua vida. Abandonou a micro-empresa e voltou a trabalhar com a mãe no salão, auxiliando o padrasto na administração. O trabalho com o padrasto foi interrompido pelos constantes conflitos que enfrentava com este. Esse momento foi vivido entre brigas, trabalho e problemas de saúde, também sem explicação ou diagnóstico médicos que definissem.

Neste período, prestou novamente o vestibular para Psicologia, sendo aprovada. Durante a primeira fase, em contato com a coordenadora e as disciplinas, observou que o curso tinha como escola principal a psicanálise. Não havendo outra abordagem psicológica que interessasse Amália, preferiu abandonar o curso. Cansada com o trabalho e com as aulas, decidiu viajar e passar férias na Bahia. O tempo de descanso foi trocado por badalações. Como ela mesma disse: *Curti tudo ao extremo (...)*.

Quanto às atividades profissionais, afirmou não ter interesse em voltar para o salão e nem para o curso de Psicologia. De volta ao Sul, passeando num shopping center, foi abordada por um rapaz que insistiu para que ela conhecesse seu amigo, Gabriel, europeu que estava de passagem pelo Brasil, com quem passou a namorar. O trabalho ficou em segundo plano, em suas próprias palavras:

Eu fiquei um ano viajando com ele. Eu não fazia nada, não trabalhava. O máximo que ele trabalhava eram 10 dias. Ele estava 15 dias aqui e 15 dias na Europa. Quinze dias a gente namorava e viajava o Brasil todo. E 15 dias na Europa e aqui, aquela vida de Dy [diz isto se referindo a Lady Diana] (...) Eu nem sentia a necessidade. Eu tenho que trabalhar, desenvolver uma carreira. O que que eu quero da minha vida. Eu quero nada, quero nem pensar. Eu estava avaliando como era viver num outro mundo.

O namoro com Gabriel terminou após um ano de viagens entre o Brasil e a Europa. Amália enfrentou, então, uma crise depressiva e, numa atitude radical, volta para o Brasil. Permaneceu adoentada de setembro 1999 a março do outro ano. Entre as pessoas que se preocupavam com seu estado de saúde estava Heitor, amigo de família, divorciado, advogado, com quem passou a namorar.

Amália foi morar com ele e tendo melhorando da crise depressiva, prestou novo vestibular, o primeiro para Artes Plásticas, onde não obteve aprovação. Segundo mencionou, Heitor lhe deixava tranqüila para decidir o que fazer, não havendo preocupações efetivas com a questão profissional. Mesmo assim, prestou concurso público e foi aprovada. Às vésperas do vestibular, Heitor sofreu infarto. Após alguns meses, sofreu novo infarto, falecendo em abril de 2001. Os dois anos e meio aproximadamente que Amália viveu com ele foram percebidos como anos de muita tranqüilidade e equilíbrio emocional. Com a morte dele, Amália decidiu voltar a morar com a mãe.

Amália quando separada de Gabriel ficou com a pousada de Bicho Preguiça, e assim, resolveu juntamente com o pai retomar a construção da pousada passou a residir em Sabiá, ficando dividida entre Sabiá e Rinoceronte, enquanto torcia para que a mãe conseguisse trabalhar sozinha. Prestou novos vestibulares, um em Rinoceronte e outro em Sabiá. Foi aprovada em ambos. A primeira parte da pousada em Sabiá ficou pronta, e o pai passou a administrá-la.

Amália decidiu mudar-se para Sabiá e cursar Matemática: *Eu escolhi fazer Matemática. A Matemática pela minha paixão na época da universidade, mas a Matemática é uma coisa que toma muito tempo.* Durante o primeiro semestre, ela pôde estudar sem trabalhar, pois havia trazido uma quantia importante em dinheiro.

Nesta época, conheceu Irineu, seu atual namorado, que lhe deu o apoio necessário para se manter na cidade que mal conhecia. No entanto, o dinheiro de suas economias que carregava diariamente numa caixa e que havia reservado para seus estudos foi roubado numa de suas saídas de casa, o que lhe impossibilitou uma dedicação exclusiva ao curso universitário.

Tendo em vista os acontecimentos, havia duas opções: voltar para Rinoceronte e para o salão de beleza, ou ficar em Sabiá, conseguir algum trabalho para se sustentar e terminar o curso de Matemática. Frente às dificuldades que estava enfrentando, os sintomas de depressão reaparecem. Assim, não conseguiu completar o semestre e o curso passou a ser percebido como algo ruim, difícil. Neste momento, emergiram as dúvidas a respeito de sua escolha profissional. De acordo com suas palavras:

Será que eu estou fazendo a coisa certa? Por que eu vou para a aula e não consigo acompanhar aquilo de jeito nenhum, mas eu gosto. Mas eu tenho a mania de escolher só aquilo que gosto ou que parece que gosto, como se não tivesse seriedade... como se realmente aquilo não fosse sério, não fosse importante para minha vida. Então, eu comecei a ficar muito perdida em relação a tudo isso.

Apesar da possibilidade de trabalho em Rinoceronte, pois havia sido chamada para assumir o cargo do concurso que fez enquanto morava com Heitor, Amália preferiu ficar em Sabiá. Conseguiu um estágio remunerado numa empresa de seguros bancários, auxílios,

pensões e aposentadorias, sendo este trabalho sua primeira experiência profissional com cartão ponto, chefe, colegas de trabalho e obediência a superiores.

Em Sabiá, obtive informações sobre o serviço de OP realizado pelo LIOP deixando preenchida a ficha para posterior atendimento. Neste momento, Amália estava confusa em relação à escolha de seu curso de Matemática. E, além disso, segundo ela mencionou, *queria ter certeza* sobre sua escolha.

De todos os relatos, este foi o mais denso. Queiroz (1953/1991) ao falar sobre o tempo de duração de um relato de história de vida, menciona que em geral é longo. Diz ainda que, embora estivesse exausta após uma hora e meia de entrevista, sua informante não se mostrava nem um pouco cansada, talvez pudesse ainda continuar por mais duas horas.

O mais interessante (para mim) refere-se ao fato daquele certo desconforto inicial, aquela sensação de estranheza foi profundamente modificada, pois as entrevistas do presente trabalho estavam permeadas por risos de cumplicidade. Percebo que um relato de **história de vida** pode conter mais do que aquilo que se possa analisar.

4.1. 3. PEDAÇOS DA HISTÓRIA

(16/04, cartaz em anexo nº 02)

Numa das salas de atendimento individual, coloquei alguns objetos (cola, tesoura, revistas, canetas hidrocor e papel pardo) em cima da mesa, e a partir deste material exposto, solicitei a confecção de um cartaz que representasse o passado, presente e o futuro profissional da reorientanda.

Durante a confecção do cartaz, falamos de outras coisas, sobre banalidades do dia-a-dia, de como havia sido o fim de semana, entre outros assuntos. Enquanto isto, Amália procurava figuras nas revistas. Disse que gostaria de encontrar uma tabela que representasse seu momento presente. Após trinta minutos aproximadamente, o material já estava todo selecionado, e então, ela iniciou a montagem do cartaz.

Essa atividade foi também um pequeno relato de vida. O passado foi denominado por ela como **ontem**. Apontando para os recortes da figura de esmaltes de unha, disse que

gostava de dar aulas de cosmetologia e colorimetria para os alunos do curso de cabeleireiro, muito mais do que trabalhar no salão. As figuras de corte de cabelo e de uma mulher bem penteada representavam o passado e o presente. Há aproximadamente dois meses, ela havia trabalhado num salão como manicure, o que, segundo Amália, havia sido *uma oportunidade de olhar o outro lado da tarefa*, pois anteriormente só havia exercido a função de proprietária dos negócios que administrara. Referindo-se às outras figuras escolhidas, Amália mencionou que o estudo de informática estava sendo aproveitado nas tarefas que realizava nas empresas em que trabalhava, e o crochê representava seu lado artístico, do qual não abriria mão.

No espaço que representava o presente, ela escreveu **hoje**. Tinha poucas figuras, pois, como ela mesma mencionou, *O meu hoje tá vazio*. Havia figuras de uma calculadora, um computador e o pregão da bolsa de valores, representando o grande volume de trabalho, em suas palavras: *(...) essa coisa de bolsa de valores, lembra muito o que eu faço no meu estágio e na empresa de meu namorado*.

Apesar de sua fala referir-se ao vazio, poderia se ter outra impressão: parecia um espaço muito preenchido, pois mesmo que não houvesse figuras para ocupar este lugar representativo de seu presente, a forma como ela aludia a este era densa, carregada de sentimentos e de vivências das mais variadas.

O futuro, ela denominou **amanhã**, um tempo em que esperava obter sucesso, tranqüilidade e estabilidade. Neste cartaz, havia a figura de uma piscina com crianças, talvez como representação de uma tarefa pedagógica ou de recreação infantil, que ela pretende desenvolver futuramente, e uma senhora, que para ela estaria surfando, representa tudo que ela desejaria ter, ou seja, um futuro com tranqüilidade, em que ela pudesse usufruir daquilo que ela ainda está montando.

4.1.4. VIDA DE ESTUDANTE UNIVERSITÁRIA (23/04)

A entrevistada iniciou sua fala mencionando o vestibular que havia feito para Ciências da Computação. Ela disse não ter tido apoio nesta época, embora ninguém fosse contra a sua possível entrada numa faculdade. A escolha pelo curso fora feita sem clareza,

sem uma compreensão bem definida do que era um curso universitário de Ciências da Computação. Nas palavras de Amália:

Eu escolhi mais por curiosidade. Eu tinha feito alguns cursinhos, de algumas linguagens e durante as aulas eu resolvia muito rápido o que a professora dava. Pegava muito rápido o raciocínio da programação.(...) Eu era um problema dentro da sala de aula... eu só tinha um conhecimento superficial, bem superficial mesmo.

A Matemática, matéria que fazia parte do currículo deste curso, passou a ser a disciplina mais interessante para Amália. Todo o resto, tudo o que era referente ao curso de programação lhe parecia desinteressante. As aulas eram vistas como uma distração, o mundo digital não era o que importava. Sua atenção estava voltada para correções dos erros cometidos pelos professores, que eram para ela professores muito baratos, desqualificados. Por volta do quarto ou quinto semestre, ela não tinha clareza do que queria, pois já havia cursado tudo que envolvia números: geometria, estatística, cálculos.

O relato foi atravessado por outros temas. A entrevistada falou do início de sua separação, de como ela se sentia ao lado de Fábio, como ela mesma mencionou: *Uma “senhora”*. Falou também de outras experiências após o término do casamento, e retornou ao tema proposto. Esta é uma característica apontada por alguns autores quando mencionam sobre histórias de vida. Por exemplo, Ferreira e Amado (1998) afirmam que a decisão sobre o relato é sempre do narrador, que tece sua vida decidindo o que conta, quando conta e como conta suas memórias. Interromper uma fala seria uma violência, pois o narrador é quem deve decidir os caminhos que pretende seguir.

Após o quinto semestre, com as disciplinas de Matemática cumpridas e o interesse pelo curso cada vez mais rarefeito, Amália resolveu fazer um novo vestibular. Ela obteve aprovação, mas passou somente um semestre no curso de Psicologia. Ela informou que trancou o curso logo no início e que naquele momento estava um tanto confusa. Nas palavras de Amália: *Eu tranquei a universidade de novo e fiquei meio perdida. Não me sentia reconhecida, nem pela Psicologia...* Com o abandono do curso, Amália voltou a trabalhar com a mãe no salão de beleza, mas o retorno às funções de administração durou bem menos do que ela imaginava.

Ela continuou seu relato falando das dificuldades com o curso, que sua visão da Matemática estava limitada ao conhecimento adquirido no curso de Informática. Ela comentou ainda a respeito do curso de Contabilidade e de uma possível transferência para esta área.

Após o gravador ter sido desligado, houve uma conversa de aproximadamente 10 minutos. Ela voltou a falar sobre os pais, sobre o trabalho que cada um desempenhava na metalúrgica e como ela ficava confusa a respeito deste assunto. Foi combinado, então, que para o encontro posterior Amália falaria a respeito disto.

4.1.5 A QUESTÃO PROFISSIONAL DOS PAIS (28/05)

Amália começou exatamente falando do que havíamos combinado: *A gente vai falar a questão dos meus pais não valorizarem o serviço de um e de outro.*

Ela relatou com detalhes tudo o que se referia à profissão dos pais:

(...) meu pai trabalhou praticamente a vida toda numa empresa. Na área contábil de uma empresa. Ele fazia lançamentos acho que desde a época... pelos anos que trabalhou na empresa, desde a época que usavam aquelas máquinas pré-históricas de contabilidade até a era do computador. Ele só saiu da empresa quando a empresa faliu e colocaram os funcionários pré-históricos, assim demitidos. (...) a minha mãe trabalhava, ela montava pecinhas, assim, muito pequenininhas (...) ganhavam por produtividade e ela tinha uma boa produtividade, pelo que ela conta. E ele trabalhava num outro setor dessa mesma indústria.

O pai, segundo Amália, fazia toda contabilidade com perfeição. Sua mãe via tudo isto com desprezo. Amália repetiu as palavras da mãe a este respeito dizendo assim: *Pro teu pai tudo é contabilidade, Deus me livre, isso é coisa de louco.*

Apesar do menosprezo materno em relação à contabilidade, Amália disse gostar desta área e que descobriu isto em cursos de contabilidade oferecido pelo SEBRAE. Além disso, o trabalho que desempenha em seu estágio lhe proporciona um contato mais direto com os procedimentos contábeis. Ao falar da profissão paterna com admiração, as dúvidas em relação à Matemática ficam ainda mais acentuadas, vindo carregadas de sentimentos

negativos e frustração: (...) *eu não me perdôo. O fato de desistir e desistir outra vez, tu entende? Dá uma sensação de falência. Eu não convivo muito bem com isto.*

Esse encontro tinha uma temática específica. Quando se trabalha com **história de vida** delimitar um tema não é garantia de que ele será respeitado. As reflexões de Amália, por exemplo, levam-na a outras questões.

Amália deu-se conta de que estivera no meio de brigas e divergências que a deixavam confusa. Ela disse que os pais usavam-na para intermediar os diálogos que não conseguiam fazer um com o outro. Ela mencionou nunca ter dito nada para que eles parassem com essa situação. Até o final desse encontro, os assuntos foram às brigas entre os pais, o sofrimento de Amália, as doenças que apareciam sempre frente a uma situação difícil e a Matemática.

Sinto-me cansada ao final deste encontro, pois os temas se misturaram muito e tive que fazer um esforço grande para manter-me atenta e não perder o fio da meada. Tenho a sensação de que o trabalho nunca vai terminar, que sempre haverá histórias sobre a vida de Amália que serão interessantes e pertinentes e que venham a auxiliá-la em suas buscas de uma profissão que lhe traga prazer. Os autores dizem que essa é uma desvantagem em se trabalhar com histórias de vida, já que tudo fica a critério de quem está relatando, sejam os assuntos, o início, ou fim da narração e o próprio tempo.

4.1.6. INFÂNCIA, ESCOLA E OUTRAS HISTÓRIAS (04/06)

Novamente Amália discorreu sobre a escola primária e o grande interesse dela em freqüentar uma escolinha, dizendo não saber exatamente de onde vinha esse interesse e que talvez fosse pela influência de um primo de oito anos.

A realidade escolar foi, nos primeiros anos, muito gratificante para ela. O mundo era sua escola, e ela era dona deste mundo. O caderno de Amália era percebido por ela como a extensão do quadro no qual a professora escrevia. A escola foi significada como um espaço onde Amália era o centro das atenções, o centro de tudo o que era importante, sentar ao lado da professora, falar nas atividades cívicas e em comemorações.

A passagem do prefeito pela escola, quando Amália estava na 3ª série, foi crucial para que essa imagem da escola fosse alterada. As atividades programadas num determinado dia seriam vistas pelo prefeito da cidade, mas ele se atrasou e a programação precisou ser modificada. Este momento foi muito sofrido para ela:

(...) por causa que o prefeito se atrasou e tudo se atrasou e eu fui cortada do planejamento e não consegui entender aquilo. As coisas ficaram um pouco nublada, aí começaram a perder a graça e comecei de repente a ver que o mundo não era tão fácil.(...) acabou meu show.

A realidade de Amália mudaria não apenas na escola. Os pais se desentenderam, e a mãe se mudou com as filhas para uma das casas que a avó alugava. O mundo da imaginação infantil entrou em cena. A avó era dona de uma pequena mercearia e tinha mercadorias guardadas num depósito. Amália brincava com seus colegas. Montava seu pequeno comércio de *chicletes pré-históricos*, como ela disse. Além disso, ela confeccionava roupas de boneca e vendia a suas amigas. Ganhava muito dinheiro para uma criança, e a mãe, desconfiada, a proibiu de continuar a vender coisas para seus colegas. Ela também lembrou de brincar de escolinha numa sala que sua avó usava para fazer pão caseiro. Havia cadeira, quadro e mesa para a brincadeira. Amália relatou que nessa época começou a se envolver mais com as coisas da escola e com uma professora de história. A professora era excêntrica para os alunos, e, além disso, tinha uma sobrecarga de trabalho. Amália passou a auxiliá-la nas tarefas escolares e correção de cadernos e provas.

Ela também relatou sobre seu avô materno, homem calmo e carinhoso, mas que, devido ao derrame que havia sofrido, se comunicava de uma maneira muito diferente, era afetuoso com Amália e participava a seu modo das travessuras da neta. Ela lembrou de passagens em que o avô, que parecia completamente ausente, surpreendia Amália com sustos. Em suas palavras:

(...) ele quieto né? Aí eu vou incomodar ele até ele fazer alguma coisa. Aí eu fui lá, levantei a gola dele, quando eu ia fazer AH!, ele, foi ele quem fez AHH! pra mim (Risos). Ele AHH! bem assim pra mim. Levei um susto tão grande, aquilo foi muito legal. Ele reagiu, foi muito legal, ele ficava quieto parecia que tava ausente, mas ele não tava ausente (Risos)

ele tava lá, foi muito legal, gosto de lembrar as horas assim com ele (...).

Amália relembra o nascimento da irmã e de como se sentia responsável por ela uma vez que sua mãe lhe deu esta função:

(...) ela (referindo-se a própria mãe) foi me passando a idéia de que a Daniela era um bebê e nós duas tínhamos de cuidar dela (...) eu tive essa preocupação de protegê-la por que era minha função e essa coisa assim eu tenho muito incutida assim há muitos anos.

Além destas lembranças, há também uma sobre o psicotécnico que fez durante o primeiro grau. Como Amália se saiu *bem nos teste*, sendo informada de que poderia fazer qualquer tipo de escolha, como ela mencionou:

(...) eu fiz um raio de um teste tipo um psicotécnico, um negócio assim na escola, e tinha lá quatro classificações e eu fiquei 25% pra cada uma. Então, a professora acho que tava exausta na hora que me chamou pra me dizer a minha avaliação, ela disse: Olha minha filha tu pode ser o que tu quiser, tu pode ser o que tu quiser. Olha aqui deu 25%, se tu quiser ser uma artista, um camelô, um vendedor, um não sei o que, um engenheiro, pode ser o que tu quiser, deu pra qualquer coisa. Sabe ai eu disse assim: Ai, será que é assim mesmo? Tipo assim, né? Então, ir pro magistério pra mim foi a coisa mais natural.

Ainda neste encontro, Amália repetiu algumas histórias que já haviam sido mencionadas como aquela em que passou a trabalhar no salão de beleza de sua mãe, do magistério, e de tudo que impossibilitou seus estágios; mencionou que havia diferenças na educação que sua irmã recebia, em comparação a sua própria educação, como frequência em colégios (público e privado), assuntos familiares que eram omitidos, pois sua irmã *era muito pequena*, para compreender tudo que se passava, porém a diferença de idade entre Amália e sua irmã era apenas de um ano e oito meses.

Nesta sessão, após desligarmos o gravador, a reorientanda se emocionou e chorou. Os comentários dela foram a respeito das cobranças feitas por sua mãe em relação a soluções que Amália precisaria tomar no tocante a problemas do dia-a-dia e que a entrevistada seria consultada com frequência para resolvê-los. Neste exato momento, como

uma confirmação do que ela havia me dito, seu celular tocou. Era sua mãe perguntando o que deveria fazer em relação à venda ou não do salão de beleza. A entrevistada enxugou as lágrimas e disse que ligaria mais tarde. Questionada se ela conseguiria deixar a própria mãe resolver o problema e ligar somente durante a noite, ela afirmou que não conseguiria, que ainda seria muito difícil agir diferente.

4.1.7. VIDA EXPRESSA NUMERICAMENTE

(11/06, ver gráfico em anexo nº 03)

Esta técnica foi incluída durante o processo, pois se percebeu que a ordem cronológica que demanda este instrumento seria pertinente para este momento e traria uma ordem interna para Amália.

A confecção do gráfico foi feita na residência de Amália. Ele constava de duas linhas de projeção, uma vertical e outra horizontal. Na horizontal, foram colocados os anos de vida. Na vertical, as notas de zero a dez.

A grande surpresa referia-se à ordem cronológica dos acontecimentos. Geralmente, os reorientandos apresentam alguns momentos de sua vida - os anos e os acontecimentos que se destacam positiva ou negativamente para estas datas. O gráfico de Amália apresentado ano a ano, desde a idade de um ano até o momento da pesquisa. As informações foram todas resumidas, mas solicitei a explicação de cada evento. Um a um, os acontecimentos deixaram de ser dados estatísticos para criarem vida e significação.

Há quatro notas 10. A primeira referia-se ao nascimento de Amália, que provocou muitos risos. Ela disse que se dera dez por ter vindo ao mundo e por ser a primeira filha. No segundo, ela já estava com cinco anos de idade e correspondia a entrada no colégio primário e à sua presença ao lado da professora, mais precisamente, junto à mesa dela. O terceiro dizia respeito à entrada dela na universidade e aos cursos de Administração e Contabilidade que frequentou no SEBRAE. Amália estava com vinte e um anos. O quarto e último dez, era referente à idade aproximada de 28 anos quando estava casada com Heitor, fazendo cursos de artes e trabalhando com a mãe. As duas notas mais baixas - 2 e 4 - correspondiam a períodos difíceis para Amália. Os pais se separaram e ela adoeceu, não conseguiu concluir o estágio no magistério e teve depressão.

As outras notas 5 a 9, como ela disse, podiam até corresponder a problemas de ordem familiar ou a outros eventos que poderiam ter sido percebidos com algo ruim por outra pessoa, mas ela se surpreendeu quando teve que mensurar estes fatos em nota. As notas correspondiam a sua percepção do momento. Os problemas existiam, mas Amália disse que, mesmo um tanto abalada, considerava estes anos como bons em sua vida. Essa atividade foi mencionada por ela como umas das tarefas mais prazerosas de todo o processo.

4.1.8. ÁRVORE PROFISSIONAL – GENOPROFISSIOGRAMA

(25/06, em anexo nº 04)

Houve muita resistência por parte de Amália para realizar esta tarefa. O conteúdo foi mencionado sem muitos comentários. O lado paterno de sua família é constituído principalmente por donas de casa e funcionários públicos. O pai disse ter sido metalúrgico, mas sua função era de auxiliar contábil. Segundo relata, não estão presentes todos os parentes de seu pai, apenas os que ele lembrou. O pai nunca os aproximou muito de sua família de origem, e estes, por sua vez, também se mantiveram afastados. Perguntada sobre o que mais havia lhe chamada atenção, ela afirmou: *A quantidade de funcionários públicos. Eu acredito, que como meu pai sempre nos manteve isolado da família dele, esses grupos [seus parentes] são também bem isolados. A coisa do funcionalismo é tudo muito parecido, tanto é que meu pai cobra o que é o certo.*

O lado materno é bastante conhecido e é motivo de orgulho:

Aqui as mulheres tiraram a barriga do fogão, tirando a mais velha que é doméstica. A minha mãe que é cabeleireira. Meus primos que me chamam muita atenção. A minha prima ajudou meu primo a se formar, pagou os estudos dele. Ele tem sucesso, já lançou livro e é convidado para fazer muitos trabalhos. Agora ele é quem a auxilia na conclusão do curso de Direito. Minha prima é técnica de enfermagem e trabalha em hospital e na prefeitura e ainda estuda Direito, esses dois são um exemplo de irmãos.

Essa atividade foi considerada por Amália como sendo a menos prazerosa. Os parentes paternos nunca mantiveram contato que pudesse ser mencionado como significativos ou importantes para ela.

4.1.9. TECENDO OUTRAS POSSIBILIDADES (02/07)

Amália iniciou este encontro falando de sua intenção de troca de curso, mencionando ter procurado na internet informações a respeito dos cursos de Contabilidade e de Administração. De iniciou, ao ouvir o relato pareceu-me haver um descontentamento sobre o curso que freqüentava, mas à medida que o encontro foi acontecendo, ela passou a descrever a Matemática como sua possibilidade de escolha. Nas palavras de Amália: *Eu não tenho vontade de abandonar a Matemática, mesmo que eu descubra que eu gosto de Contabilidade ou de uma coisa da área de Administração.*

Ela prossegue o relato falando de seu contentamento de estar em Sabiá, longe da mãe “*pelo menos geograficamente*”. As inseguranças em relação ao curso que freqüenta referem-se as suas dificuldades em prosseguir os estudos e ao tempo que demandaria para terminá-lo, o que seriam para ela uma desvantagem, pois tem conseguido se manter e terminar somente três ou quatro disciplinas por semestre, o que na verdade não corresponderia a todas as disciplinas obrigatórias de um semestre letivo, e com isto, o término do curso aconteceria em mais tempo que o previsto seria de quatro anos. Como ela mesma mencionou:

Eu não conheço um formando que tenha sido ainda da média. Eu vou levar dois pra concluir um. Vou levar quatro pra concluir o curso. [referindo-se aos semestre]. É tão devagar que isso me apavora. Blá, blá... morrendo, me matando, quebrando a cabeça, mas não quero largar a Matemática. Meu desespero é se eu não conseguir atingir o fim do curso.

Amália ainda disse que o fato de estar trabalhando em TANTAN tem possibilitado outros olhares em relação ao curso de Matemática. Em suas palavras: *Esse meu lado empreendedor me deu uma calma na Matemática. Quando eu não posso exercer isso eu fico mal. O meu estágio é muito gratificante, trabalhando com várias coisas e pessoas.*

Ela encerra o encontro dizendo que a única coisa que a deixa despreocupada é estar fazendo o que realmente gosta, ou seja, o curso de Matemática.

Neste encontro, as expectativas quanto ao término do processo de Reo, por parte desta pesquisadora ficaram mais claras, uma vez que as mudanças de curso não são mais pensadas por Amália como estratégia para fugir daquilo que não consegue enfrentar, e além disto, suas escolhas passaram a ter outros sentidos em sua vida, inclusive em relação a sua mãe, como ela mesma pronunciou:

Se minha mãe viesse pra Sabiá... Elas podem até vir pra Sabiá, mas eu vou pro nordeste (Risos). Talvez fosse isso que eu buscasse um tempo atrás, né? A necessidade de sair um pouco desse atropelo todo, né? E tem me ajudado a decidir por outro Estado.

4.1.10. FALANDO DO ESTÁGIO (05/07)

Amália passou a falar de seu estágio desde a época de sua contratação. Para a entrevista de recrutamento, ela disse ter levado seu atual namorado, Irineu, que ficou aguardando pacientemente o retorno dela. Nas palavras de Amália:

Irineu ficou plantado na porta da empresa e isso me deu coragem. Qualquer coisa... eu desço correndo. Criar coragem pra fazer isso foi um grande passo, eu tava deprimida, cheia de problemas... morando mal, tinha que trabalhar, não tinha emprego, não conseguia estudar, eu não queria voltar pra Rinoceronte.

Conforme seu relato, a admissão foi incomum. Encontrou-se com Jonas que lhe disse: *Você conhece linguagem de excell? Sim. Então, tá contratada. Fácil, né?* Para ela não tão fácil, estava em crise depressiva, mas ao mesmo tempo encontrou forças para buscar o que queria. A persistência frente às dificuldades tinha aumentado, segundo ela desde os últimos dois anos.

O trabalho que Amália exerceu em TANTAN foi para ela um desafio, pois não tem facilidade de se concentrar em locais que não sejam silenciosos, além disto, havia muito que

aprender, nunca tinha sido funcionária, não sabia como era ter colegas de trabalho e tudo ao mesmo tempo acontecendo rapidamente. Ela descreveu o escritório como se fora uma bolsa de valores, telefones ligando, gente atendendo, entra e sai de pessoas “*uma loucura*”.

Ao descrever o novo ambiente de trabalho como um misto de atividades, também se descreveu como sendo uma variedade de coisas, deste modo: *eu sou assim, uma salada, tenho que saber um pouco de tudo, lidar com números, contabilidade, com o público. Eu faço uma partezinha do todo, dos outros setores. Eu gosto de saber que sou importante.*

Amália pareceu estar encantada com o trabalho que desenvolvia na empresa. Tudo fora descrito como interessante, motivador, mas estressante. Em suas palavras: *Lá tem vida. Tanto tu lida com o assunto mecanicamente como tem vida. Não é só os números, tem família, tem gente do outro lado da linha (...) O lado humano não deixa de existir. O lado técnico é importante também.*

Todo o discurso dela é de um envolvimento fascinante pelo trabalho. Amália encontrou em seu estágio uma função que é ao mesmo tempo repetitiva, controlada, exaustiva, e prazerosa, instigante e intrigante. Toda novidade lhe motivou não apenas nas atividades que desenvolvia, mas a fez criar manuais para novos estagiários, nos quais ela informou sobre a rotina do trabalho, os comandos no acesso ao computador, e tudo que fosse necessário para executar tarefas diárias que competiam a esta função, um ganho a mais para a empresa. Nesse novo espaço ela disse ter encontrado o “*ócio criativo*”. (Mencionou isto citando Domenico De Mais).

4.1.11. FALANDO DE DOENÇAS (22/07)

Para este encontro a temática solicitada antecipadamente fazia menção a questão de suas doenças. O tema havia emergido em vários momentos e parecia ser importante investigar em que períodos a saúde de Amália ficava comprometida.

A primeira vez que ela lembra ter adoecido foi por volta de seus treze anos, o que curiosamente correspondia a sua saída do primeiro-grau. Ela menciona ter sido a primeira vez em que precisou decidir algo rapidamente. Com o término dos estudos e a pretensão de sua continuidade para o segundo-grau, o pai lhe solicitou decidir em qual escola iria estudar e o que iria fazer. Como ela disse: *Nunca ninguém falou comigo sobre isso e quando*

falaram tinha que tomar uma decisão pra ontem. A única coisa que eu pensei foi o magistério e como meu pai era o bicho-papão, eu nem pensava em fazer uma coisa diferente. [refere-se a isto lembrando não ser possível escolher o que o pai fazia, pois sua mãe não dava crédito ao que o pai fazia, algo que ela compreendia como verdade – *um pai bicho-papão e medíocre* - , já mencionado anteriormente no encontro do dia 09/04/2003.

Amália se deu conta de que não podia fazer tudo ao mesmo tempo e que em muitos momentos de sua vida, por ter assumido muitas coisas, concomitantemente, passou a sofrer e a adoecer. Descreveu momentos em que ao esteve exausta ou que precisava decidir algo importante e, como uma válvula de escape foi preciso adoecer para ter tempo de se cuidar ou de pensar sobre. Como pronunciou: *Toda vez que eu precisava passar por uma provação, eu adoeci.*

Além disto, disse se sentia sozinha, desamparada e sem ter proteção de pai e mãe, algo que foi buscar na casa de seus vizinhos, pois quando não estava em casa, era encontrada na casa destes. Nas palavras de Amália:

Quando eu não estava em casa, eu tava na casa de uns vizinhos, assim. Eles tinham apenas filhos homens e eu me sentia bem, eles eram meu pai e mãe... Os meus próprios pais quando não me encontravam, procuram a Amália na casa do vizinho. Meu disse que eu estava sempre em fuga. (Risos).

Nesse encontro, a reorientanda pareceu ter dado um salto qualitativo em relação aos adoecimentos. Como ela disse:

Eu custei muito a sair desse ritmo, de alívio e de sofrimento. Eu custei muito tempo pra sair desse ritmo. Eu preciso chegar a uma fase de não adoecer pra tudo. Então, eu fico tentando ter noção e ao mesmo tempo eu tenho medo de fazer alguma avaliação errada da situação. (...) Agora eu consigo identificar os sinais. (...) E nessa condição enfraquecida é como se... se cria um monstro dentro da gente. Se tu não fala, tu não consegue resolver sozinha e antes isso era muito, assim. Se em Rinoceronte eu não sabia o que era bom pra mim, se eu não estivesse convivido com a mãe de Heitor, (...) E foi a mãe dele que me ensinou isso.

Amália termina esta sessão mencionando a importância da Matemática para ela, deste modo: *Quando eu penso em trocar de curso seria uma decisão muito difícil para mim. Eu tenho muitas Amálias dentro de mim. Então, percebo que as coisas precisam ser divididas, senão eu soffro.*

4.1.12. TOMANDO A VIDA NAS MÃOS

(14/08, ver e-mail em anexo nº 05)

Este foi um dia *sui generis*. Cheguei adiantada para o encontro e fiquei muito tempo esperando por ela. Nunca fico aguardando mais que trinta ou quarenta minutos. Neste dia eu fiquei e (fiquei) sem me preocupar com o horário. Resolvi ligar para ela. Já havia se passado quase uma hora e meia. Ela se mostrou ansiosa e disse que precisava muito se encontrar comigo. Não expôs os motivos claramente, disse somente que fazia algum tempo que não nos encontrávamos e que ela precisava do encontro.

Eu hesitei um pouco, mas acabei ficando para o atendimento. Eu estava muito cansada no dia. Amália estava sentada. Então, ela pediu para ler um e-mail, que havia respondido para sua irmã.

Ela começou a leitura pelo e-mail que recebeu de Daniela. A irmã questionava Amália a respeito dos motivos que a fizeram escolher morar em Sabiá. Daniela diz assim: *Foi à cidade que te inspirou, o curso que te motivou ou foi à vontade de deixar tudo para trás e girar uns 360 graus?*

A reorientanda respondeu além do que havia sido questionado. Falou sobre como se sentia, o que fazia, como fazia. Falou de suas inquietações e conflitos em relação à mãe. Ainda mais surpreendente foi ouvi-la falando como se fosse uma pessoa que eu estava conhecendo naquele momento. Uma pessoa que tomava a vida nas mãos com toda sua força e que se sentia em paz com tudo isto.

A sensação que tive ao final do encontro foi inesquecível. Uma satisfação de fazer aquilo que me dá prazer. Os olhos de Amália brilhavam durante a leitura. Senti falta de um espelho que mostrasse também os meus.

4.1. 13 UM TECIDO BORDADO, QUASE TERMINADO (28/08)

O encontro não teve tema especificado, e Amália começou dizendo que não sabia o que exatamente iria falar. Ela disse que costumava ficar um pouco ansiosa e que havia pensado na carta de despedida, já procurando fazer uma síntese dos encontros. Disse ter dificuldades em fazer sínteses, mas que percebia a validade do processo. Como ela mesma mencionou:

Eu acho que foi muito bom todo esse processo. Eu consegui rever muita coisa, né? Tentando, claro, mesmo que muitas vezes eu não falasse nada que ligasse, que descrevesse exatamente as minhas situações profissionais, lembrar das coisas assim que eu fiz no passado e as atividades que eu tive, estive envolvida, assim (...) não imaginava que depois de feito, eu teria essa sensação de prazer (...).

Ela mudou de assunto e disse que suas férias haviam sido sempre envolvidas por muito trabalho e deste modo ela acabava sempre exausta e sem fazer de suas férias momentos para relaxamento e descanso.

Em seguida, ela contou que certo dia no seu local de estágio, uma senhora foi até o balcão e solicitou encaminhamentos de benefícios. Amália escutou a senhora dizendo que havia sido professora, e me disse o seguinte: *Eu inconscientemente eu disse, eu também vou ser (Risos). Engraçado não é? Eu disse isso pra mim mesma. (...). É uma idéia acho, que muito antiga, né? Há anos incutida (...)*

Falou ainda de suas dificuldades, das coisas que enfrentava ainda no dia-a-dia, de suas frustrações e angústias, e da estranheza de se reencontrar com a mãe e com a irmã em sua casa [nesta semana Amália havia recebido seus familiares em Sabiá]. Ela reconheceu que não era mais a mesma garota, filha e irmã; não que fosse outra pessoa, mas que, para as mesmas coisas, conversas e atitudes perante os outros, já não agia mais como antes. Percebeu que havia uma certa distância entre ela e os outros e que era preciso agora ser respeitada a fim de não ser novamente invadida e pelo outro e de não invadi-lo.

4.1.14. TECIDO PRONTO E ACABADO

(24/09, ver carta de despedida em anexo nº 06)

Uma carta de despedida deve ser aplicada para o fechamento do processo. Ela representa uma finalização do trabalho, tanto para o sujeito que escreve, quanto para o orientador. Pode ser pensada como um retorno concreto de um trabalho. As orientações são simples: solicita-se a confecção de uma carta, com destinatário e remetente. Nela o orientando ou reorientando deve contar para qualquer pessoa como aconteceram os encontros, falando dos momentos que foram percebidos como difíceis ou fáceis, dos que achou mais importantes ou que tenha gostado mais e também dos que não foram agradáveis. A carta é um panorama do processo, as conclusões de alguém que se despede de um trabalho. O modo como irá ser feita é definido pela pessoa que escreve.

Antes deste encontro, ficamos afastadas por quase um mês. Além disso, havia uma certa resistência por parte de Amália em se despedir. De certo modo, compreendo que o término de um processo sempre traz um desconforto, que é diferente daquele que se apresentou no início do trabalho como estranheza. O momento se confunde, ora com a alegria de um trabalho terminado, ora com a tristeza pelo fim dos encontros semanais, dos risos, mas ficam outras coisas no lugar.

Começamos com um forte abraço. Amália, já havia mencionado no encontro do dia 14 de agosto que não queria se despedir de nada. Então, iniciamos com a leitura da carta. Esse foi o combinado: ela leria a carta e depois nós comentaríamos e finalizaríamos, não foi exatamente o que aconteceu. O processo parecia que ainda estava continuando.

Ela, então, passou a falar do primeiro encontro, que tinha sido decisivo. Havia, conforme ela dizia, *uma necessidade sem controle de contar tudo que tinha vivido, na verdade esperava por um momento assim há muito tempo (...)*. Percebo que tivemos a mesma sensação naquele dia. Eu procurando alguém que fosse representativo para o meu trabalho e ela alguém que pudesse ouvi-la.

No relato do segundo encontro, informo sobre o cansaço que este havia me causado. Agora sou confirmada por Amália em suas palavras: *A desgraçada [falando de si] não parou de falar um minuto se quer* (Risos). *A Isabel levou uma semana depois pra se recuperar*. Concordo com minha informante, e percebo que alguns encontros foram, assim,

muito cansativos, mas havia uma riqueza de materiais e freqüentes elaborações de Amália que me faziam continuar.

Ela também mencionou ter trabalhado com gráficos há muito tempo e que eles eram a expressão de temas da vida, mas ela não via sentimento algum neles. Já quando teve que transformar dados sentimentais em gráfico, esta foi um das atividades que mais lhe causou impacto: *O difícil no gráfico foi atribuir-lhe notas. Ler o gráfico foi maravilhoso, parecia que eu conseguia olhar melhor aqueles assuntos. Foi muito legal.*

Ela ainda tinha coisas para relatar e fala da carta que escreveu para a irmã. Não interrompo e nem imponho a atividade solicitada como prioridade. Num relato de histórias de vida é mais surpreendente do que se imagina. Como disse Mintz (1984), contando a história de Taso seu informante, *Encontrando Taso, me descobrindo*. Sobre o e-mail que escreveu para a irmã, ela disse que este resumira tudo o que antes não conseguia visualizar.

Pode-se perceber que o encontro não seria o último e que não leríamos a carta de despedida, mas Amália já estava preparada para uma despedida. O encontro anterior havia sido um ensaio para este. E, finalmente, ela inicia a leitura.

Essa carta é apresentada em sua versão integral em anexo (nº 06), contudo vale dizer que está permeada de sentimentos. Amália disse do processo, em suas palavras: (...) *com o passar do tempo, mesmo repetindo a história ou voltando a ela mesma sem querer pude falar de coisas guardadas, repensar em decisões, angústias, alegrias e tristezas vividas*. Walter Benjamin (1986), nos textos sobre o narrador e a respeito do conceito da história, pode ilustrar como as falas de Amália repercutem nesta pesquisadora. O primeiro texto diz que o leitor, ou no caso ouvinte, *é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação*. (p. 203). Sinto-me assim ouvindo o que Amália dizia e lembrando cada momento por ela narrado. Cada detalhe sobre a vida que ela me descrevia. Em especial, lembro-me do encontro dela com o avô, do susto que ela tomou quando ele a surpreendeu. O avô não reagia às impertinências da neta travessa. Estas coisas estão gravadas em minha memória, com o sabor que pude experimentar.

O outro texto de Benjamin (1986), refere-se à imagem que se fixa na memória de cada um quando é captada ou nas palavras do autor: *A verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja*

irreversivelmente, no momento em que é reconhecido. (p. 224). O passado resgatado como experiência, sendo reconhecido no exato momento em que ele é mencionado, no instante em que ele emerge como cena do presente. Serão imagens de uma história que se construiu e que se construirá nas relações estabelecidas por Amália, com sua família, seus amigos, e agora com esta pesquisadora.

Pode-se tecer ainda muito desta “*história de vida*”. Na verdade, não se cansa e nem você leitor ficaria cansado, mas o final também faz parte desta história que ainda é tecida por Amália e pelos que estão juntos dela, construindo e sendo construtores, transformando e sendo transformados por fios que enlaçam uma vida, uma comunidade, uma cidade, um canto minúsculo no mapa de um país.

Nas palavras de Amália encontram-se também as minhas. Dizendo assim termina-se de tecer os encontros: *Não quero relatar aqui minhas conquistas pessoais, meus reconhecimentos e conclusões que obtive neste período (seria um livro).*

5. BUSCANDO OS FIOS DA MEADA

Aprendi que os dados são escavados,
 que as interpretações são as possíveis,
 que a vida tece histórias,
 que as análises são difíceis,
 e aprendi a respeitar meus limites,
 e a colocar lentes translúcidas,
 mesmo que ainda não consiga com elas enxergar e
 não usar mais os meus óculos nublados.
 Porém, tudo isto é ensaio.
 Tudo é o possível, no limite de um tempo imposto.
 No limite de um fazer-se intérprete.
 Gosto do *Pedro*, da *Jura* e da *Andréa*,
 e gosto do que faço, e do que vou fazer.
 E de tudo o que me faz pensar que poderia ser diferente.
 Busco fios como uma gata, em meadas entrelaçadas.
 Puxo o fio rosa, e vem junto o amarelo.
 Nunca vem somente o que eu quero,
 São muitos fios para tecer.
 São meus retalhos de tricô e crochê
 ou remendos do meu patchwork.

Escolher o tema desta dissertação foi como construir a própria história desta pesquisadora, falando de histórias que foram ouvidas, contadas e serão recontadas ainda que com óculos foscos, pois se aprendeu neste percurso que uma interpretação é sempre a possível, sempre a que conseguimos “escavar” e “enxergar”. Para afirmar isto, repetem-se as palavras de Orlandi (1996), que diz o seguinte sobre as interpretações: *são muitas e diferentes suas definições (...) a interpretação está presente em toda e qualquer manifestação da linguagem.* (p. 09).

O que será apresentado, espera-se que com o mesmo cuidado da minha informante ao fornecer parte de sua história¹⁶, será uma voz. Voz colhida, escolhida e que escolhe. Uma voz cheia de vozes, uma voz que não pretende calar-se com o fechamento deste processo. Uma voz que se propagará, ou que emudecerá, caso seja esta sua intenção - de expressar-se inclusive no silêncio.

Falar dessa voz é dar-lhe o nome de Amália; poderia ser outro, porém, também se escolheu iniciar pela primeira letra do alfabeto e assim prosseguir nomeando. Uma Amália que poderia ser Amanda, amada. Uma Amália que poderia ser Roberta, rebelde. Ou Maria, maravilhosa. Uma voz que se pronunciou majestade: (...) *eu reinava absoluta.* Esta é sua posição na estrutura familiar: primeira filha, primeira neta, primeira em tudo.

5.1. Desempenho profissional

Esta temática percorreu alguns encontros e mostrou-se significativa por revelar aspectos importantes sobre pai, mãe e filha, o modo como cada um dos pais concebe o ofício do outro e suas implicações em relação a vida profissional de Amália. As informações obtidas mencionam o tipo de influência recebida e as pressões implícitas e explícitas acumuladas no percurso da vida de nossa informante e o grau de influência de um dos pais sobre o outro e sobre Amália.

5.1.2 Relatos familiares e profissionais: mãe, pai e Amália

Amália nasceu em Rinoceronte, onde pai e mãe trabalhavam juntos numa metalúrgica: (...) *ele conheceu a minha mãe numa indústria.* O fato de trabalharem no mesmo lugar poderia facilitar a compreensão e **o respeito de um pelo trabalho do outro.** Entretanto, a realidade do trabalho paterno não era pela mãe acatada do mesmo modo. Nas palavras de Amália:

(...) eu sei que foi no emprego, assim, que eles se conheceram. Tinham mais ou menos o mesmo... não podia desmerecer a qualificação de um e de outro por que eles eram mais ou menos o mesmo tipo de funcionário, de empregado. Só de repente mudava a habilidade manual, mas trabalhavam em torno do mesmo produto, tu entende?

Amália não sabe ao certo os motivos pelos quais a mãe denunciava o pai como um funcionário qualquer, medíocre. Na fábrica, ele não era percebido da mesma forma. Ao contrário, tinha qualificações profissionais que poderiam facilitar-lhe ascensão na empresa. Neste sentido, pensar este demérito materno como verdadeiro pode ser um equívoco grave. O que não parece existir é um apelo à ambição, à ascensão funcional. O pai, muito correto, muito exato, muito metódico, não é visto nem pela esposa e nem pelos colegas de profissão como um “exemplo” a ser seguido, no sentido de que ele não buscou se qualificar, nem melhorar suas habilidades, já que tinha condições para tal. Em seu ofício, manteve-se estático. Isso pode ser bem percebido em duas falas de Amália:

Então ele ficou uns 25 anos na mesma função, no mesmo escritório, no mesmo endereço. Acho que na mesma mesa, só deve ter trocado as cadeiras, pelo que ele conta. Assim, acho muito interessante conversar com ele sobre a vida profissional dele (...) Foi nessa empresa que ele ficou até praticamente se aposentar.

(...) o fato de que todos os colegas, aqueles que passaram por ele sabiam da competência dele no trabalho (...) e... brigavam muito com ele, por que ele não fazia um curso superior pra administração... pra poder crescer dentro da própria empresa, pra poder gerenciar o setor ou pra poder receber em função daquilo que ele fazia (...)

¹⁶ Digo isto, pois uma história não termina, está sempre acontecendo, sendo escrita e reescrita.

Neste sentido, o pai parecia corresponder ao tipo de funcionário esperado para a época, que seguia uma carreira modelada pela empresa, uma vez que não era aguardado que ele se motivasse em busca de qualificação. Este tipo de funcionário correspondia muito ao padrão esperado, daqueles cujo retrato deveria ser colocado na parede para que todos pudessem sentir orgulho e imitá-lo, se possível. Conforme os modelos atuais de carreira, este típico operário está em “extinção¹⁷”.

Atualmente, as empresas esperam que cada um busque qualificação visando melhorar suas habilidades, para que então o funcionário seja bem aproveitado pelo empreendedor, e não o contrário, ou seja, que a empresa lhe ofereça subsídios para a sua promoção, como já bem apontado por Bastos (1997). O que Amália relatou sobre como os outros viam seu pai é compreensível, pois o modelo cultural de empregado internalizado por ela é de alguém que procura crescer dentro da empresa e não de quem fica parado, aguardando oportunidades ou a época da aposentadoria. Ainda a respeito da profissão paterna, que é para Amália motivo de orgulho, sua mãe desmerecia continuamente este ofício, afirmando que o tipo de trabalho que o pai ocupava era para insanos. Nas palavras de Amália: (...) *meu pai é todo controlado, todo exato, e isso é perfeito pro que ele desempenhava. (...), e a minha mãe sempre colocou isso, como o mundo dos horrores: Pro teu pai tudo é contabilidade, Deus me livre, isso é coisa de louco.*

Apesar de todo o discurso materno que marcava este tipo de ocupação como a preterida, ela não tem para Amália o mesmo sentido, o que descobre somente alguns anos mais tarde, num dos cursos que frequentou quando foi micro-empresária. Em suas palavras: *Eu gosto e eu descobri isso... não por que ele [referindo-se ao pai] tenha me mostrado. Absolutamente, nada. Ele nunca me mostrou um relatório como de lançamentos, por mais simples que fosse, isso depois eu por necessidades fui estudar (...) fiz no SEBRAE (...).*

Nos relatos, Amália diz que **o pai** havia trabalhado na mesma empresa até praticamente sua aposentadoria, junto aos mesmos móveis, durante anos seguidos; já Amália, por outro lado, não permaneceu por muito tempo, numa única função, nem mesmo nos bancos de escola, não ficava em casa junto de sua irmã, não terminou seus estágios do magistério, não terminou os cursos que iniciou anteriormente, e além disto, não sabe se terminará o que iniciou aqui nesta cidade. Porém seu pai conhecia o próprio ofício com

¹⁷ Há ainda hoje empresas que se utilizam deste artifício: fotografia de funcionário modelo, foto de funcionário padrão.

empenho. Era minucioso inclusive com tarefas que competiam aos outros, deixando lista de atividades ou conferindo tudo que deveria ter sido executado pela esposa durante a permanência dele no trabalho. Como ela mesma mencionou:

Meu pai deixava uma lista de tarefas que ela tinha que fazer e ela cumpria, mas sofria horrores com isso, porque ela se sentia humilhada com aquela lista de tarefas. Então, quando ele chegava em casa, como eles estavam brigados, ficavam uns dois dias entendido e um mês brigando (Risos). Ele chegava, não falava com ela, não perguntava como é que tinha sido o dia dela, não conversava com a gente. Ele pegava o raio da lista de tarefas: Fez isso, fez aquilo, fez aquele outro, que horas a Amália almoçou, que horas a Daniela almoçou. Que horas que a Amália tomou o remédio, que horas que... tudo ele controlava e a minha mãe se sentia subjugada, humilhada, desacreditada, tudo. (...) se ele entrasse na cozinha e tivesse alguma coisa fora do lugar... e ele era muito meticoloso, tipo assim, o bule não pode estar em cima da pia, o escorredor não pode estar não sei aonde, o pano não pode estar dobrado dessa maneira (...).

Amália percebe as características apontadas em relação ao pai *meticuloso*, *regrado* como necessárias e importantes para a prática diária no trabalho desempenhado por este, mas quando se trata de regras em relação à família, todo o rigor é visto como exagero. Isso demonstra ter havido um cuidado excessivo, que pode ter desencadeado toda espécie de insegurança e descrédito da esposa em relação a seu papel bem definido na relação que ambos estabeleceram, em que **a mulher** é a cuidadora do lar, e **o homem** o seu provedor. A este respeito, Gonçalves (2002), afirma que:

Esta forma de organização de origem burguesa baseia-se na divisão sexual do trabalho, na qual os homens/pais têm o dever de ser provedores do grupo familiar, e as mulheres/mães, as cuidadoras. (...) Eis aqui a divisão sexual do trabalho que corresponde ao modelo nuclear, monogâmico e conjugal. (p. 10).

Neste sentido, por acréscimo, seu pai foi assumindo o papel de fiscalizador das atividades que competiam à mãe, as tarefas domésticas. Possivelmente, tenham sido estas as primeiras formas de controle sobre a vida dos outros por Amália aprendidas, as quais conseqüentemente, acabou repetindo na relação com sua mãe.

O comportamento de Amália também parece ter correspondido durante anos à concepção de pai construída pela mãe. Porém, ela disse que, ao estar ainda casada com Fábio, passou a se relacionar de outro jeito com seu pai, reconhecendo nele e na relação que mantinha com ele **um pai diferente** daquele que sua mãe apresentara em sua infância e durante boa parte de sua adolescência, um pai que na verdade era um desconhecido. Como ela mesma mencionou:

De uma certa maneira ele está mais próximo agora, mas eu tive oportunidade ainda durante meu primeiro casamento, lá pelos meus 18 anos, que foi uma época que eu que eu estive doente... assim foi um ano que eu não fiz muita coisa am... meu pai... eu conheci meu pai ali que até então eu tinha, eu tive, mas não tive com aquela carga afetiva com a coisa de dar atenção de conversar e tal. (...) Eu conheci o meu pai acho que a partir dos meus 18 anos, de poder falar as coisas com ele claramente. O que eu sinto, o que eu fiz, o que eu não fiz, a opinião dele assim e o... muita coisa eu acho que eu tô conhecendo.

Esse reconhecimento em relação ao pai foi sendo mencionado em outros encontros e reforçando o estabelecimento de um laço afetivo que agora lhe é extremamente significativo e prazeroso. Nas palavras de Amália:

(...) É uma coisa muito interessante que eu penso assim em... função do meu pai, eu tenho uma ótima relação com ele hoje. Essa experiência toda que a gente troca e essas coisas que ele me conta da vida dele, e ele é meu mentor como eu falo. Quando eu tenho uma decisão, eu narro o fato pra ele e escuto a opinião, assim. Eu acho ele muito convincente... (...) É essa coisa boa assim, meu... meu pai. Eu tenho um pai maravilhoso que é meu tipo o meu segredo.

Cabe ressaltar que esta aproximação entre pai e filha é uma conquista de ambos, e, foi uma construção que, segundo Amália, iniciou-se principalmente na época de sua separação com Fábio e, que atualmente acabou sendo reforçada através da relação profissional mantida por eles. Unbehaum (2000, citado por Gonçalves: 2003, p. 82-83) chama atenção para esta questão e a relaciona com o ciclo de vida do homem, informando que principalmente na época da aposentadoria, há um relaxamento das obrigações da função de provedor, no qual o homem pode *permitir viver mais livremente da pressão desta*

posição, e do fantasma de uma demissão, que pode influenciar diretamente o sustento familiar. E mais, ele ainda menciona que essa modificação do comportamento paterno pode ser reforçada levando em consideração que durante a época da aposentadoria os sujeitos acabam se tornando mais frágeis e dependentes, no caso de Amália o pai tornou-se seu escravo, como ela mesma denunciou: Meu funcionário é meu pai, meu escravo. Escravizei ele pro resto da vida.

Atualmente, o pai tornou-se um amigo, um aliado, o *mentor* em quem ela pode confiar. Esta oportunidade acabou acontecendo, para ambos, principalmente depois que Amália resolveu retomar a construção da pousada e manter seu pai como administrador de seu patrimônio, transformando-o, como ela disse, afetivamente, em seu *escravo*, escravo de seu empreendimento. Como ela mesma relatou carinhosamente:

*(...) entre uma coisa e outra, passo por Bicho-Preguiça por que às vezes sobra alguma coisa pr'eu fazer. Também muito difícil meu pai dar conta de tudo. (...)
Agora meu pai tá de férias. Dei... eu dei férias pra ele.
Né, já que eu não tenho funcionário lá, né?*

Tais afirmações deslocam a questão da paternidade anteriormente mencionada, e que conforme Gonçalves (2002), denotam *um sinal explícito de que as mudanças nas organizações familiares e nas pautas que sustentam a tradicional divisão sexual do trabalho vêm ocorrendo (...) imagens que denotam novos comportamentos associados ao lugar social do pai.* (p. 12).

Torna-se importante salientar que mesmo não sendo a questão sexual do trabalho foco desta pesquisa, ela permeia a vida de nossa informante. Além do que, o pai que na infância era percebido por ela como *bicho-papão*, de quem ela mencionou ter estabelecido um vínculo afetivo comprometido pela severidade paterna, acabou tornando-se na idade adulta figura importante, sendo atualmente o administrador de seus negócios imobiliários.

Em relação ao trabalho de sua **mãe**, (trabalho) do qual a informante se apropriou por “imposição”, ou por “necessidade”, Amália diz o seguinte:

(...) eu comecei a freqüentar o salão e comecei a me envolver com a parte do salão e ao mesmo tempo em que eu comecei a me envolver, veio a necessidade dela [referindo-se a mãe] de fazer o negócio dela dar certo, pela necessidade que ela

tinha. Porque ela tava praticamente se separando e ela queria a todo custo, o mais rápido possível, ter condições de arcar com todas as despesas que competiam ao meu pai. Aí, então, foi assim que ela percebeu que eu tinha condições de trabalhar na loja dela.

Percebe-se que é na interlocução que Amália reconstrói significados a seu respeito, bem como o que concerne à sua mãe e ao que esta afirmava sobre o pai. Ouvindo sua própria história sendo contada, Amália consegue encontrar uma outra realidade: a sua própria. Ela obtém a interpretação que lhe é possível, o que acaba propiciando um encontro diferente consigo mesma. Pode falar do pai como seu mentor, seu amigo, e não como um *bicho-papão*.

Amália percebeu que esse modo de conceber o pai foi determinado pelo que ele representava para sua mãe, pela relação que ambos estabeleceram, e não pelo vínculo que obteve com ele sem interferência de uma terceira pessoa. A este respeito, Rocha-Coutinho (1998) diz que a linguagem é (...) *constitutiva da própria realidade, ela reflete, reforça e constitui modos de organizar e interpretar a realidade, pois é tanto mediadora das relações interpessoais, quanto uma força na perpetuação das relações sociais que a sustentam.* (p. 324-325). Para Amália seu pai acabou tornando-se o que ele representava para sua mãe, com quem ela mantinha estreita relação.

Nossa informante encontra também na e pela linguagem não-verbal, outras formas de perpetuação das relações sociais. Como ela mesma mencionou:

(...) toda vez que eu ligo pra minha mãe, eu fico mais triste. (...) Fico chateada de falar nisso. Porque [Amália faz uma pausa grande em sua fala, um silêncio marcante] ela não rompe com essa coisa de me cobrar, como se eu tivesse obrigação de tá controlando a vida por ela, entende? (...) Eu ando em volta e não digo nada. Enrolo e não consigo ser direta e não consigo dizer nada pra que se mude a situação e acabo desligando o mais rápido possível. Pra, tipo assim, não preciso falar nisso agora, mas eu vejo que eu não... isso é uma coisa que me entristece.

Bohoslavsky (1977) afirma que há vários motivos para que o silêncio aconteça. Ele pode estar expressando: o término de um assunto; hostilidade ou agressividade, *contra o entrevistador*; desafio para ver quem o suporta; o entrevistado pode estar aguardando um

sinal para continuar sua fala; reflexão a respeito de algo; ou ainda cansaço. Neste sentido, em cada momento que o silêncio irrompe a fala, ele não é um vazio de informação, uma brecha no discurso sem nenhum significado, mas certamente representa algo. No caso da fala anterior de Amália, este parece estar representando reflexão e uma certa angústia por não saber como agir em relação às solicitações de sua mãe. Ela parecia ansiosa e aflita por falar daquilo com que não conseguia lidar diariamente, denunciando o vínculo que lhe atrapalhava e imobilizava constantemente. Ao preferir desligar o telefone, acaba deixando de falar, de se comunicar, pois não conseguia enfrentar e lidar de outro modo com essa realidade sufocante.

Porém, percebe-se que ao narrar sua história de vida, Amália parece conseguir re-significar os ditos maternos. Pode-se perceber isto no encontro do dia 28/05, já quase ao final do trabalho, quando Amália pronunciou o seguinte:

(...) como é difícil, am... eu me dar conta e quando eu penso alguma coisa relacionada, assim, pai, mãe, criação, educação, a minha concepção em função do histórico da minha... do meu passado em função da família. Como é difícil eu fugir daquele padrão que foi estabelecido pela minha... principalmente, pela minha mãe. Aquelas idéias que ela passou, assim tipo, ela construiu meu pai monstro, né? (...) E tudo era ruim e era uma pessoa difícil de conviver, que era um burro, que era um tolo, que era isso, que era aquilo. Às vezes, como é difícil, e muitas outras coisas, da própria realidade dela, da história, de muitas coisas que nós vivemos juntas como é difícil eu ter noção do que é realidade e do que é o mundo que ela construiu, sabe? E não consigo entender por quê.

Nas palavras proferidas por Amália, pode-se perceber como é sofrido reviver determinadas passagens de sua vida. Ao dar-se conta de que há mais de uma *realidade*, ou de que a esta é interpretada por cada um a sua maneira, de modo extremamente particular. Parece haver um re-conhecimento, uma re-apropriação de suas relações familiares, de sua relação com os outros entes significativos, e do que isto possa representar em sua própria história de vida. Como afirmou Molon (1999), a constituição do sujeito não termina como prerrogativa de aspectos meramente intra ou interpsicológicos, mas sim no processo

dialético de ambos, e ainda o que é mais expressivo, ocorre por meio do outro e da palavra numa dimensão semiótica, acontecendo na e pela relação.

Para Amália gostar do ofício do pai não representaria exatamente um problema, mas escolhê-lo para si poderia representar uma batalha interna a mais a ser enfrentada.

5.2 Percorrendo instituições de ensino: limites e possibilidades

Essa temática faz menção à questão escolar, desde a frequência de uma escola primária até a permanência em universidades. A trajetória de nossa informante por diversos estabelecimentos de ensino não aconteceu do mesmo modo que para seus colegas. Tanto na infância, quanto na adolescência sua relação com estas instituições acontece de maneira inusitada. Ao discursar sobre este assunto procurou-se ao mesmo tempo falar da docência como possibilidade futura.

5.2.1 Escola primária, magistério e curso universitários

O que Amália parece preferir como solução apaziguadora é a questão docente, uma **possibilidade** já internalizada ao longo do tempo, nas relações sociais historicamente estabelecidas em casa, nos colégios frequentados e com as professoras que lhe deram uma atenção diferenciada, além das expectativas maternas. O que na verdade parece ter havido foi uma construção diária neste sentido, uma escolha dos outros, externa, que se tornou interna, já que há muitos anos vinha sendo incutida, e que parece ter iniciado na primeira escola em que fora estudar. Como ela mesma afirmou:

Então, não tinha classe pra mim, não sei por que eu fui pra mesa da professora e lá fiquei por uns seis meses... não queria sair da mesa da professora de forma alguma (...) eu sempre tive muito ligada à escola. (...) no meu último ano do ensino fundamental, eu corrigia todas as provas. Eu sabia a média de todo mundo. Eu sabia antes mesmo de todos os alunos, quem tava passado, quem não tava passado. Eu dava algumas aulas no horário da tarde quando os professores deviam dar, e pela minha própria iniciativa. Eu tava na 7^a dava aula pra 5^a pra 6^a. Eles [referindo-se aos outros alunos]

pensavam que eu era representante da professora. Quando eu concluí o 1º grau, uma das professoras me perguntou o que eu ia fazer no 2º grau? - Sabe vou fazer magistério. Toda feliz, né? (...) eu não consegui fazer coisa diferente, apesar de toda a briga do meu pai contra.

Esses fatos se confirmam desde **a primeira escola** freqüentada por Amália, por volta dos quatro anos de idade, quando vai sentar-se ao lado da professora, na mesma mesa que esta usava para dar aulas. Amália significa tudo isso de forma distorcida, pois não se percebe como aluna, mas como extensão de sua professora. Em suas palavras:

Achava que lá era meu, era meu devido lugar, né? Por que eu conseguia observar bem tudo que ela trabalhava, e ao mesmo tempo controlar a turma (...) isso foi muito marcante pra mim, e foi com muito custo que eles conseguiram me remover do lugar, onde eu lá... pra colocar no lugar devido e por ser a aluna mais jovem da escola... era uma escola pequeninha, de 1ª a 4ª série, até a 4ª série. Eu sempre tive, sempre me senti meio que em destaque...

Estar em destaque, **na mesa da professora**, ser a menor aluna da escola, entre esta e outras condições que se impunham a esta pequena criança, trouxeram-na ao mundo adulto, que na sua ingenuidade pueril era seu próprio mundo - seu lugar no mundo - lugar de *glamour*. Para Amália, a escola era como uma passarela: (...) *elas sempre faziam alguma atividade cívica onde eu tinha uma apresentação. Então, elas foram me agradando de outro modo assim. (...) fazia parte da minha semana mostrar o caderno pra diretora, umas coisas bem diferentes do resto...*

Além disto, como a relação entre seus pais não era das mais agradáveis, com brigas intensas e constantes, ela encontrou **na escola** uma espécie de **abrigo e proteção**, lugar de afastamento da realidade que lhe trazia sofrimento, e assim, cada vez mais foi se envolvendo com a rotina escolar. Os anos foram se passando e sua vivência na escola tornou-se rotina. As atividades docentes foram sendo internalizadas como uma tarefa importante a ser realizada por ela, uma trajetória construída diariamente.

Vygotsky (1991, p. 64) menciona que a apropriação consiste numa série de transformações: 1º) **uma atividade externa é reconstruída e passa a acontecer internamente**: no caso de Amália, acreditamos que essa atividade possa ser representada

pelo primeiro contato que ela estabeleceu na escola, quando sentava ao lado da professora, pois não se sentia aluna como os demais e os seus cadernos pareciam a extensão dos instrumentos utilizados pela mestra; 2º) **o processo deixa de ser interpessoal para ser transformado em intrapessoal**: como extensão da primeira atividade, Amália em casa dava aulas aos colegas, tarefa normalmente repetida pelos alunos em suas residências, a qual é, geralmente, a primeira profissão que internalizamos; ou mesmo quando imita os avós comerciantes vendendo guloseimas, ou ainda ao fazer roupas de bonecas, que havia aprendido com sua mãe e avó, passando a vende-las as meninas interessadas. 3º) **passagem do que a princípio era interpessoal para o intrapessoal resultante de uma longa série de eventos ocorridos ao longo do desenvolvimento**. Este período pode ser representado pela aproximação de Amália à professora de história, fazendo com que ela fosse assumindo a cada dia tarefas que eram exclusivas desta professora, ministrando conteúdos para as turmas de 5ª e 6ª série, além de assumir a correção das provas e agendamento das atividades. Tais tarefas, internalizadas, culminaram numa escolha pelo magistério no 2º grau, bem sinalizado quando Amália expressa que não conseguiria fazer outra coisa senão seguir o próprio magistério.

Amália encerrou seus estudos de 1º grau percebendo **o magistério** como se fosse algo “natural”. Sabe-se que uma escolha não é algo natural, e sim um processo que acontece ao longo do tempo em que outras escolhas vão acontecendo e está vinculado a toda a realidade social. Essa naturalização reflete o caminho percorrido por Amália nas escolas que frequentou, e também todo o envolvimento dela com as professoras, rotinas letivas e as salas de aulas. Porém, durante o período de estágios, emergiram as primeiras dificuldades. Acometida por uma doença que até mesmo os médicos desconheciam, ela não conseguia prosseguir seus estudos. A doença trouxe um diagnóstico limitador, afirmado pelo médico como uma possibilidade de lhe custar à vida. Como então decidir pelo magistério e colocar em risco a própria vida? Como ela relata, essa é a primeira vez que se lembra de seu mundo ter ruído. Nas palavras de Amália:

(...) eu não pude fazer o estágio, tive que me tratar, eu sei que tive que fazer o estágio três vezes no total e em épocas diferentes, não me lembro assim. (...) Eu tive alergia nesse ano, ninguém sabia o que era, então me trataram com tudo

quanto am... quanto que coisa possível. Eu fui ficando muito fraca (...)

Então, eu não podia nem trabalhar no salão, nem dar aula. Foi a primeira vez na minha vida que meu mundo caiu, tá o que que eu vou fazer da minha vida? Aí, eu deprimi, perdi o interesse, aquela paixão quando eu fazia as coisas eu já não tinha mais, né?

Possivelmente, essa deve ter sido, em sua adolescência, a primeira vez em que teve que decidir por algo crucial. Contudo, a metáfora muito bem utilizada por ela – *meu mundo caiu* - não representa uma exclusividade na sua vida. Na infância, no episódio da presença do prefeito em sua escola, parece se encontrar um momento em que *a estrela não tem mais tanto brilho, o mundo cai com a presença de um outro, mais ilustre, mais importante, e imprescindível* que o discurso de uma menina de primário; há também o nascimento da irmã, quando ela disse *não ser mais a única entre seus pais*; há também **o médico** que, por mais apaixonado que estivesse por ela, *mantém seu noivado com outra pessoa*; e também quando a mãe, após a separação, deu preferência a morar com o namorado, e Amália, na condição de preterida precisou ir *morar com Fábio*. Neste sentido, o mundo pode ruir em momentos variados, mas a importância que se dá a cada momento deste, o significado atribuído por ela, é diferente.

Para Amália, a doença só vai significar derrota, destruição de suas possibilidades de momento, ou risco de vida (isso tudo) a partir do outro - médico - da relação que ambos estabeleceram e da relação que a medicina tem para cada um, como poder inquestionável e verdadeiro. Tomando novamente Molon (1999) como exemplo, a autora declara que é a partir do instante em que a relação acontece, ou seja, quando os sujeitos entram em relação, sendo relação social aqui entendida como relação dialética entre o eu e o outro, e começam a significar é que o sujeito, adentrando ao mundo das significações, acaba sendo reconhecido pelo outro.

Além disso, parece haver no relato de Amália algo de que ela não se recorda e que talvez explique de uma outra forma outros motivos pelos quais ela também não conseguia concluir **o estágio do magistério**, pois junto com a doença há a separação dos pais, momento que, segundo ela menciona, foi bastante conturbado em sua vida. Ela teve que mudar muitas coisas ao mesmo tempo, não obteve apoio de nenhum dos pais e também

precisou assumir junto com sua mãe a responsabilidade pelo salão de beleza. Como ela mesma mencionou:

Muito marcante, meu Deus, a minha vida, putz! Meu pai vai embora, eu não recebi apoio de ninguém pra fazer o magistério porque a minha mãe não tinha tempo pra me apoiar das minhas dificuldades. Meu pai era contra, né? Não deu certo, fiz um curso que não consegui botar em prática, né? Tem um outro negócio lá, porque eu tinha que ajudar, um comércio que não trazia prazer (...).

Podemos também utilizar outro exemplo deste processo de apropriação da prática docente nas atividades que a informante realizava no salão de beleza. Nas palavras de Amália:

(...) ela [referindo-se à própria mãe] montou um salão que tinha, funcionava como escola (...) fui pegando meio que sem perceber o salão. Eu tinha facilidade pra captar as coisas, assim. Então, lembro que eu ensinava a cortar cabelo, ensinava penteado, ensinava um monte de coisas e eu mesmo não fazia. Demorou alguns anos pra eu convencer, pra eu começar a ter clientes, porque eu ensinava. Eu tinha 13, 13 anos. Aí, eu comecei a... quando eu não estava na sala de aula, eu estava no salão e, quando não estava no salão, estava na sala de aula, e isso tomou muito tempo. (...) Eu comecei a experiência com 13, com 14. Quando eu vi, eu já ensinava. Eu fui montar meu primeiro salão com 15. (...).

À medida que foi assumindo as atividades no salão, Amália retornou ao ensino. A facilidade em captar as coisas, como ela relatara, fizeram com que novamente ela lecionasse. Amália foi **se constituindo professora**: ensinava na *escola de 1º grau*, e na *escola de cabeleireiro*, isto é, transmitia conhecimento. Na escola não se sentia como os colegas, se percebia como auxiliar das professoras. No **salão de beleza**, ela não era como as outras funcionárias, ela atuava como a própria mãe, ou seja, ensinava o ofício aos demais.

De fato, a questão docente parece ter sido internalizada de tal forma, como condição de ação e de escolha, porém não se quer precipitadamente marcar o magistério como opção profissional imanente.

Outra questão que lhe causava angústia refere-se à **escolha universitária**. As indecisões de Amália fizeram com que ela percorresse, em diferentes momentos, vestibulares para **diferentes áreas**. Frequentou cursos em algumas faculdades e após tentativas frustradas, ainda sentia-se confusa e reclamava apoio. Em suas palavras: (...) *na época eu lembro que não tinha muito apoio de... ninguém era contra, mas ninguém me apoiava muito pra ir pra universidade*. Isto parece, encerrar uma pequena contradição, pois se não há uma atitude por parte de seus parentes que seja contrária a sua participação num curso universitário, por que ela não recebeu o apoio que desejava para que sua permanência fosse efetivada? A falta de apoio, então, parece acontecer de forma velada, não mencionada. No entanto, é sua atitude que vai fazer toda a diferença entre frequentar ou não um banco universitário. Como ela mesma mencionou: *Eu não sei por quê... meu pai, meu marido na época... ninguém tava muito a fim de me... eu com mais um curso, sempre foram determinantes [referindo-se ao pai e ao marido] assim. Sempre deixaram isso muito claro e... eu tive que bater o pé, assim*.

Contudo, essa afirmação de falta de incentivo pode talvez ser explicada principalmente pela questão financeira, uma vez que não há nada nos relatos de Amália que sinalize outra coisa, senão a preocupação com o pagamento da faculdade. Os exemplos são todos a este respeito, como se pode ver a seguir:

(...) meu pai deu graças a Deus, né? Não ia precisar pagar uma universidade am... uma universidade particular, não ia precisar pagar. Ele diz claramente até hoje se eu perguntar pra ele, ele pode responder: Ainda bem que eu não precisei pagar uma Ulbra, a Ulbra de Rinoceronte, não precisei pagar! Ainda mais naquela época da separação, é e coitado tava assim nem sei como ele conseguia trabalhar e se preocupar em pagar minha universidade, ia ser mais uma coisa pra agravar os ânimos de todo mundo...

(...) fui contra todos, pra ir pra uma universidade particular e não pra uma universidade barata... na época eu não trabalhava.

Mesmo assim, apesar de toda dificuldade mencionada por Amália, isto não a fez desistir de tentar ingressar numa universidade. Em seu primeiro vestibular, ela optou por **Psicologia**. Porém, não obteve aprovação no psicotécnico, fase preliminar e eliminatória. Como ela mesma relatou:

Fiz um psicotécnico pra fazer Psicologia e eu rodei... fizemos uma roda pra debater sobre o ensino fundamental e eu fui muito intolerante e não pra minha surpresa, não fui aprovada no tal do. Não sei se isso ajudou ou não, mas eu não fui aprovada no tal psicotécnico, meu pai deu graças a Deus.

Amália perseguiu seus anseios fazendo pré-vestibular e se matriculando, dessa vez em **Ciências da Computação**, na faculdade de informática. Aprovada, acabou tendo que trabalhar para permanecer estudando. Para resolver seu problema financeiro, ela adquiriu um imóvel e trocou de bairro, indo morar mais próximo da universidade. Em suas palavras:

(...) passei e comecei a cursar. No ano em que comecei a cursar morava em Rinoceronte (...) eu comprei a caixa de lingerie, vendi muito bem claro, muito bem, vendi como água (...) já que o problema era dinheiro, eu consegui fazer comprando uma casa perto do campus e me mudando pra lá (...) tinha as reservas, as economias, e a casa ficava a dez minutos de caminhada do novo campus, então, eu tinha resolvido várias coisas... ah... meio problema, porque eu não ia mais pagar aluguel, não ia gastar com transporte pra universidade, porque a universidade era na cara da casa, o campus novo, e por ser novo tinha desconto na matrícula (...).

E assim, Amália esforçou-se para entrar na universidade, obteve sucesso e para que isto fosse possível modificou sua vida e de sua família. A princípio, pode-se perceber que estas mudanças refletiam uma decisão pensada e segura. Ledo engano. Ela diz ter aproveitado do curso somente as disciplinas de Matemática, para em seguida abandonar novamente a faculdade. Nas palavras de Amália:

Eu tinha o dia todo pra estudar, comecei a aprender matemática naquela época.

Era tudo mastigado (...) quando a coisa começou a ficar mais difícil que aí os professores não davam tanta chance e eu já não gostava tanto de programação, lá pelo quarto ou quinto semestre, eu fiz tudo o que podia fazer de matemática e cálculo, estatística e matemática não tinha mais o que fazer no curso e eu não tinha mais saída. Daí, quando a coisa apertou pra mim eu... e eu... tava muito ocupada por um outro lado, que eu tava trabalhando muito, tava vendendo muito tava numa fase muito boa (...) eu vou trabalhar e vou

ganhar dinheiro e fiz a opção pelo ganhar dinheiro que eu preciso e tranquei a universidade.

Depois de frequentar todas as **disciplinas de Matemática**, era necessário que continuasse seus estudos também nas matérias de programação. Suas dificuldades emergiram não como questionamento em relação à escolha do curso propriamente dita, mas devido a pressões realizadas por alguns docentes em relação à aquisição do conhecimento destas disciplinas. Segundo Amália, o que antes era acessível, ou seja, estudar matemática, geometria, estatística e cálculo, não era semelhante em relação às disciplinas de programação. Talvez para que isto ocorresse fosse preciso um envolvimento maior com as matérias, um maior engajamento ao curso, o que para ela não seria possível, pois parecia estar mais ocupada com a questão financeira do que com o trabalho. Ou talvez fosse necessário superar algumas barreiras, modificar sua atitude, como ela mesma mencionou:

(...) será que eu vou sempre travar diante de uma dificuldade? É mais do que sofrido por que am... eu sei que de uma certa maneira eu tenho competência, tu entende? (...) há uma outra coisa em mim que não funciona bem, sabe? Am... eu... eu não consigo assim... falar bem claro o meu raciocínio diante disso, mas é também uma preocupação eliminar esse tipo de comportamento, porque não adianta eu aprender tudo muito rápido e ter um bom raciocínio lógico e quando eu me sinto ameaçada por qualquer coisa, eu pulo!

Essas reflexões ela teve durante o mês de maio, após já ter falado muito sobre sua vida e terem sido tematizadas algumas questões a este respeito. Esse processo de ir e vir pontuando as palavras já mencionadas parece propiciar reflexões posteriores, porém, é preciso tomar cuidado para não interromper o relato do informante, pois em horas indevidas corre-se o risco de mudar o rumo do relato. Como afirmou Queiroz (1991),

(...) na coleta de histórias de vida, a interferência do pesquisador seria preferencialmente mínima. (p. 06). E mais, nas histórias de vida embora o pesquisador sub-repticiamente dirija o colóquio, quem decide o que vai relatar é o narrador, diante do qual o pesquisador deve se conservar tanto quanto possível silencioso(...), pois o importante é que sejam captadas as experiências do entrevistado. Este é quem determina o que é relevante ou não narrar, ele é quem detém o fio condutor. Nada do que relata pode ser considerado

supérfluo, pois tudo se encadeia para compor e explicar sua existência. (idem, p. 07).

Para sua desistência em relação ao curso de Ciências da Computação, Amália afirma, antes de ser questionada, quais seriam seus motivos, é como se precisasse afirmar que não apenas a Matemática era atrativa, mas os ruídos provocados pelo uso da impressora também a fizeram desistir deste curso. Em suas palavras:

E se tu me perguntar hoje: Resume por que tu não vai concluir informática? Por que eu não suporto o barulho dos computadores. Sabe é uma coisa, assim, que vem, pode não ter nexo, mas é a primeira idéia que vem na minha cabeça. Acho que um dos últimos momentos que eu passei dentro da universidade, eu tinha que fazer, imprimir uns trabalhos dentro do laboratório de informática e tinha uma impressora muito barulhenta. Eu não suportava aquilo (...).

Concomitantemente ao período de desistência, havia outras coisas que Amália também precisava abandonar. Ela está decidindo sua separação e deixando a micro-empresa de lingerie. Nas palavras da informante:

(...) tranquei a universidade, né? Isso eu não me lembro o ano agora, eu não me lembro, mas eu sei que eu fiquei, mas eu fiquei um tempo com a lingerie, depois tive problema com meu casamento, resolvi lar... mudei me preparei pra separação, larguei a lingerie (...).

No final deste período, Amália permaneceu trabalhando com lingerie, ainda por dois anos e meio. A crise de seu casamento acabou culminando em separação. E logo após, ela decide fazer novo vestibular. A opção foi idêntica à primeira, mas obteve desta vez aprovação, como ela mesma relatou: *Eu resolvi fazer vestibular, outra vez voltar pra universidade, pra fazer **Psicologia**.*

A permanência de Amália neste curso foi de aproximadamente dois semestres. Em relação a isto, ela disse ter se decepcionado não pelo curso em si, mas pela coordenação do curso que era voltada principalmente para a área da psicanálise, mencionando o seguinte:

Não cheguei a ficar dois semestres na Psicologia. A diretora do curso era Freud até debaixo d'água. Freud dormindo, Freud acordado, tudo era Freud pra mulher. Ai, que horror,

eu comecei foi no segundo semestre que eu comecei a bater de cara com a mulher (...) eu penso que a Psicologia não é só essa coisa que essa mulher tá pregando e que Deus o livre se algum outro professor discordasse (...)

Algo que chama atenção em seus relatos, não é a desistência em si, pois mudar às vezes é preciso, mas, sobretudo, os motivos que Amália reuniu para se desfazer do que anteriormente parecia gostar, como se precisasse de uma desculpa que justificasse o abandono dos estudos. Ela mesma conseguiu refletir sobre isto, e sua interpretação parece se aproximar de uma compreensão menos imatura e mais realista a respeito de não prosseguir em seus estudos. Nas palavras de Amália:

É, mas foi assim... meu último sentimento em relação, assim à Informática e a Psicologia... um acho que foi muito pouco pra... se eu tivesse dado de repente mais um ano e pouco, talvez tivesse lido mais, eu teria... eu acho que foi uma experimentação, eu precisava muito me ocupar com alguma coisa e me ocupei demais.

As dificuldades em relação a uma escolha idealizada, no caso, a informática, podem se apresentar como dúvida durante a permanência nos primeiros anos de um curso universitário, se apresentando como escolha *errada*, ou ainda durante os primeiros anos, a apropriação dessa nova realidade, que não sendo mais um nome ou um número preenchido na ficha dos vestibulares, mas contato direto com o que vem a ser um curso dentro de uma instituição universitária enfrentando a rotina diária destes cursos. Hotza e Soares-Lucchiari (1998), corroboram estas afirmações, na medida em que elas podem estar representando uma escolha aparentemente consciente e, na verdade, ela pode ser *muito superficial e estereotipada, levando os alunos a desistirem de seus cursos quando passam a conhecer um pouco mais da profissão e percebem não ser aquilo que imaginavam*. (p. 104). As autoras ainda informam que uma escolha *está multi e sobredeterminada pela família, pela estrutura educacional e pelos meios de comunicação de massa (...)*. (idem).

Mesmo durante sua frequência no magistério, Amália teve ao mesmo tempo, muitas outras coisas para resolver. Precisa trabalhar muito, cuidar de todos e de tudo, menos de sua própria vida. Neste sentido, num processo de Reo se faz necessário que o

sujeito se dê conta de como lida com a própria vida, sua forma de lidar com o mundo e com os outros.

Amália parecia sempre se colocar em segundo plano, pois se tivesse *dado mais tempo* ou se *tivesse lido mais*, se tivesse se empenhado mais e em coisas que fossem realmente suas, talvez pudesse ter permanecido, como ela mesma sugeriu, nos cursos que iniciou. Porém, quando questionada sobre dar conta de sua própria vida e não da vida de outras pessoas ela apresenta seus motivos respondendo rapidamente e sem pestanejar:

É uma forma de manter as coisas sob controle bem disfarçado, né? Porque é muito mais fácil, na verdade, eu acho, que até muito desse meu histórico, assim, em torno das mulheres da minha vida [referindo-se a sua mãe e avó], da minha família, é muito mais fácil tomar conta, administrar o que é dos outros, do que o meu. Eu, sinceramente, tive muito e ainda tenho medo de tomar conta do meu próprio nariz.

Segundo Soares (2002), quando da necessidade de ruptura com o, já estabelecido acaba gerando medos e inseguranças, além da *incerteza em relação ao futuro e, conseqüentemente, um medo da liberdade, do desconhecido e do incerto*. (...) A mesma autora informa que as rupturas dão fim às ilusões, o que acaba obrigando os sujeitos a tomarem consciência de si, do que desejam e dos *determinantes internos e externos que a impedem de realizar-se profissionalmente*. (p. 154-155).

Amália em sua última passagem pela universidade passou a questionar suas escolhas e, confusa quanto a isto, resolveu novamente trancar o curso. Em suas palavras: *Eu tranquei a universidade de novo e fiquei, assim, meio perdida, não me sentia reconhecida nem pela Psicologia*.

Entre constantes hesitações e empecilhos, Amália desmotivada resolve desistir novamente o curso iniciado. Nessa época, ela conheceu Gabriel e resolveu viver a vida de uma outra forma. O curso universitário deixou de ser prioridade. Para Amália, as experiências que poderia obter ao lado de Gabriel e do modo de vida que este levava eram mais significativas mais valiosas do que qualquer conhecimento que pudesse obter dentro de uma universidade. Sobre esse momento, ela diz o seguinte:

O que eu pensava em função de ficar longe da universidade (...) eu não pensava em nada muito... muito concreto em função do que eu tenho que produzir, não tinha uma meta muito assim: Ah! Eu tenho que ganhar tantos mil esse ano, eu tenho que me formar em tal coisa, eu tenho que estudar tal coisa, não tinha nada disso, absolutamente nada disso. (...) Se eu paralisasse um pouco aquela vida que eu andava tocando pra ter esse tipo de experiência com ele, eu ganharia muito com isso e era o momento de fazer mesmo que se o meu trabalho parasse de render, tanto valesse como umas longas férias, tu entende?

Voltando-se à questão dos experimentos, a respeito de Gabriel, de viver ao lado dele, a relação acabou durando aproximadamente um ano e oito meses, terminando quando resolveram morar definitivamente juntos em Londres, segundo Amália devido a uma nova crise depressiva. Em seu retorno ao Brasil, estabelece um novo vínculo afetivo, agora com Heitor, que lhe auxiliou a sair da crise. Resolveu morar com ele após seis meses. Durante o período em que estavam juntos, prestou dois novos vestibulares, ambos para **Artes Plásticas**. No primeiro, não obteve aprovação, mas ficou numa lista de espera aguardando alguma desistência ou abertura de vaga para iniciar o curso. Já durante o segundo vestibular, Heitor sofreu um infarto e Amália, mesmo tendo se preparado para este novo concurso, não obteve êxito, como ela mesma mencionou:

Eu morei três semanas em Londres chorando o tempo inteiro. (...) eu voltei de Londres em setembro, em dezembro eu apaguei, fiquei até março desligada, fiquei assim só medicada. (...) um amigo nosso de anos, era advogado da minha mãe e conhecia toda a história da minha vida e estava divorciado há dez anos, lindo e maravilhoso, começou a me dar a maior atenção (...) dentro de seis meses eu fui morar com ele.

(...) eu sempre ficava dependurada, no primeiro ano eu fiquei por alguns décimos, na lista de espera, e no segundo ano, eu fui muito mal, o Heitor tinha infartado uns dias antes, eu não consegui, eu fiz a prova em dezembro. Eu fiz a prova de desenho que era sempre um mês antes do vestibular. Início de dezembro eu fiz a prova, ele infartou dia 24 de dezembro, a prova do vestibular era dia quatro de janeiro (...) e nem sei o resultado, pra te ser bem sincera, sei que foi pior que o primeiro ano, mas não cheguei a acompanhar o resultado (...)

Após o falecimento de Heitor, Amália deu um novo rumo à sua vida. Primeiro, ela encerrou, por vontade dos filhos de Heitor, os trabalhos pendentes do escritório de advocacia, para em seguida voltar a montar um novo salão junto com sua mãe e também resolveu retomar a construção da pousada de Sábia. Neste período ela passou a fazer reflexões a respeito da própria vida, de seu futuro, do que teria que fazer por ela mesma. Em suas palavras:

(...) eles decidiram, am... depois de 2 meses, fechar o escritório (...) depois quando eu saí dali, eu voltei a morar na casa da minha mãe.

Eu me sentia sobrecarregada, entendeu? Eu não am... quero montar o salão e ficar trabalhando e achando que está tudo bem e não estava. Eu não sei se eu fui muito... precipitada em resolver: vou fazer o vestibular pra logo ou mesmo sem ter de repente muitas condições de escolhas.

Então, como ele faleceu no início de abril, aí eu me deparei com aquela coisa assim: não tenho mais ele comigo; não sou mais a filhinha da mamãe; nunca fui a filhinha do papai; o que que eu vou fazer da minha vida? (...) vou fazer vestibular (...).

A vida com Heitor trouxe para Amália outras possibilidades de lidar com a vida; o controle mantido por ela sobre as atividades administrativas do salão de beleza, é abandonado, torna-se secundário. Ela passou a auxiliar Heitor junto ao escritório e aprendeu, ao seu lado, toda a prática relacionada a um escritório de advocacia, um trabalho que é visto por Amália como prazeroso e interessante.

Com o falecimento de Heitor, procurando minimizar a situação, ela resolveu prestar novamente vestibular: em Rinoceronte, para **Pedagogia** e, em Sabiá, para **Matemática**. Obteve aprovação nos dois concursos. Sua fala expressa a delicadeza do momento: *Eu passei nos dois vestibulares, né? Não sei se para a minha felicidade ou se para a minha tristeza.* (Risos). *(...) Achei melhor vir pra Sabiá (...) Já que eu tenho que cuidar do meu nariz, vou cuidar de verdade, né?*

Para Amália, ficar em Sabiá ou voltar para Rinoceronte não representava apenas uma questão de escolha de cidade. A decisão pelo primeiro Estado trouxe momento de reflexões e uma certa ambigüidade. Em suas palavras:

Tipo assim: Eu vou, se perder de repente não vou perder muito (Risos) ou vou perder muito, mas azar, não sei. (...) Foi uma das maneiras que eu encontrei, de meio que de corrigir a minha relação com a minha mãe... ou de fugir dela, não sei.

Em Sabiá, o que eu tô enfrentando com o curso... O que mais me irrita é que por mais que ele [referindo-se ao curso de Matemática] me faça sofrer, eu ainda gosto dele. (Risos). Vontade de largar, eu tenho todo santo dia (Risos), mas tenho vontade de voltar pra ele ao mesmo tempo (...).

Atualmente, Amália frequênta **o curso de Matemática**, fazendo disciplinas em várias fases e, como muitos de seus colegas, não tem uma única turma desde o início do curso.

Este é um fato comum nos cursos universitários nos quais ocorrem poucas aprovações durante os semestres, e como “para-que-distas”, os alunos frequêntam mais de uma vez uma disciplina. No caso de nossa informante, quando esta percebeu que não conseguia aprovação desistiu das disciplinas, como ela mesma menciona:

(...) já nos outros, que nem nesse semestre têm cadeiras porque é difícil, vou desistir. Então desistiria de tudo, não dá, mas eu vejo assim aquelas que dá pra ir mesmo com dificuldade eu estudo, eu tento, eu enfrento aquilo ali. O que me desagrada é que o meu limite não é minha capacidade. De repente, o meu limite, eu acho muito pequeno, porque um semestre que não sei, sete, oito cadeiras, eu consigo me dedicar muito bem no máximo a três (...).

Além das freqüentes reprovações, o fracasso escolar constante, a que são submetidos os alunos, principalmente dos cursos de ciências exatas, o curso de Matemática também foi mencionado como uma impossibilidade para os menos talentosos ou os que não apresentarem um *gosto verdadeiro* pela profissão, um problema a mais para quem faz esse tipo de escolha, ou seja, ser professor(a) e ainda mais de uma disciplina que exige um *esforço* maior dos alunos da licenciatura, o que parece não ser um desafio fácil a ser superado. Nas palavras de Amália:

Tu passa muito tempo durante o curso te sentindo um idiota, como é que esse pobre idiota vai chegar na frente de uma turma de adolescentes ou de crianças e vai dizer: Não hoje eu é que vou ensinar pra vocês não sei o que... Eu não consigo

fazer com que eu idiota vá pra uma sala de aula ensinar alguém (...) Sabe, isso é um problema, porque, na verdade, eu estou me preparando pra licenciatura e é uma coisa que eu acho que deveria me dar condições de ensinar Matemática, de me sentir preparada pra ensinar. Eu faço uma cadeira hoje que é Pedagogia da Educação e o professor fez uma atividade em sala de aula que vários colegas fizeram entrevistas com os professores sobre a experiência deles em si, né? O que que eles acham de ser professor de matemática como é que é dar aula de matemática, como é que foi a formação deles, o que que a universidade deu, como é que é que a universidade deu, como é que a universidade é que foi a formação deles o que...

Socialmente, a desvalorização dos professores não se refere somente ao curso citado, o pouco investimento em educação, a questão salarial, e a falta de recursos de escolas e universidades públicas são fatores que se agregam ao descontentamento presente nos cursos de licenciatura de modo geral. Pereira (2000) descreve um panorama histórico a respeito desta crise enfrentada pelos docentes e que emergiu nos anos 80, no Brasil, mobilizando freqüentes lutas por aumento salarial e em defesa de melhores condições de trabalho. Concomitantemente, havia uma conscientização a respeito tanto da função da escola quanto dos educadores, em relação a uma prática educativa associada à realidade social.

5.3. Trabalho, trabalho, trabalho

Frente à história de vida de nossa informante, falar dela é falar também de alguém que trabalhou intensamente, desde o início de sua adolescência, na escola ou no salão onde realizou várias atividades de ensino, mas houve também uma jornada administrativa no comércio, em sua micro-empresa de lingerie e no salão de beleza.

Em sua relação com o trabalho, Amália vai significá-lo, primeiramente, como uma necessidade, não como uma escolha pela qual pudesse optar. Trabalhar foi mais uma ocupação, e menos uma seleção de possibilidades, foi uma imposição das relações sociais que fizeram parte de sua história. O trabalhar aparece para Amália como uma responsabilidade exterior: a única **escolha possível** era manter-se trabalhando ao lado da

mãe, pois esta poderia auxiliá-la e assim, conseguiria manter o vínculo que era lhe mais significativo – de sua relação com a mãe.

Nesta situação, Amália pareceu estar estabelecendo também um lugar de poder em relação ao divórcio dos pais, ou seja, se ela ajudasse a mãe, estaria auxiliando-a na separação: a mãe se manteria sozinha sem depender financeiramente do marido. Um jogo de poder, em que ganhar seria imprescindível, tanto para Amália como para sua mãe. E mais, ganhar representaria renunciar ao pai como provedor. Possivelmente, vem daí esse vínculo que acabou estabelecendo com a mãe em relação ao trabalho, administração diária das atividades maternas, de ganhos e gastos. Em suas palavras, Amália confirma a idéia acima:

(...) Então, ver a minha mãe mal é indiscutível, inaceitável e quando a minha mãe precisava de uma força pra trabalhar melhor, lá fui eu e dei todo o necessário pra ela trabalhar melhor. (...) a minha mãe é muito, assim... dependente... da minha aprovação e do vínculo. É um vínculo muito, assim, grudento. De uma certa maneira isso me incomoda muito. Eu sempre acho que é uma relação muito do... doentia que ela mantém comigo, com a minha irmã eu acho mais saudável.

De qualquer forma, ela reconhece que a atitude de sua **mãe** faz parte de uma rede social maior do que o vínculo que ambas mantém. Neste sentido, Amália também reconhece em seu **pai** não apenas o *bicho-papão*, mas o esposo de sua mãe, o homem controlador, que fiscalizava, *subjugava, humilhava, desacreditava* sua esposa. Além disto, acabou percebendo que todo o controle exercido pelo pai também era mantido por ela quando administrava e cuidava de tudo que sua mãe fazia, como ela afirmou:

Então, ela [referindo-se à mãe] acreditava que aquilo [referindo-se a lista de tarefas que o pai deixava para serem cumpridas, já mencionadas anteriormente] era muito associado à função dele, ao que ele fazia, aquela coisa de controle, controle, controle, controle e achava ele um idiota, uma coisa de maluco, sabe? Acho que muito em função disso é o que eu consigo imaginar, a respeito do menosprezo dela em relação ao trabalho do meu pai. E, com certeza, eu ainda faço muita falta, porque depois do meu pai, fui eu que fiz e hoje ela não consegue sair desse padrão.

Amália conhece a realidade do **mundo do trabalho** do qual faz parte e não está alheia às condições a que tem que se submeter, já que por várias vezes inseriu-se em diferentes funções, proprietária, administradora, funcionária e estagiária. Nestas idas e vindas lembrou-se de sua relação com o padrasto, que aconteceu num espaço montado para ele por sua própria mãe. Como o vínculo profissional estabelecido anteriormente entre eles fora interrompido, Amália se viu desempregada. Esta condição de desemprego, no entanto, não lhe assustou, pois conhecia suas habilidades e competências. Como ela mesma disse:

Eu sei que ele [referindo-se o padrasto] acabou brigando comigo, me mandou embora e eu voltei a trabalhar com a minha mãe. Fui pro mercado de trabalho, como certamente eu era uma boa profissional, minha mãe me fez uma boa proposta, uma oferta de trabalho (...).

O conhecimento que Amália tem do mercado de trabalho surpreendeu, uma vez que a preocupação com o desemprego é uma constante na atualidade. Sua fala só pode ser compreendida quando Malvezzi (1999) menciona que hoje o critério obrigatório para cada trabalhador é que este cuide de sua capacitação, procurando desenvolver redes sociais que lhe permitam acompanhar o desenvolvimento dos negócios e do mercado de trabalho. Para ele, somos nós trabalhadores que criamos, dentro ou fora da empresa, nosso emprego, assunto corroborado por profissionais que discutem a questão da carreira, incluindo aqui o próprio autor. Ele ainda cita que: *O trabalhador de hoje administra a sua empregabilidade através do desenvolvimento de sua identidade profissional, que é o capital com o qual ele negocia sua participação em novos cargos, missões e projetos.* (p. 67).

Amália comprova em sua fala sua busca constante por novos conhecimentos, não estando alheia ao que acontece a sua volta, circula por muitas profissões procurando atenta o que no mercado possa ser uma oportunidade de trabalho:

(...) busco sempre algo para aprender, não sou mais uma cabeleireira, sou uma estagiária, conquisto a cada dia um passo a mais em direção a um cargo administrativo, ainda não sei aonde, mas eu busco constantemente, concursos e ando de olho no mercado.

Tanto a fala de Amália quanto as de Malvezzi (1999) são um retrato do mercado de trabalho atual, em que as carreiras não são mais uma conquista meritória, mas um trabalho de empenho pessoal, de competência e de habilidade. A tendência é a de que o emprego deva ser conquistado pelo trabalhador e não mais oferecido pelo empregador como prêmio por dedicação e/ou capacidade.

A certeza de Amália quanto ao mercado de trabalho se mantém ainda atualmente, porém as freqüentes desistências de cursos universitários, somada às reprovações que vem enfrentando durante o curso de Matemática, causam-lhe frustração e um certo sentimento de impotência perante estas dificuldades.

Somados a estes percalços, cabe ainda ressaltar, em relação à escolha pelo curso de Matemática, o que Pereira (2000), menciona. Segundo este autor, na sua grande maioria, os alunos aprovados nos curso de licenciatura acabam desenvolvendo algum tipo de atividade remunerada, porém os maiores índices de aprovados que trabalham acabam sendo encontrada nos cursos de Matemática diurnos como no caso de Amália. Atualmente, Amália trabalha como estagiária e muitas dúvidas também emergem. Em suas palavras:

Infelizmente, eu penso assim, da minha realidade: Amália vai viver do quê? Vai passar quanto tempo sendo estagiária? E o que eu ganho? É pra pagar meu aluguel e fazendo terapia, pra agüentar o curso. Sabe, dois três meses tu tá deprimida, Daqui a dois, três meses, tu não tá. Daqui a dois, três meses, tu tá deprimida e aí tu não consegue terminar o semestre. Primeiro porque tu não entendia, e depois quando tu entendia, tu te deprimiu por que já tava estressada. (Risos). (...) Eu não sei mais qual o certo e o errado, a que preço a matemática sai pra mim. (...) Por outro lado eu não me perdôo, assim, o fato de desistir e desistir outra vez, tu entende? Dá uma sensação de falência, eu não convivo muito bem com isso.

Para Amália, **as perdas** de semestre letivo evidenciam, na verdade, desistências constantes perante algumas disciplinas quando sente que há impossibilidade de sucesso. Essas desistências são percebidas por nossa informante como ameaça a sua saúde, acarretando o que ela denomina de crise depressiva.

Silva (2001) menciona que num processo de re-escolha as angústias estão quase sempre relacionadas ao tempo: falta de tempo, perda de tempo, ou desperdício do tempo. Como Amália mencionou:

Às vezes, eu me desespero pela emergência de resultados por que a vida da gente é sempre muito difícil e todo mês acontece uma coisa nova. (...) Eu quero ter realização profissional, eu quero ter conhecimento (...) Eu queria ter mais tempo, assim, pra poder me dedicar mais (...) Eu lamento profundamente porque eu acho que o dia que eu conseguir ter o tempo pra isso, eu já não vou ter tanto poder de absorção (...) É um pecado não ter tempo pra ler um bom livro, pra freqüentar uma biblioteca (...).

Corroboramos com a autora e pensamos que essa trama diária que Amália tem que enfrentar a falta de tempo para suas leituras ou para aquisição de conhecimento é uma realidade contemporânea, sendo o tempo muitas vezes percebido pelos reorientados em função da necessidade de resultados imediatos a que vêm buscar, de resolução rápida de suas questões profissionais.

No entanto, para nossa informante, o que parece lhe preocupar ou causar desconforto não se refere apenas à falta de tempo, mas também por ainda ser estagiária, e não ter ao certo clareza de que a conclusão da licenciatura em matemática acontecerá a contento.

Além disso, Amália não admite fazer nada de um jeito que não seja o seu “melhor” e desistir é não ser a melhor naquilo que escolheu como tarefa para cumprir. Como ela mencionou:

*Imagina, mas é que nem aquela coisa que eu digo pra ti, se eu não consigo cumprir de uma maneira que eu acho mínimo am... assim, nem perto do desejável, eu sofro. Ah! Porque é a pior coisa do mundo alguém chegar ali pra ti e dizer assim pra ti: Olha fulano, tu erraste fizeste um lançamento errado. No meu trabalho se eu tiver ensinando Matemática: Oh! Professora tu errou, não é assim que se calcula Matemática. Não posso admitir que não seja putz, putz... esse é meu índice de exigência...
(...) eu sofro porque eu não sou a melhor, porque eu não sou boa, porque não sou boa, porque não sou boa e eu sofro e*

tento ficar tentando me desprender disso e aceitar às vezes a imperfeição, que é uma coisa natural da vida.

Os relatos de nossa informante são marcados por um nível de exigência consigo mesma que nos faz pensar não nessa relação de perfeição apenas, mas numa onipotência que possivelmente encobre suas inseguranças. O que pode ser percebido em suas palavras:

Eu gosto da Matemática, gosto da coisa, gosto do mistério, da dificuldade da coisa, quando as coisas, assim, se resolvem, se encaixam de uma maneira surpreendente, mas não me sinto em condições de ensinar e eu temo por não me sentir nunca em condições de ensinar.

Amália esteve sempre ao lado de adultos, que são exemplo de profissionais estáveis ou bem-sucedidos em suas profissões (como no caso de seu próprio pai, de Gabriel, de Heitor) e sua trajetória profissional vem marcada por trocas, desistências e de recomeços, estes acontecimentos de sua vida não são vistos por ela como marca de exemplos a serem seguidos.

Como futura professora, sua identificação parece aproximar-se a um **modelo de docente tradicional**, do tipo que transmite o seu saber, de alguém cujo saber é transmitido ao aluno e não construído junto deste. Acredita-se que o conhecimento não é uma reprodução do que é ensinado, mas neste modelo o professor é percebido como o único detentor de saber, relação de poder através de um saber que é controlado e lecionado em doses homeopáticas, apenas o suficiente para ser transmitido, o necessário. Ou quem sabe, talvez ela corresponda às palavras de Arroyo (1985) (citado por Pereira: 2000, p. 22): *no dia em que tivermos educadores mais qualificados, teremos resolvido os problemas da educação*. Tais palavras são, para Pereira (2000), reflexos da naturalização do problema da educação bancária, o que acaba estabelecendo, segundo o autor: *uma relação mecânica entre o preparo do professor e o seu êxito ou fracasso no processo*. (Idem, p. 22).

Pereira (2000) recomenda uma ruptura com este modelo simplista, em que o professor é mero transmissor de conhecimentos e sua prática é essencialmente verbalista, um ensino mecânico, mnemônico e de reprodução do conteúdo. Segundo este autor, a relação ensino-aprendizagem não deve ser algo metódico e imposto, já que é mais bem compreendida enquanto troca, e nas situações de ensino, não contar com algo pré-

concebido, pois sempre são situações singulares. Além disto, tais relações não resistem nem à prática, nem às mudanças que o ensino enfrenta cotidianamente.

Além de tudo que Amália enfrentou durante sua vida, o adoecimento emergiu possivelmente como válvula de escape, como forma de suspender todas as responsabilidades que envolvem decisões ou soluções próprias. Como ela mencionou:

*(...) parece que eu cheguei a um certo limite e depois disso, essa coisa assim de adoecer foi virando quase que constante. Eu entrava numa coisa mais mais estressante, TUM, lá tava a Amália doente com uma doença suspeita. (...) isso tem na minha vida um histórico de 15 anos no mínimo que essas coisas, que essa situação se repete. Eu acho que eu sou merecedora de me livrar desse fato (...) eu ter esse escape de que virou problema: eu adoço. Então pra me dar mais de repente um tempo, pra pensar, um tempo pra reagir(...) Talvez, eu ganhasse isso com a própria Matemática, de tão difícil que foi, tão sofrida (Risos) eu parasse de morrer por ela e conseguir ir em frente.
 (...) será que, o fato é difícil eu adoço?*

5.3.1 Arremates

Será que Amália está se decidindo por matemática? Será que continuará seu estudo? Será que não adoecerá mais? Será que a escolha pelo magistério, pela licenciatura em Matemática, seria uma forma de se manter vinculada à mãe, pois esta aceita o magistério desde que Amália freqüentava o segundo grau? E a escolha pelos números, por uma ciência exata, controlada, rígida, lhe aproxima do pai? Essas são algumas questões que poderão emergir, na história de vida de Amália, e as respectivas decisões ela terá que enfrentar *sozinha*, já que nosso trabalho de reorientação terminou.

Como tantos outros reorientandos, que buscam ou pretendem encontrar aos seus questionamentos respostas sobre o que ser, quais opções encontrar e como se informar, além de, uma possível decisão a respeito de uma “escolha certa”, como já mencionou Krawulski (2000). Estas foram questões que permearam estes encontros e, neste sentido, selecionar Amália foi muito gratificante, uma vez que o acúmulo de vários anos de trabalho, e em diversas profissões e/ou ocupações, enriqueceram sobremaneira este

pesquisa. Encontrar um adulto jovem que tivesse tamanha experiência profissional foi como encontrar agulha num palheiro, o acaso pareceu estar conspirando a favor.

Ouvir essa voz que mencionou suas histórias foi propiciar anúncios sem amarras, mas não anúncios soltos, desprendidos. Toda pessoa ocupa um lugar social; quando o sujeito consegue amarrar suas histórias com o coletivo, possivelmente conseguiu-se fazê-lo pensar no lugar que ocupa na sociedade, pois uma vez que fala de si, também está falando de seu ambiente, de onde vive, de onde trabalha, do que fez, do que faz e como faz. Nessa reflexão sobre seu eu, sobre sua própria vida, estão os fios que se tornam tecido em seus ouvidos.

Além disso, o trabalho de uma pesquisa, embora solitário na maior parte do tempo, é também gratificante e significativo. Ele vem marcado pela objetividade, mas também permeado por afetos, emoções e sentimentos, o que não lhe rouba a cientificidade. Uma boa ilustração disto encontra-se em Bosi (1987), quando ela diz o seguinte: *Uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa.* (p. 02).

À guisa de término para esta interpretação, pode-se repetir o que Espinosa (1985) menciona com muita propriedade a respeito dessa questão. Em suas palavras o autor diz o seguinte: *o que de facto acontece com frequência é corromper-se o pensamento de um autor, alterando-lhe as frases ou interpretando-as mal.* (p. 215). Espera-se que isso não tenha ocorrido no presente trabalho, mas sempre estamos correndo algum tipo de risco, principalmente quando somos iniciantes num processo como este, que é, sobre tudo, difícil, complexo e, ao mesmo tempo, prazeroso e envolvente. Corroboramos com Bosi (1987), quando ela afirma:

(...) fomos ao mesmo tempo sujeito e objeto. Sujeito enquanto indagávamos, procurávamos saber. Objeto quando ouvíamos, registrávamos, sendo como que um instrumento de receber e transmitir a memória de alguém, um meio de que esse alguém se valia para transmitir suas lembranças. (p. 02).

Toda história de Amália faz pensar que ela poderá se decidir pelo magistério como profissão, mas esta decisão cabe a ela, mesmo que durante a história de sua vida tenha internalizando uma série de significados a respeito desta prática. Porém, não deve ser objetivo de uma OP ou Reo que a escolha profissional aconteça com o término desse

processo, uma vez que esta envolve conhecimento individual, informação profissional e decisão. As duas primeiras etapas são de responsabilidade tanto do orientador como do reorientando, e a última, é exclusiva do reorientando.

Aos orientadores, não importa, qual decisão seus reorientandos irão tomar, mas certamente importa a significação que atribuirá ao curso que escolher, desde que seja uma escolha coerente com seu projeto de vida e que (seja uma escolha que) faça sentido.

Neste sentido, mesmo que a decisão não aconteça durante o processo de OP ou Reo, o sujeito deverá ter condições para buscar sozinho a resposta, a sua resposta, a sua escolha e não a escolha “certa” ou a escolha imposta, mas a possível, que demande reflexão e não seja uma decisão apressada e pressionada.

Aued (1999) pondera que, ao refletirmos sobre o nosso querer, sobre o querer para nossas vidas, estamos, de uma outra maneira, compreendendo as questões de nosso tempo e estas lembranças não são trazidas de qualquer jeito. Um testemunho revela não apenas uma história, ele é sustentado na memória e, segundo a autora: (...) seu traço mais forte associamos a arte de escrever, demos vida àquilo que foi lembrado. Com isto, pensamos contribuir para perpetuar o gesto de saber contar histórias, que não é somente lembrar, mas, no fundo, refazer a própria história. (p. 6).

Enfim, falando de sua vida, Amália oportunizou ao mesmo tempo lembrar e refazer sua própria história. Em suas palavras:

(...) fiquei perguntando-me onde estão meus vestígios, onde ficaram as impressões da história da minha vida. Senti-me vazia, senti que ainda não conseguia fazer nada e que nem ao certo sabia onde teria prazer em expressar-me.

(...) Eu precisava de algo, precisava de essência, precisava existir, parei de esconder-me atrás dos outros, da ida e das necessidades dos outros e fui em busca de mim e continuo me procurando e me conhecendo e tento ter toda a sabedoria, paciência e sensibilidade para realmente conhecer e reconhecer-me.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A chave

E de repente
o resumo de tudo é uma chave.
A chave de uma porta que não abre
para o interior desabitado
no solo que inexistente,
mas a chave existe.

A porta principal, esta é que abre
sem fechadura e gesto.
Abre para o imenso.
Vai-me empurrando e revelando
o que não sei de mim e está nos Outros.

E aperto, aperto-a, e de apertá-la,
ela se entranha em mim. Corre nas veias.
É dentro em nós que as coisas são,
ferro em brasa – o ferro de uma chave.
(Carlos Drummond de Andrade,).

Podemos escolher como desenvolver um trabalho, mas isto não implica saber se ele trará respostas que sejam significativas. Durante a coleta de informações, por várias vezes esta pesquisadora se perguntou se conseguiria resultados relevantes e ou se estaria efetivamente auxiliando a reorientanda. Mas durante o processo, entretanto, à medida que as sessões estavam mais próximas de seu término, pôde-se ter algumas certezas, alguns esclarecimentos e também algumas questões.

Quanto às certezas, entende-se que as histórias de vida podem auxiliar os trabalhos de reorientação profissional. A cada encontro, o sujeito pode dar-se conta de que suas escolhas não são ocasionais ou solitárias, e que há uma rede maior que tanto o determina como é por ele determinada, ele, sujeito é a sociedade. É possível ir se reconhecendo a cada encontro, reconhecendo as relações estabelecidas, o modo como foram internalizadas, e além de saber que as dificuldades não são apenas pessoais, mas podem também ser financeiras e/ou institucionais, como relatou várias vezes nossa informante. Quando tinha condições de se manter apenas estudando, esta conseguia concluir as disciplinas, da mesma forma quando relatava que determinados cursos tinham um corpo docente mais envolvido

com a tarefa de ensino e aprendizagem. Foram nas e pelas relações sociais que Amália acabou estabelecendo outros vínculos que lhe possibilitaram decidir, desistir, retornar e também se questionar a respeito de seus estudos universitários. Neste sentido, conhecer a própria história para ressignificá-la a cada dia deve ser um dos compromissos pessoais que as histórias de vida podem proporcionar às pessoas.

As histórias de vida também favorecem um encontro com o orientador, que não é alguém isento de intenções, mas que procura, em suas relações com os reorientandos, ressignificar modos de ação e de relação destes para com seu meio e, assim, propiciar mudanças que sejam significativas para si, nos encontros e com os outros.

O trabalho de OP deve ser construído juntamente com as pessoas que solicitam este serviço. O rumo das sessões dependerá de ambos, orientador e reorientando, de acordo com os questionamentos do solicitante, cabendo ao orientador o domínio não apenas das técnicas existentes, mas da criatividade para adaptar as técnicas a cada situação específica, sendo mediador para novas apropriações.

Essas são algumas certezas, mas a principal é a de que nossa informante não se sente tão sozinha, numa caminhada que é feita agora em conjunto, ao lado de familiares, de amigos, de professores, das instituições de ensino, do mercado de trabalho, da realidade nacional, entre outros.

Quanto aos esclarecimentos, ainda não se pode afirmar com clareza se é possível utilizar as histórias de vida com adolescentes em OP. Provavelmente, algum encontro com histórias de vida tópica seja possível, mas isto ainda é assunto que merece ser pesquisado. Contudo, em relação à utilização desta técnica, é preciso que isso não ocorra de forma isolada, como bem apontaram os pesquisadores deste instrumento já mencionados.

Principalmente, deve-se recorrer as técnicas que permitam organizar o tempo, os momentos vividos e os acontecimentos que envolvem escolhas, não apenas profissionais, mas nas suas mais variadas formas da escolha. Seja por um prato na hora do almoço, pelo carro que se quer comprar, pelos amigos com quem se quer conviver, entre outras. As decisões, além disso, devem ser vistas como possibilidades para o momento, e não como uma obrigação, mas como busca de uma oportunidade, e que não seja de uma ocasião insípida, mas fundamentalmente uma oportunidade agradável.

É preciso também anotar pequenas impressões ou o que pode ser considerado mais marcante durante o trabalho de cada encontro, principalmente no término das sessões gravadas; elas acabam somando e dando novos rumos para sessões posteriores. Isto é algo de que se sentiu falta no presente trabalho, pois se anotou muito pouco e somente durante as transcrições. Possivelmente um diário de campo teria sido útil.

Ficam em aberto algumas questões. Em relação à escolha *certa*, entende-se que nunca existirá resposta que correspondam a acertos precisos, pois a única certeza que permanece é de que uma escolha pode ser a “certa” no momento em que ela acontece.

Há também que se investigar o quanto às histórias de vida podem ser terapêuticas, principalmente no sentido em que é mencionado por Bohoslavsky (1977), ou seja, terapêutico como promotor de saúde, de desenvolvimento, de bem-estar ou de felicidade para o ser humano, e também se é necessário aumentar o número de sessões ou realmente estipular um limite máximo de encontros. Ao se trabalhar com histórias de vida emergiu nesta pesquisadora disposição em manter os encontros, um encanto gratificante que inspira um continuar e continuar, mas o término também faz parte do processo de Reo.

Conforme Krawulski e colaboradores. (2000), a tarefa da reorientação deve procurar ultrapassar as fronteiras individuais, deve ser uma busca por adequação individual e social. Nas palavras das autoras:

O re-orientador deve procurar contribuir na reflexão sobre o projeto de vida pessoal e profissional e, a partir de tal reflexão, na busca de novos caminhos, auxiliar as pessoas a se darem conta de como lidam consigo, com as relações de trabalho e sociais, para então, se necessário, reestruturar tais relações, de um modo adequado para si e para a sociedade. É fundamental que, neste processo, os indivíduos construam “pontes” entre o mundo interno e externo, e aprendam a lidar com as possibilidades e limitações presentes em ambos. (p. 90).

E sobre nossa informante? Através da história de vida de Amália, o que ela realmente quer saber? Saber sobre si mesma? Saber sobre os outros? Saber para si? Saber sobre o saber? Saber o que, exatamente? Saber sobre si: quem foi, quem é. Saber sobre os outros: sobre os pais, sobre a relação dos pais, sobre a irmã, sobre os homens. Saber para si: quem virá a ser, que profissão vai escolher. Saber sobre o saber: saber sobre o próprio

saber, saber o que lecionar, como lecionar, saber que nunca saberá, saber o porquê de tantos porquês.

Para algumas perguntas, respostas: ficar em Sabiá para não manter o vínculo que lhe enfraquece como sujeito singular, enfrentar as adversidades e não mais deixar que outros escolham por ela, de forma que precise decidir o que lhe compete, (...) *é à parte que lhe cabe neste latifúndio*, já dizia João Cabral de Melo Neto, no poema Morte e Vida Severina. Amália optando por ficar em Sabiá acabou esclarecendo algumas de suas indagações e preocupações, o que para ela foi considerado uma vitória em relação a vida que levava em Rinoceronte.

Para outros questionamentos, tempo. Tempo para encontrar nas próprias relações, seu modo de agir, a forma de escolher e de saber. Saber que não conseguirá tudo saber e tudo ensinar. Saber que escolher é também renunciar. Saber que nunca se sabe e, talvez, nunca se saberá. Saber que para algumas indagações temos respostas e, para outras, temos somente dúvidas. Na vida, para as *histórias de vida* de cada um, há uma voz que ressoa e responde e uma voz que ecoa e se cala. Uma voz pronunciada que não encontra eco. Uma voz que soa e que não é nem encontrada e nem ouvida. Uma voz que é somente sentida e significada enquanto dúvida. Páginas de uma vida que ainda prossegue.

Trabalhar com vida, com histórias de uma vida é um fazer conhecer-se a cada instante, um dar-se a conhecer nos seus próprios momentos de procura. É um trabalho para ambos: informante e pesquisador. É também um reconhecer-se nas histórias, que são compartilhadas. Quando ouvimos histórias ou conversamos sobre elas, sejam nossas ou alheias, quando pensamos as histórias de cada um, pensamos também nossa própria história, e o outro que nos conta se apropria de novos/velhos jeitos de sua vida que estavam adormecidos. Essa é a trama de cada fio, de cada tecido que é (ex)posto, fazendo-se conhecido: tece. E tece o social a partir do individual, o singular a partir do plural, numa dialética constante.

Trabalhar com histórias de vida é trabalhar com memórias adormecidas, pedaços esquecidos por não serem falados, lembranças apagadas pela falta de quem as ouvisse, mas é também falar de lembranças vivas, constantes, lembranças marcantes que são sempre atuantes. Falar da vida é falar das relações sociais, é construir e reconstruir a história pessoal, pois ao mesmo tempo em que o sujeito fala de sua própria vida, por consequência

ele a ressignifica, fazendo um outro molde, criando novos fios, tecendo novas/velhas redes. Se a vida fosse um bordado, ela seria coberta por fios soltos, por fios juntos, por espaços em branco, em várias cores e por buracos também.

A vida é nossa própria arte e o tecido que se faz da vida é repleto de histórias e decisões. Estas nos acompanham em qualquer parte, pois sempre estamos nos decidindo entre um ir e um ficar, entre ser isso ou aquilo, entre a bolacha e o biscoito, entre o caminhar e o parar, entre o que vamos comer e o que vamos beber, entre o lápis e a caneta, entre o jeans e a camiseta, entre o velho e novo, entre uma profissão e outra(s). Viver é também aprender a selecionar, a se desfazer, a abandonar, para, quem sabe, “acertar”.

A história de vida é como a chave de Drummond, chave que não abre para um lugar inexistente, mas abre portas para a imensidão, e por sua vez, acaba fechando outra. Não é uma chave qualquer, que se coloca em todas as fechaduras. Ela se encaixa na justa medida, ela está para seu molde quanto o orientando está para sua orientação, está para a porta como a escolha está para a decisão. Ela pode abrir muitos caminhos e, em consequência, fechar muitos outros: como de quem decide por A e acaba eliminando o B, o C, e o D. Ela se encaixa perfeitamente em uma abertura e, portanto não se encaixa em outras, como a seleção por um, e não outro curso: no curso A tem X e Y e só no curso A, e o que há no A não se encontra na mesma medida em B, e vice-versa. Portanto encontrar a chave que permita um reencontro consigo, a reorientação de si, vinculando toda a rede familiar, social e profissional, é tarefa que pode ser facilitada pelas histórias de vida, não como mágica que se obtém com vara de condão, mas como instrumento que negocia várias possibilidades, avalia direções, encaminha para informações, respeita dificuldades e limites, busca o fio da meada desde onde o novelo começa, seguindo-o até onde ele foi parar e, quem sabe, para onde ele irá.

Certamente, se a escolha dependesse exclusivamente de uma chave, haveria muitos molhos para se procurar, pois são muitas as escolhas a se fazer. Mas, se a vida fosse um palco, nós seríamos os melhores protagonistas e, como disse Guareschi (1997, p. 15), (...) *nós somos, pois um microcosmo. Resumimos em nós, praticamente, todo o mundo. Tudo aquilo com que mantivemos alguma relação, faz parte de nosso ser.*

Esta é a característica mais marcante de uma história de vida: não é um simples lembrar, nem apenas um gesto de contar, é um refazer, um recriar. As histórias de vida são

uma nova forma de se relacionar com o mundo, de se atualizar na qualidade de ser singular e único, social e coletivo. Nesse emaranhado é que se pode obter uma atualização pessoal e, neste sentido, contando nossas próprias histórias estamos contribuindo para a transformação de nossa realidade.

Vale, ainda, deixar alguns recados para finalizar, na verdade alguns alertas... diante de tantas possibilidades, no meio de tantos problemas, envolvidos em tantas histórias, a dúvida talvez seja a única certeza. Dúvida em relação a si mesmo, em relação aos outros significativos. E se não for suficiente, há outros jeitos de escolher, de selecionar, pois são tantos cursos para se optar que, se quiser escolher brincando, também é possível fazê-lo, como num *ai bai bia sindicato companhia*, como bem salientou o resultado do psicotécnico de Amália: *Olha minha filha, tu podes ser o que tu quiser!*

Se nada disso der resultado, se no futuro as pessoas ainda estiverem se questionando sobre o que vão ser quando crescerem não se esqueçam: olhem para dentro, olhem para a história, olhem para a vida, olhem para suas próprias histórias de vida. Reencontrem velhos amigos, lembrem dos improvisos, visitem várias cidades, conheçam as pessoas que moram ao seu lado, pensem sobre seu bairro, percebam sua cidade vivam o seu país. Sejam quantas forem as histórias a serem contadas, reconheçam-se nelas, agradeçam por fazer parte delas ou reclamem sua (in)diferença. Sua vida pode conter muitas respostas, e o trabalho do orientador é somente a ponta do fio para que você possa (re)começar.

Para finalizar, deixa-se um “brinde”, como contadora de histórias, esta pesquisadora propõe fecharem-se os olhos. É uma história que foi recebida de uma outra reorientanda e, já faz algum tempo, mas ainda há saudade sobre o que ela relatava nos encontros e do que foi compartilhado. A história diz muito daquilo que se pensa a respeito de uma Reorientação Profissional e diz muito desta pesquisadora. A história diz mais ou menos assim:

(...) *fala de um pescador que não usava vara para pescar
e que usava um fio, e sempre puxava para o barco
após a pescaria e este se enroscava todo produzindo vários nós.
Sua tentativa de desfaze-los era pior.
Então, o que ele fazia – deixava uma ponta do fio dentro do barco
e jogava todo o arame na água.
Com o passar do tempo a água desfazia todos os nós.*

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Albornoz, S. (2002). O que é trabalho. São Paulo: Brasiliense.

Antunes, R. (1995). Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 2^a. ed. São Paulo: Cortez - Unicamp.

_____ (2002). Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo.

Aued, B. W. (1999). Histórias de profissões em Santa Catarina: ondas largas “civilizadoras”. Florianópolis: Editora do Autor.

Bastide, R. (1953/1991). Introdução a dois estudos sobre a técnica das histórias de vida. Em: Queiroz, M. I. P. de (1991). Variações sobre o uso do gravador no registro da informação viva. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor.

Bastos, A. V. B. (1997). A escolha e o comprometimento com a carreira: um estudo entre profissionais e estudantes de Administração. Revista de Administração –RAUSP, 32 (3) 28-39.

Bauer, M. W. & Gaskell, G. (2002). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

Benjamin, W. (1986). Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas, vol. I. São Paulo: Brasiliense.

Bliez-Sullerot, N (1998) www.lille.iufm.fr/drd/crec/axe3-rech-bliez.htm. Em 16 de outubro de 2002.

Bogdan, R. e Biklen, S. K. (1994). Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto.

Bohoslavsky, R. (1977). Orientação vocacional: a estratégia clínica. São Paulo: Martins Fontes.

_____ (1983). Vocacional: teoria, técnica e ideologia. São Paulo: Cortez.

Bosi, E. (1987). Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz, Ed. da USP.

Braverman, H. (1981) Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX. Rio de Janeiro: Zahar.

Brioschi, L. R. e Trigo, M. H. B. (1987). Relatos de vida em ciências sociais: considerações metodológicas. Ciência e Cultura 39, (7) 631-637.

Brochoire (1997) www.uhb.fr/ccb/BASES/4decouv/ecol9.htm. Em 16 de outubro de 2002.

Carvalho, M. M. M. J. (1995). Orientação profissional em grupo: teoria e técnica. Campinas: PSY.

_____ (2002) Prefácio. Em: Levenfus, R. S. & Soares, D. H. P. Orientação vocacional ocupacional: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa. Porto Alegre: Artmed.

Chanlat, J. F. (1995). Quais carreiras e para qual sociedade? (I). Revista de Administração de Empresas. 35 (6) 67-75.

Ciampa, A. da C. (1987). A estória de Severino e a história de Severina: um ensaio sobre psicologia social. São Paulo: Brasiliense.

Dell, M. (2002). O mago do computador. *Veja*, São Paulo, n. 25, p. 11-15, 26. Em: www.coperve.ufsc.br/vestibular2003/provaegaba/prova2-amarela.doc.

De Masi, D. (2004). Em vez de educar para o trabalho, educar para a vida. Em: www.folhadirigida.com.br/professor/Cad08/entDomenicodeMasi.html, 20/03/2004.

_____, (2004) O ócio criativo. Em: www.geocities.com/slprometheus/html/oc25.htm, 20/03/2004.

Dutra, J. S. (1996). Administração de carreiras: uma proposta para repensar a gestão de pessoas. São Paulo: Atlas.

Espinosa, B. (1985). Tratado teológico político. Madri: Editorial Tecnos.

Felisberto, R. de F. T. (2001). Tenho um diploma e não tenho um emprego. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

Ferreira, A. B. de H. (1975). Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Ferreira, M. de M. e Amado, J. (1998). Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas.

Ferretti, C. J. (1988/1997). Uma nova proposta de orientação profissional. São Paulo: Cortez.

Franco, M. L. P. B. (1994). Ensino médio: desafios e reflexões. Campinas: Papyrus.

Frigotto, G. (1986). Trabalho, conhecimento, consciência e a educação do trabalhador: impasses teóricos e praticos. Em: Frigotto e cols. Trabalho e conhecimento: dilemas na educação do trabalhador. São Paulo: Cortez.

Garcia, M. de P. B. (2000). Re-orientação profissional em grupo – planejamento por encontros. Em: Lisboa, M. D. & Soares, D. H. P. Orientação profissional em ação – formação e prática de orientadores. São Paulo: Summus Editorial.

Góes, M.C. (1991). A natureza social do desenvolvimento psicológico. Cadernos Cedes, 24, 17-24.

Gonçalves, M. D. da S. (2003). Homens com a guarda dos filhos: sentimentos e reorganizações do cotidiano. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

Guareschi, P. (1997). Qual a prática da psicologia social da ABRAPSO? Em: Zanella, A. V. (1997). Psicologia e práticas sociais. Porto Alegre: ABRAPSOSUL.

Haguette, T. M. F. (1997). Metodologias qualitativas na sociologia. 5. ed. Petrópolis: Vozes.

Hotza, M. A. S., Soare-Lucchiari, D. H. P. (1998) A re-escolha profissional dos vestibulandos da UFSC de 1997. Em: Revista da ABOP, 2,(1), 97-110.

Juliano, J. C. (1999). A arte de restaurar histórias: libertando o diálogo. São Paulo: Summus.

Krawulski, E. (1991). Evolução do conceito de trabalho através da história e sua percepção pelo trabalhador de hoje. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

_____, E., Siqueira, M. C. B., Caetano, S. S., Cascaes, C. T., & Soares, D. H. P. (2000). Reorientação profissional, orientação e o processo de escolha: notas sobre experiências vividas. Revista de Ciências Humanas, 28, 81-99.

Kosminsky, E. (1986). Pesquisas qualitativas – a utilização da técnica de histórias de vida e de depoimentos pessoais em sociologia. Em: Ciência e cultura, 38, (01), 30-36.

Lassance, M. C. P. (1997). A orientação profissional e a globalização da economia. Revista da ABOP, 1 (1), 71-80.

Laville, C. & Dionne, J. (1999). A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências sociais. Porto Alegre: Artmed.

Lima, M. T. (2003). Diferentes olhares sobre a re-opção profissional. Em: Melo-Silva, L. L. e cols. (2003). Arquitetura de uma ocupação: orientação profissional, teoria e prática. São Paulo: Vetor.

Lispector, C. (1999). A descoberta do mundo. Rio de Janeiro: Rocco.

Luft, C. P. (s/d). Minidicionário Luft. São Paulo: Ática/Scipione.

Magalhães, M. de O. (2002). O uso de histórias de vida na orientação de carreira: um enfoque construtivista. Em: Levenfus, R. S. & Soares, D. H. P. (2002). Orientação vocacional ocupacional: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa. Porto Alegre: Artmed.

Malvezzi, S. (1999). Empregabilidade e carreira. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 2 (1), 64-68.

Mardegan Júnior, E. (1993). A idade do lobo. São Paulo: Mercuryo.

Mariana, M. (1992). Confissões de adolescente. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Marx, K. (1984). O capital. São Paulo: Abril Cultural.

- Meihy, J. C. S. B. (1998). Manual de história oral 2^a. ed. São Paulo: Loyola.
- Mendes, M. S. B. (1995). Dobistórias: histórias infantis e dobraduras. Florianópolis: Ed. da UFSC.
- Minayo, M. C. de S (1998). O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec.
- Mintz, S. W. (1984). Encontrando Taso, me descobrindo. Dados–Revista de Ciências Sociais, 27, (1), 45-58.
- Molon, S. I. (1999). Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky. São Paulo: Educ.
- Moraes, V. (1968). Para viver um grande amor. 5^a ed. Rio de Janeiro: Sabiá.
- Moreira, R. J. (1953/1991). A história de vida na pesquisa sociológica. Em: Queiroz, M. I. P. de (1991). Variações sobre o uso do gravador no registro da informação viva. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor.
- Neiva, K. M. C. (1995). Entendendo a orientação profissional. São Paulo: Paulus.
- Nosella, P. (1986). Trabalho e educação. Em: Frigotto e cols. Trabalho e conhecimento: dilemas na educação do trabalhador. São Paulo: Cortez.
- Olabuenaga, J. R. & Ispizua, M. A. (1989). La descodificación de la vida cotidiana: métodos de investigación cualitativa. Bilbao: Universidad de Deusto.
- Orlandi, E. P. (1996). Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 2^a. ed. Petrópolis: Vozes.

Pereira, J. E. D. (2000). Formação de professores: pesquisas, representações e poder. Belo Horizonte: Autêntica.

Prado Filho, K. (1993). Escolha profissional e atualidade do mercado de trabalho. Em: Soares-Luchiari, D. H. P. (org.) (1993) Pensando e vivendo a orientação profissional. 2ª. ed. São Paulo: Summus.

Queiroz, M. I. P. de (1991). Variações sobre o uso do gravador no registro da informação viva. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor.

_____ (1988/1991). Relatos orais: do “dizível” ao “indizível”... Em: Queiroz, M. I. P. de (1991). Variações sobre o uso do gravador no registro da informação viva. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor.

_____ (1953/1991). Histórias de vida e depoimentos pessoais. Em: Queiroz, M. I. P. de (1991). Variações sobre o uso do gravador no registro da informação viva. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor.

Rocha-Coutinho, M. L. (1998). A análise de discurso em psicologia: algumas questões, problemas e limites. Em: Rodrigues, M. M. R. (org.). (1998). Psicologia: reflexões (im)pertinentes. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Rodrigues, E. A. (1995). Escolher a profissão. São Paulo: Scipione.

Sarriera, J. C. Silva, M. A., Kabbas, C. P. e Lopes, V. B. (2001). Formação da identidade ocupacional. Estudos de Psicologia, 6, (1), 27-32.

Sparta, M. (2003). O desenvolvimento da orientação profissional no Brasil. Em: Revista Brasileira de Orientação Profissional, 4 (1/2), 1-11.

Silva, M. B. da (2001). Reorientação: redefinição da escolha profissional. Em: Anais do VI simpósio brasileiro de orientação vocacional & ocupacional e I encontro de orientadores profissionais do mercosul. São Paulo: Vetor.

Singer, P. (1986). A formação da classe operária. São Paulo: Atual.

Sirgado, A. P. (2000). O social e o cultural na obra de Vigotski. Educação e Sociedade, 71, 45-78.

Soares-Luchiari, D. H. P. (org.). (1993). Pensando e vivendo a orientação profissional. 2ª. ed. São Paulo: Summus.

____ D. H. P. (1996). Choix professionnel: projet des parents – projet des adolescents. Tese de doutorado, Université Louis Pasteur, Strasbourg, França. Publicada em 1997: Editions du Septentrion.

____ (1997). A re-orientação profissional, apoio em época de crise. Revista da ABOP, 1 (1), 81-87.

____ (1997). Uma abordagem genealógica a partir do genoprofissiograma e do teste dos três personagens. Em: Levenfus, R. S. e cols (1997). Psicodinâmica da escolha profissional. Porto Alegre: Artes Médicas.

____ (1998). O que é escolha profissional. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense.

____ (2000). As diferentes abordagens em orientação profissional. Em: Lisboa, M. D. & Soares, D. H. P. Orientação profissional em ação – formação e prática de orientadores. São Paulo: Summus Editorial.

____ (2002). A escolha profissional: do jovem ao adulto. São Paulo: Summus Editorial.

Souza, P. R. (1986). O que são empregos e salários. São Paulo: Nova Cultural/Brasiliense.

Super, D. E. & Bohn Jr., M. J. (1976). Psicologia ocupacional. São Paulo: Atlas.

Vygotsky, L. S. (1991). A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes.

Vygotski, L. S. (1995). Génesis de las funciones psíquicas superiores. Obras escogidas. Madrid: Visor Distribuciones.

ANEXO 01**HISTÓRIA DE VIDA COMPLETA - 09/04/2003**

1- ENTREVISTADA: - Estranho!

2- ENTREVISTADORA: - É, muito estranho!

1- Não sei se é relevante ou não, mas uma coisa que me recordo claramente... eu devia ter 4 anos, 4 anos e meio e achava muitíssimo importante que eu fosse pra escola o mais rápido possível. Eu sei que era uma... era um pedido constante assim e minha mãe conseguiu me matricular, acho que naquela época... não sei se tinha à disposição na cidade onde eu morava, dois ou três escolas, em Cachorrinha, no Rinoceronte. Aí, eu sei que minha mãe conseguiu me encaixar numa turma de 1^a série, numa escola municipal próxima do bairro onde nós morávamos.

2- Você tinha quatro anos, né?

1- Cinco anos.

2- Cinco anos.

1- Quando ela conseguiu me encaixar, era muito difícil eles aceitarem por causa da idade muito baixa, então, a professora, a diretora consentiu fazer uma experiência, me colocando em sala de aula, né? Eu já entrei, tipo, um mês depois do início das aulas. Então, não tinha classe pra mim. Não sei por que, eu fui pra mesa da professora e lá fiquei por uns seis meses. Entrei pro currículo. Ah! Pensei na escola [inaudível] por desempenho tal, mas não queria sair da mesa da professora de forma alguma. Achava que lá era meu... era o meu...

2- Teu espaço?

1- Devido lugar, né? Acho que eu conseguia observar bem tudo que ela trabalhava e, ao mesmo tempo, controlar a turma. Eu me lembro disso como se fosse hoje, agora. É são das minhas sensações e... eu sempre tive muito ligada à escola.

2- Mas tu sentavas na mesa da professora na sala de aula?

1- Na sala de aula.

2- O que tu chamas de classe, é a carteira? A cadeira?

1- É isso. Exato. Eu não ficava na posição dos outros alunos.

2- Ficava ao lado da professora?

1- Ficava lá no lugar onde deveria estar a professora, ao lado dela. Isso foi muito marcante pra mim. Foi com muito custo que eles conseguiram me remover do lugar, onde eu deveria estar. Pra colocar no lugar devido, e por ser a aluna mais jovem da escola. Era uma escola pequenininha, de 1^a à 4^a série. Até a 4^a série, eu sempre tive, sempre me senti meio em destaque, porque eles sempre faziam alguma atividade cívica, onde eu tinha uma apresentação. Então, elas foram me agradando de outro modo, assim.

2- Tu participavas, então, destas coisas?

1- Participava, constantemente, né? Tinha toda aquela função, fazia parte da minha semana mostrar o caderno pra diretora. Umas coisas bem diferente dos resto. Assim, sabe? Aí, quando eu passei na 4^a série, que eu saí da escola, fui pra uma escola bem maior. Eu senti muito, porque na outra escola, maior, eu era uma aluna comum.

2- Claro!

1- Foi meio complicado. Até que lá pelo ano... segundo ano, nessa nova escola, eu consegui, acho que de tão xereta, chata, não sei, como, não sei, mas uma das professoras, a mais temida, assim, da escola. Eu era a sombra dela, né? Então, eu tinha aula durante a manhã e à tarde. Eu passava quase toda a tarde na sala dos professores organizando os cadernos dela. Sei que quando eu... não, no meu último ano do ensino fundamental, eu corrigia todas as provas. Eu sabia a média de todo mundo. Eu sabia, antes mesmo de todos os alunos, quem tava passado, quem não tava passado. Eu dava algumas aulas no horário da tarde, quando os professores deveriam dar e pela minha própria iniciativa. Eu tava na sétima série. Dava aula pra 5^a, pra 6^a. Eles pensavam que eu era representante da professora. E quando eu concluí o 1^o grau, uma das professoras me perguntou o que eu ia fazer no 2^o grau: *Sabe, vou fazer magistério toda feliz, né?* Uma das... me lembro perfeitamente: *Não faça isso.* [Ri ao relatar o que a professora lhe disse] *Não faça isso, pois não vai ganhar bem. Não vai ser reconhecida. Não vai ser recompensada. Uma vida muito sofrida. Não, não faça isso!* Mas é uma coisa que tá muito em mim.

2- É muito presente, né?

1- Exato. Eu não conseguia fazer coisa diferente, apesar de toda a briga do meu pai contra. [Menciona isto em relação ao magistério, o pai gostaria que a opção fosse outra]

2- Como é que era essa briga?

1- Ah! Era... foi um período muito difícil, porque os meus pais brigaram. Ficaram 20 anos casados, e acho que nos três primeiros anos... Não sei por quê. Eu nasci no 3º ano do casamento, mas eles brigaram sempre. Nessa época, quando entrei pro 2º grau, foi uma época, assim, de muita mudança na família em si. Minha mãe já trabalhava fora. Ela foi trabalhar fora lá pelos meus 8 anos. Ela botou, fez um curso, já tinha curso, que ela tinha feito há muitos anos. Fez uma série de aperfeiçoamentos e montou um salão de beleza. Era mais que um salão. Ela montou um salão que tinha... funcionava como escola junto.

2- De novo?

1- É, exato. Aí, eu comecei a estudar em Rinoceronte. Eu tinha uma rotina. A escola onde eu fui estudar era uma escola de padre, nesse ponto era bem exigente, até perto da escola do qual eu tinha saído, a gente mudou muito. Meu dia-a-dia junto com as novas, as crises mais sérias do casamento da minha mãe, né? A gente... eu saía de casa muito cedo, porque eu tinha que enfrentar um ônibus muito difícil de pegar. Ia pra sala de aula. Às vezes, ficava o dia todo na escola. Como eu ficava o dia todo na escola, eu comecei a frequentar o salão e comecei a me envolver com a parte do salão e, ao mesmo tempo que eu comecei a me envolver, veio à necessidade dela [referindo-se a mãe] de fazer o negócio dela dar certo. Am... pela necessidade que ela tinha, por que ela tava praticamente se separando e ela queria a todo custo o mais rápido possível ter condições de arcar com todas as despesas que competiam ao meu pai. Aí então, assim que ela percebeu que eu tinha condições de trabalhar na loja dela...

2- Tu tinhas que idade?

1- Eu tinha 13... 13 anos. Aí, eu comecei... quando eu não estava na sala de aula, eu estava no salão, e quando não estava no salão, estava na sala de aula. Isso tomou muito tempo. O próprio magistério já tomava muito tempo. Mas o caso é que eu fui pegando meio sem perceber o salão. Eu tinha facilidade pra captar as coisas. Assim, então, lembro que eu ensinava a cortar cabelo, ensinava penteado, ensinava um monte de coisa e eu mesmo não fazia. Demorou alguns anos pra eu convencer, pra eu começar a ter clientes, porque eu ensinava. Eu comecei a experiência com 13, com 14. Quando eu vi, eu já ensinava. Eu fui montar meu primeiro salão com 15 [incompreensível]. Eu tava no final do magistério, muito cansada, muito estressada, pelo volume de todas as atividades que eu tinha e mais pela crise que eu vivi em casa. Porque no último ano de casamento, do meu pai e da minha

mãe, foi meu último ano do magistério, foi meu primeiro ano de salão e eles não mais... só conversavam através de mim: *Diga pra tua mãe isso, isso, isso e aquilo; Diga pro seu pai isso, isso, isso e aquilo.*

2- Você fazia esse papel?

1- Eu fazia esse papel e tinha uma coisa muito difícil também, porque eu tenho uma irmã. Só tenho uma irmã e ela tem um ano e oito meses menos do que eu, e ela era a menina do papai e eu era a filhinha da da mamãe. E a minha mãe nos conta até hoje que a preferência dela. Meu pai, meu pai não tem isso, pelo menos não afirma assim. Minha mãe afirma, eu sou a... a mais sei am... sei lá, que se entrosa mais com ela, que entende melhor ela, e a minha irmã era muito à parte dessa crise toda.

2- Até por que tu ficava, tomava conta de tudo, né?

1- Exatamente, a minha irmã era muito à parte de tudo. A função dela era sala de aula, coleguinha. A realidade dela era completamente diferente da minha. Enquanto eu tava estudando, trabalhando, ela tava em casa fazendo tema, ou na casa de uma coleguinha, nem na mesma escola que eu estudei ela estudou. Você lembra que ela estudou o 1º ano do 2º grau. Acho que quando tava terminando e depois ela mudou pra uma escola estadual. Fiz um curso completamente diferente. Ela fez na época acho que era química, ou técnico em química, alguma coisa assim. Eu sei que a realidade dela era outra. Então, quando o pai e a mãe se separaram, que meu pai fez... o dia que meu pai fez a mala pra ir embora, quem acompanhou meu pai fui eu. Tipo assim, *vai pra casa que teu pai vai pegar as coisas dele.* Então, parece, que eu era mulher, tu entende?, no lugar da mãe, mas foi uma coisa muito marcante pra mim. Foi a primeira vez que eu notei meu pai de uma maneira mais realista, não com aquela imagem que a mãe me passava: *Teu pai é um monstro, teu pai é isso, teu pai é aquilo, é insensível.* Eu vi meu pai chorar. Sentou na minha frente, conversou comigo, como se estivesse falando comigo como um adulto, sabe? Não como uma criança, que tu esconde as coisas, que ele fez com minha irmã na época, sabe?

2- Você estava com que idade mesmo?

1- Eu... com 15, né? Foi uma época muito conturbada pra mim. Eu acho que tinha muita carga. Eu precisava receber muito apoio naquela época, de adolescente, que eu não consegui receber em função desse tumulto todo, né?

2- Lógico.

1- Então, o que que eu fazia. Eu quando entrei no ano de estágio, eu tinha um salão, mas não tinha tempo pra ficar lá. Então, eu tinha profissionais que trabalhavam. Minha mãe tinha uma escola, já bem maior. Eu mal passava pela escola, porque não tinha mais tempo de ajudar ela, mas as coisas fluíam, funcionavam. Quanto a dinheiro, não nos faltava, né? Meu pai, [inaudível] a preocupação, assim de me manter e a mãe pôde esfregar na cara dele que ela era capaz, (Risos), né? Que era objetivo dela, né? Meu pai sofreu muito. Meu pai foi um homem que ficou, assim, destruído. Me lembro de 3 anos seguidos que ele chorava, toda Páscoa, todo Natal, tudo isso, tudo aquilo, que ele não conseguia entender. Porque o casamento tinha terminado, por mais que ele soubesse que a convivência deles era bem difícil, ele não aceitava ficar longe da minha mãe. Ele sofreu muito e a minha mãe conseguiu um namorado muito rápido, assim o primeiro homem, acho, que apareceu na frente dela, que ela achou mais ou menos interessante. Difícil dizer isso, mas essa é a impressão que passa, que passou na época e acho, que no fundo, no fundo, acho que ela precisava muito que isso acontecesse logo. [Inaudível] E foi outro ano difícil, por que eu comecei o estágio do magistério e dois meses mais tarde, eu adoeci. Eu tive uma alergia ao giz. Concluiu-se que era ao giz. Na verdade, não se sabe da alergia de algum produto químico. Então, não podia nem trabalhar no salão, nem dar aula. Todo mundo, a primeira vez na minha vida, que meu mundo caiu. *Tá o que que eu vou fazer da minha vida?* Aí, eu me deprimi, perdi o interesse, aquele... aquela esperança, aquela paixão quando eu fazia as coisas, eu já não tinha mais, né? E a minha irmã começou a ter problemas, assim, porque ela não aceitava que o pai tinha ido embora. Ela ficou uma pré-adolescente muito, muito revoltada. Ia pra aula, brigava por qualquer coisinha, muito exigente. Ela é uma pessoa muito exigente e talvez pela idade, assim, nós não éramos tão próximas. Eu, na época já tinha namorado, ela não. A diferença de estatura era muito grande entre nós duas, sempre fui altona, grandona, vistosa. Ela custou a se desenvolver. Ela se matava fazendo alongamento, exercício, isso e aquilo. Tudo bem e realmente ela, assim num ano, não me lembro se foi nesse ano que eu tinha 15 anos, ela cresceu horrores prum ano, sabe? Então é engraçado, assim, eu sei que ela se matava por umas coisas bobas e conseguia alcançar, né? Então, ela conseguiu ficar mais mulher, mais próximo de mim, acho que ela olhava pra mim, pra minha mãe, e minha mãe parecia muito jovem pela idade, e eu sempre parecia mais velha, porque sou. Então, era muito mais próxima da minha mãe do que ela. Sabe,

acho que isso a incomodava muito, assim, sei que ela... sei que foi um ano, um ano eu entrei, né?, no ano de fazer magistério. Foi um ano bem difícil também. Meu pai não tava mais em casa, mas meus problemas maiores eram de ajuste da relação. Eu, minha mãe e minha irmã, e eu não pude fazer o estágio, tive que me tratar. Eu sei que tive que fazer o estágio três vezes, no total, em épocas diferentes, não me lembro bem.

2- Por causa da alergia?

1- Por causa da alergia. Eu parava, fazia um tratamento. Aí, eu sei que isso mexeu muito com meu físico, porque corticóides e esses remédios pra alergia, eu engordei horrores, né? Eu lembro, assim, que quando... eu sei a primeira vez que eu tive a alergia nesse ano, ninguém sabia o que era. Então, me trataram com tudo quanto am... quanto que é coisa possível. Eu fui ficando muito fraca, por que eu parei de comer, né? Fazia soro, mas eu [inaudível] muito fraca, muito debilitada. Eu lembro que eu passava, assim, na cama direto e pra comer minha mãe tinha que pingar, assim de conta-gota, na boca, alguma coisa líquida pra eu poder engolir. Foi uma coisa muito sofrida. Eu sei que fiquei vinte e tantos dias, uma situação, assim, muito ruim, sempre. Era tão complicado que a minha mãe já não tinha mais que tipo de especialista recorrer, cada um tratava de uma coisa, uns achavam que era AIDS, outros achavam que era câncer, ou sei lá o quê.

2- Naquela época já?

1- E era uma época muito complicada. Porque foi a primeira vez na vida que ouvi falar em AIDS. Era uma coisa que não se falava am... um caso sei lá eu. Não sei a história, sabe, mas eu sei que na época era uma coisa, assim, muito... meu Deus, a mesma coisa de falar, que agora tô com a tal da pneumonia da Ásia, asiática, uma coisa muito assim. Eu fiquei tão chocada, eu tava muito debilitada pela doença em si e tava muito debilitada pela condição com que eu tava sendo tratada, em função da coisa, sabe? É porque as pessoas não tinham, ficavam assim, quando te olham, horrível, ficam com uma aparência horrível, muito fraca, te olham, assim, tipo assim... hoje em dia, que a gente já tem anos de convivência com a história da AIDS, tem já... já se olha... ainda se olha... com uma cara, tipo assim, um aidético. Imagina naquela época! Sabe, eu me lembro, cheguei num laboratório pra fazer um exame, e o médico colocou a suspeita num... nesses... tipo am... requerimento, né? Eu não sei como é que se chama, pra fazer uma série de exames, assim, o pessoal do laboratório, todo assim... sabe? Só faltava esterilizar a sala... a sala onde eu ia sentar. Sabe,

me trataram, assim, muito diferente e isso tudo mexeu, essa condição, assim, de quase am... antes de eu começar a melhorar, eu tava num período bem ruinzinha, assim, eu lembro que era época de Natal e... a família da minha mãe foi toda me visitar como se estivesse... discutindo de mim, tipo, [inaudível] aquela coisa muito ruim.

2- E marcante, né?

1- Muito marcante. Meu Deus, a minha vida, putz! Meu pai vai embora. Eu não recebi apoio de ninguém pra fazer o magistério, porque a minha mãe não tinha tempo pra me apoiar das minhas dificuldades. Meu pai era contra, né? [Menciona isso em relação ao curso de magistério]. Não deu certo. Fiz um curso que não consegui botar nada em prática, né? Tem um outro negócio, lá porque, porque eu tinha que ter pra ajudar, um comércio que não trazia prazer e *eu tô morrendo*.

2- Você está morrendo agora?

1- Não, na época, assim, eu cheguei num ponto que *eu tô morrendo*. Nada deu certo. Eu sei que por sorte do destino, a gente encontrou lá um médico que disse de cara o que era. Em dez dias de tratamento, eu tava curada. *Aí, o que que eu vou fazer? Não posso voltar pra dar aula porque tenho alergia do giz*. Ele me disse claramente: *Ou tu vai ser professora morta, ou tu fica viva, ou tu vai ser professora e morre*. Uma coisa assim, sabe?

2- Que horror!

1- Porque eu disse isso pra ele, ele disse assim: *O que que tu tem contato? Produto de limpeza? Não sei o que, não sei o que. Não, eu não faço nada em casa, não tenho tempo pra limpeza, eu tenho um salão de beleza, onde tem a prática química dos produtos do salão e eu dou aula, né?* Eu tava fazendo meu estágio. *Ah! Então, ta, tu não pode nem ser professora, nem ter... nem ir pro salão*.

2- Nossa!

1- *Aí, eu fiquei muito assim, mas como am... a necessidade me era maior do que, de repente, a própria condição que o médico impôs, eu continuei freqüentando o salão. Parei de fazer química, no salão, parei de ensinar química e comecei a me dedicar mais a cortar cabelo e comecei a atender mais pessoas. Não era minha realidade, na época atendia muito pouca gente.*

2- Sim.

1- Daí foi passando o tempo e fui me entretendo com aquilo, parei de estudar, isso desde... Naquele ano me apaixonei por um dos clientes...

2- (Risos).

1- Muito louco, mais louco do que eu. E como a minha mãe mudou de casa, foi morar com o namorado, não sei quantos anos mais novo que ela...

2- Aquele primeiro namorado?

1- Isso. Mas isso foi muito rápido, assim uns seis meses de namoro. Acho que ela se mudou e foi morar com ele e não sei como, eu não suportei quando ela foi morar com ele. Mais ou menos o início do meu namoro. Aí, aquela crise toda, que ela não queria que eu namorasse. Se eu passasse uma noite fora, ela tinha... quantas vezes eu cheguei, minha mãe não tava em casa, tava no hospital do coração, por que tava com ameaça de infarto.

2- Nossa!

1- Coisas assim, extremamente... tudo muito extremo, muito crítico, né? Chamava meu pai pra me dar um puxão de orelha, assim, não servia muito assim, mas eu não agüentei conviver com ela e o namorado, por que o namorado dava em cima de mim.

2- Nossa!

1- Uma situação que eu passei com ele, e ela foi muito seca comigo, disse assim: *Eu já perdi o primeiro homem da minha vida, que foi teu pai. Eu não vou perder o outro por causa de ti!* Uma opção, né? O relacionamento dela era mais... mais valoroso pra ela, no momento, do que tentar me proteger de algo que tava me incomodando. Não sei o que ela avaliou, ou achou que era, de repente, era alguma cena de ciúme minha. Aí, eu fui morar com meu namorado.

2- Tinha quantos anos?

1- 16 anos e alguma coisa, 17 anos.

2- Sim.

1- Fui morar com meu namorado e fiquei morando com ele isso uns dois anos até tentar am... voltar no segundo ano. Lá pelos 17 anos e meio, 17 anos e meio, 18 anos, eu voltei a fazer estágio. De novo, mesma coisa, 2 meses, 2 meses e meio de estágio, não pude. Tive que parar por causa da alergia, voltou a tal da alergia, né? Aí, eu não trabalhava nem no salão, nessa época só estagiava, e não consegui tocar o estágio adiante, em função do problema da alergia. Aí, eu fiz, foi o primeiro ano que eu fiz, eu melhorei, fiz pré-

vestibular, fiz vestibular. Que que eu fiz? Mas eu, já tinha feito um vestibular antes. Meu primeiro vestibular foi pra... eu nem cheguei a fazer a prova tinha terminado o magistério.

2- Arã.

1- Fui fazer um tipo de psicotécnico, tava rolando isso no final do terceiro. No final do terceiro ano de magistério, eu fiz um psicotécnico.

2- Que ano que era?

1- Ai, meu Deus, eu tinha 15 em 72, 87 final de 87, fiz um psicotécnico pra fazer Psicologia e eu rodei no psicotécnico. A gente fez uma roda lá, um círculo e fazia uma... o assunto era educação ou técnicas pedagógicas, uma coisa assim, e tinha.... eu era muito nova, tinham senhoras e muitas professoras aposentadas.

2- Arã.

1- E começaram a falar que o professor não se empenhava em sala de aula, que não sei o que, não sei o que, que não sei o que, eu botei a boca naquela mulherada: *Vocês não podem am... taxar o professor do ensino básico e fundamental, assim, como generalizando. Eu tô me formando e eu sou completamente empenhada.* Mas eu não tinha a realidade de escola, que o público, o qual elas tavam treinando, né? Eu discuti com elas de uma maneira tão assim, muito difícil que eu faça, mas no momento eu fui muito... intolerante.

2- Arã.

1- E pra não... pra minha surpresa, não fui aprovada no tal do... Não sei se isso ajudou, ou não, mas não fui aprovada no tal do psicotécnico, meu pai deu graças a Deus, né?

2- (Risos).

1- Não ía precisar pagar uma universidade am... uma universidade particular. Não ia precisar pagar.

2- Eu ia te perguntar, por que que ele tinha dado graças a Deus.

1- Não, e ele diz claramente até hoje, se eu perguntar pra ele: *Ainda bem que não precisei pagar uma ULBRA [sigla da universidade], a ULBRA, em Rinoceronte, não precisei pagar.* Ainda mais naquela época de separação, é e o coitado tava assim, nem sei como ele conseguia trabalhar e se preocupar em pagar minha universidade. Seria mais uma coisa pra agravar os ânimos de todo mundo. Aí, eu voltei a fazer pré-vestibular e fiz o vestibular pra... Ciências da Computação. Passei e comecei a cursar. No ano em que comecei a cursar, eu morava em Rinoceronte.

2- Arã.

1- Tu conhece lá? Porque tem em Rinoceronte a região da grande Rinoceronte assim...

2- Conheço. Conheço até a ULBRA.

1- Conhece? Ah ta, então ta! Aí... eu morava em Rinoceronte com meu namorado, minha mãe sempre morou em Cachorrinho. Aí, eu sei que... eu voltei, comprei uma casa em Cachorrinho com o dinheiro das férias do meu namorado, em vez de... viajar, geralmente ele viajava. A gente comprou, deu entrada num lote pra comprar uma casa em Cachorrinho, que ficava, tipo assim, a uns 10 minutos do campus de Cachorrinho, da ULBRA, que a ULBRA funcionou uns 6 meses num campus experimental em Cachorrinho.

2- Arã.

1- E aí, eu só ia pra ULBRA, não trabalhava e, por acaso, eu comecei... uma vizinha vendia lingerie, bateu na minha casa pra vender lingerie. Eu comprei, aí... uma semana depois, ela me apareceu com uma caixa de lingerie: *O meu meu marido é... vende... representante*, ele tinha um comércio assim: *E o representante comercial amigo dele nos vendeu essa caixa por um preço um.. preço muito, quer dizer, me vendeu várias por um preço muito baixo. Não quer ficar com essa, de repente, pra vender. Tu me contou, que a tua mãe tinha comércio...* Assim, assim, assado... Aí eu comprei a caixa de lingerie. Vendi muito bem claro, muito bem. Vendi que nem água, comecei a vender lingerie que nem uma louca.

2- Arã.

1- Acho que em dois meses a minha casa era só lingerie.

2- Nossa!

1- (Risos). Eu tive a idéia na época, que eu não trabalhava. Então, eu freqüentava muito, assim, o escritório onde meu marido trabalhava. Ele trabalhava... ele trabalhava numa companhia de energia elétrica, uma estatal lá e tinha... é uma empresa muito grande, com muitos funcionários, e eu freqüentava a associação dos funcionários, por que tinha lojas de tudo quanto é coisa, dentro assim. É desconto em folha. Então, tu comprava louça, tu comprava roupa, tu comprava am... tudo que tu imaginasse ali tinha, na tal da associação pra vender. Aí eu... eu pensei... quando eu comecei a vender, *eu vou botar isso pra vender na associação*. Acabou eu montando uma empresa. Eu montei, eu registrei uma micro-empresa e montei vários pontos de venda, dentro de associações de empresas em Rinoceronte.

2- Arã.

1- Então, esse era o meu trabalho. Assim, eu trabalhei com isso acho que uns 2 ou 3 anos e... eu só parei de trabalhar com lingerie... quase no final desse meu primeiro casamento. Eu morei com ele 5 anos. Nós casamos, durou mais 2 anos e pouco.

2- Arã.

1- Parei com a universidade em função do volume de trabalho que... que isso me exigia, porque passava noites fazendo estoque, catalogando, separando pedido. Passava o dia distribuindo. Eu ganhava bastante com isso, né? E... Eu fiz tudo que eu podia fazer, assim, que eu achava mais fácil na universidade. Foi muito, acho que foi muito proveitoso pra mim, porque eu não fiz matemática, nada de matemática no segundo grau, que era magistério. Só havia matemática que eu ia ensinar.

2- Que curso tu tava fazendo mesmo?

1- Ciências da Computação.

2- Ah, tá, tu falou.

1- Isso aí. Eu... na universidade, eu comecei a ter contato com a matemática em si.

2- Arã.

1- Fiz cálculo, geometria, estatística, essas coisas todas. Então, eu fiz tudo que tinha no curso de cálculo, tudo de geometria, tudo de estatística e fui deixando pra trás as cadeiras de programação.

2- Arã.

1- Quando eu cheguei no três ano de curso, eu trabalhava na lingerie e estudava à noite... do colégio [inaudível] e quando chegou na área das cadeiras de programação, comecei a ficar meio louca com aquilo e não conseguia acompanhar. Os meus colegas trabalhavam na área de computação, eu não trabalhava porque passava o dia inteiro vendendo calcinhas e... (Risos).

2- (Risos).

1- (Risos). Então, eu comecei a ficar muito distante daquilo tudo e tranquei a universidade. Se não tinha tempo pra isso e pra isso, aí tranquei. Aí, eu sei que trabalhei mais um tempo com lingerie. Quando o meu casamento começou a ficar, assim, muito ruim, meu marido resolveu entrar pra política e ele resolveu montar uma pousada, construir uma pousada aqui

em Sabiá e ele queria, era época de PDI [Plano de Demissão Incentivada] am... na CEE. Queria sair da CEE, queria dar uma mudada na vida.

2- O que que é CEE?

1- CEE é Companhia de Energia Elétrica.

2- Ah, ta, a estatal que ele trabalhava?

1- Estatal, exatamente... ele tava na universidade, também trancou. Aí ele tava, assim, na verdade, ele não trancou. Ele trocou de curso, ele fazia Economia, trocou com o curso de Direito. Ele era um advogado nato, ele é um advogado nato. Aí eu sei que, quando... as coisas, assim, eu... a primeira coisa que eu notei foi que... os compromissos dele e os meus compromissos faziam com que a gente ficasse muito... começasse a ficar... cada vez ficar mais distante.

2- Arã.

1- Eu não conseguia mais acompanhar ele em tudo quanto é reunião e compromisso, porque o pretendo candidato a qualquer coisa tem que participar de tudo, até de reunião de feira tem que ir.

2 – Claro, pra aparecer.

1- Exatamente. Eu comecei a ficar muito distante dele e eu nunca fui uma pessoa muito aberta à vida de teatro, e o bom político e bom advogado é um... antes de tudo, um bom artista, um bom mentiroso e um bom tudo, tem que ser uma pessoa que viva em evidências, e isso começou a me incomodar muito.

2- Arã.

1 – E eu comecei a me sentir muito distante dele.

2- Tava com 22, por aí, né?

1- Por aí. Eu sei que eu me preparei, mesmo sem ele perceber, eu me preparei pra me separar.

2- Como a tua mãe?

1- Am...

2- Como a tua mãe?

1- É, exatamente. Então, eu ficava... eu tava muito preocupada com isso, porque eu tinha um suporte muito forte, meu vínculo afetivo era muito grande, porque ele me conheceu numa época muito difícil...

2- Arã.

1- Ele foi uma pessoa que me deu muita atenção, muito apoio, assim, né? A gente foi viver junto e ele sabia de tudo, além de todas aquelas: falta de pai, falta de mãe que eu sentia, ele foi muito amigo.

2- Arã.

1- Então, eu não imaginava. Como sabia que eu precisava, eu sentia que eu precisava me separar dele, mas não imaginava como eu ia viver longe.

2- Sei.

1- Aí, eu procurei uma psicóloga na época. Era uma cliente do salão, cliente minha e.. eu disse pra ela, eu lembro de uma coisa muito engraçada, porque ela chegou a comentar um tempo depois que eu falei pra ela no consultório, foi que eu precisava me separar, mas não sabia como queria me separar e não via como. Eu tinha que criar condições de conseguir fazer. Depois, anos mais tarde, ela comentou como era difícil aquilo pra mim na época, assim, depois parecia uma coisa, assim, tão boba, tão fácil, sabe?

2- Depois de resolvido.

1- Aí, eu... a minha mãe entrou na fase de decadência do casamento dela, com o meu namorado, o namorado da minha mãe. Ele parou de trabalhar no ramo que trabalhava e foi aprender a cortar cabelo. Aprendeu tudo de salão com ela, e ela montou um mega-salão pra ele, que só dava prejuízo. Fora os prejuízos da... ele traía, ele saía, bebia, começou a beber muito. Então, a vida dela entrou num caos. Então... eu parei de trabalhar com lingerie, chegou, assim, am... num retorno de férias. Foi no mês, que eu não lembro se era março, abril, maio, uma coisa assim. Eu vim pra Sabiá no local onde seria a pousada.

1- Arã.

1- Era o início do ano, não me lembro perfeitamente o ano agora, mas era o início do ano que ele iria concorrer a vereador.

2- Aqui ou lá?

1- Lá. Eu construí a pousada. Concorrência a vereador e ia sair das férias neste mesmo ano. Então, muita coisa, e ele precisava muito de mim.

2- Arã.

1- E ele precisava muito de mim, apesar de não ter tempo pra ficar comigo, ele precisava que essas coisas dessem certo.

2- Arã.

1- Eu, na verdade, eu me comprometi, assim ó: *eu vou fazer todo o possível, eu vou cumprir com todas as minhas obrigações, mas no final tô separada dele.*

2- Arã.

1- Por que eu pensava, assim, *eu não vou embora pra Sabiá pra morar naquela prainha, né?... amarrada a um casamento que não me faz feliz. Meu destino vai ser ser mãe sabe ... e cuidar do negócio lá não era o que eu quero pra mim.* Eu era muito jovem ainda e eu eu via aquilo tudo, meu futuro parecia uma prisão.

2- Arã. Agora tu sabe o que tu quer pra ti?

1- Eita! (Risos). Eu sei o que eu não quero.

2- Já é um grande passo.

1- Eu acho que já ajuda.

2- Ajuda muito.

1- É que é engraçado. Aí eu sei que eu parei de trabalhar. Quando eu voltei pra faculdade, eu já cancelei todos os meus contratos de distribuição, assim fechei as portas da empresa. É, eu me lembro que quem olhava o computador, assim a quantidade de clientes cadastrados, que eu podia continuar trabalhando, um volume grande que demorei anos pra construir, né?, aquilo. Eu pensei: *Ó, que loucura deixar tudo isso pra trás, poderia passar isto pra outra pessoa perfeitamente, que ganharia ali, viveria pelo menos com... com dignidade. Dignidade.* Eu sei que eu deixei muito produto pra trás, muito dinheiro, sem problema isso é uma coisa que acho que ainda tenho comigo, quando eu resolvo, assim, eu não quero mais, não me importa o prejuízo, eu não quero.

2- Arã. Com tudo?

1- Com tudo, tudo. Eu sou assim e é muito de repente, isso incomoda muito as pessoas que vivem próximas...

2- É impulsivo?

1- É muito de repente eu... às vezes algumas coisas eu sei que aquilo vai acontecer, mas eu não antecipo nada. Sabe, no íntimo eu sei... é estranho, um tanto estranho, mas eu sei que é uma coisa minha.

2- Arã.

1- E com o negócio de... da lingerie foi assim. Eu voltei pra Rinoceronte e disse: *não quero mais isso*. A minha mãe me fez uma proposta, ela precisava de uma boa espiã e de uma boa administradora. Então, ela me disse assim: *No íntimo, tu vai pro salão do Jarbas, por que ele tá ganhando muito dinheiro, só que ele não tem dinheiro nem pra pagar as contas. Eu que pago o telefone, eu que pago tudo. Pago isso e aquilo ali. Então, tu vai pra lá, pra ajudar*. Eu, pra não ficar de mal com ele, na época afirmava que quem roubava ele eram as próprias profissionais que trabalhavam no salão, mas no fundo, eu já sabia que ele botava o dinheiro fora. O Jarbas, como sempre teve uma queda exagerada por mim, aceitou. Ele, de pronto... que eu fosse pro salão fazer o serviço da administração do salão.

2- Arã. E tu também aceitou?

1- Eu aceitei! Porque eu precisava do dinheiro, sabe? E eu queria fazer alguma coisa que me desvinculasse um tanto daquela vida minha familiar onde trabalhava, meu ponto de partida. Meu trabalho na época era dentro da minha casa e eu queria sair.

2- Arã.

1- Então, eu sabia tudo que eu tinha pra pagar de compromisso. Eu mon... eu sabia quais eram meus compromissos. Meus compromissos eram mobiliar a pousada, tudo o que precisava pros apartamentos, terminar de pagar os produtos, os últimos produtos que eu tinha comprado da... da firma e algumas coisas minhas, e do meu marido, coisas do dia-a-dia que eu já nem me lembro mais. Mas meu marido era uma pessoa muito complicada em relação a dinheiro. Ele nunca ganhou mal, mas se ele, assim, se ele ganhasse 5 mil, ele gastava 10; se ele ganhasse 10, ele gastava 30. Sempre foi assim. Então, eu... nós tínhamos conta conjunta, era um monte de coisas. Eu nunca dava conta de pagar tudo. Então, eu sabia que eu precisava trabalhar, e muito. No salão... no salão eu não ganhava mal, né? Compreende?

2- Arã.

1- E eu consegui um bom... eu fiquei, acho que de maio a dezembro, trabalhando no salão. É, foi de maio a dezembro que a minha vida mudou. No final do ano, eu me mudei pro apartamento onde morava com meu marido. Eu aluguei uma casa, fui embora. Anunciei pra família que eu estava me separando, né? E continuei... continuei trabalhando no salão. O salão começou a dar lucro. Quem dava problema no salão, eu mandava embora. Eu administrava o meu padrasto. Ele era uma pessoa que precisava também ser administrada,

por que se não ele... ele não sabia, em todos os sentidos, ele não sabia tomar conta de si, de si mesmo, né? Aí, eu... eu fiquei trabalhando no salão. Mudei de casa, aluguei uma casa, fui morar na casa, o meu marido se mudou junto...

2- Contigo?

1- Comigo. Quer dizer, eu fui embora; logo em seguida ele descobriu onde eu estava. Conversei com ele, que me disse que eu tava muito nervosa e ele foi morar junto. Aí, quando isso aconteceu, e ele não ganhou as eleições e saiu da empresa onde trabalhava, o construtor da obra aqui de Sabiá recebeu 80% do dinheiro da obra e não construiu porque ninguém vinha até aqui conferir.

2 - Arã.

1- Eu não tinha tempo pra viajar, e ele muito menos, como era uma coisa que eu não queria me envolver, a construção da obra, porque eu tinha colocado na minha cabeça que o meu compromisso com o Fábio, o meu ex-marido, era a mobília. E a mobília, eu sabia o momento que ela ia ser entregue e quanto ela me custava e tudo que eu precisava comprá-la.

2- Arã.

1- Nada além disso. Eu me preocupava com isto, todos os outros contatos eram com ele. Quando eu mandei entregar a mobília, em novembro desse ano, que eu já trabalhava aqui no salão, a loja me informou que não existia o endereço.

2- Nossa!

1- Aí, eu descobri que a obra que ele tava pagando não existia. Ela ficou só nos fundamentos, assim, nas fundações, nas primeiras paredes e estrutura da primeira laje.

2- Ele também não sabia?

1- Ele também não sabia. A gente já tava separado nessa data. Eu já tinha me mudado. Então, era uma crise só. Ele ficou numa situação muito difícil, acredito. Ele ficou sem trabalho, sem... o vínculo que ele queria que era na política, lá o cargo público. Ele ficou sem mulher, sabe? Ele ficou... Aí tudo que ele fazia, que já não era muito bom, tipo assim, festa, mulher, beber, farra, não sei o que ele fez, tudo o que ele poderia fazer até o último centavo dele, sabe? Depois, ele virou uma pessoa, sei lá. Eu não reconhecia, eu olhava pra ele decepcionada.

2- Arã. Sim, eu compreendo.

1- Porque ele não tinha... ele não juntava ânimos pra se refazer, entendeu? Acho também que não devia morar comigo, junto comigo... na minha casa ele ficou uns 6, 7 meses. Assim, eu sei que eu dormia durante a noite e ele dormia durante o dia.

2- Arã.

1- Quando eu saía, ele chegava da rua. Então, outro período complicado que me sugou muito mesmo, sabe? Nós tínhamos um apartamento, né?

2- Tu não tinha ido ainda trabalhar no salão?

1- Eu já trabalhava no salão. Eu trabalhava no salão... Aí, eu sei que ele ficou comigo, eu tentei montar uma empresa pra ele, am... na área de processos, essas coisas. Eu montei toda a estrutura da empresa pra ele, todo o funcionamento dos programas que a empresa dele precisaria para trabalhar a partir de cada... uma empresa individual. Só que a coisa não funcionou porque ele precisava que alguém fizesse com ele a coisa acontecer, e eu não queria esse envolvimento. Eu, pra te ser bem sincera, não me lembro como é que essa situação se resolveu. Eu não me lembro pra onde que eu fui, porque eu sei que eu saí da casa primeiro, da casa que eu aluguei. Eu via que todo o esforço que eu fazia pra ele se recuperar e aquilo já tinha passado dos limites pra mim.

2- Arã.

1- Eu comecei a sair com outros homens, porque ele foi meu primeiro namorado, entendeu? Assim, namorado, fui morar com ele, vivi quase 8 anos...

2- Arã.

1- Depois que eu me separei, que estava nessa fase, de que eu via que ele não melhorava, parecia que ele não se esforçava, e ele não aceitava a minha separação com ele. *Eu não quero viver, eu não quero isso pra mim.* Aí eu sei que eu tive outros namorados, né? Muito rápido, mas tive. Me apaixonei am... eu sei que eu fiquei doente e... uma febre muito doida que nada baixava e, na rua onde eu morava, tinha uma clínica médica, fui socorrida na clínica e me apaixonei pelo médico.

2- (Risos). Conveniente.

1- Conveniente, porque o médico também não foi nada ético...

2- Arã.

1- Ele foi além do atendimento que ele deveria ter dado. Eu fui pra consulta, mas na segunda consulta não fui, eu mandei meu pai levar os exames. Ele ficou furioso, o médico

mandou meu pai de volta e disse que quem tinha que consultar era eu. Como era muito próxima a clínica da minha casa, ele [o médico] investigava a minha vida com toda a vizinhança.

2- Nossa!

1- Ele sabia o horário que eu chegava, horário que eu saía e tu começa a perceber a pessoa por demais, tu entende? Como eu tava muito carente, sei lá, eu acabei me apaixonando por ele. Ele era noivo, eu tive um romance com ele de 1 ano e meio, mais ou menos 2 anos, foi bem legal. Ele veio, acabou vindo embora pra trabalhar num hospital aqui pra Sabiá. Por incrível que pareça encontrei ele, há 2 meses atrás, com a noiva. E a noiva já deve ser esposa e um filho... muito legal, assim, muito engraçado encontrar ele alguns anos depois.

2 - Arã.

1- Então, eu continuei no salão, só que eu não tava nada feliz, já não tinha mais o meu salão, pois quando eu me casei e parei de trabalhar, a minha mãe vendeu meu salão [inaudível] quando eu voltei a trabalhar com ela... Não primeiro eu trabalhei com o meu padrasto. Aí, ele... nós tivemos uma briga, porque quando ele realmente saiu da casa da minha mãe, ele arranjou uma outra mulher, uma outra mulher. Eu trabalhei ainda uns 6 meses com ele, mas eu não conversava com a minha mãe, porque a minha mãe achava que ele tinha saído de casa porque ele tinha um caso comigo.

2- Nossa!

1- Foi muito conturbado isso tudo. Aí, eu sofria, porque eu já tava separada, aquele tititi todo... de tudo que era cliente, de tudo que era fornecedor, tudo que era amigo, tudo que era parente sabia. A minha mãe falava que eu tinha um caso com o marido dela, na verdade não tinha nada. Tudo que eu tinha... era completa, especificamente profissional ou amigável apesar de... cansar de receber ele fora de horário, na minha casa, ele chorando: *Pelo amor de Deus! Tenha algo comigo, por que eu sou apaixonado por ti!* Mas eu sempre bati na mesma tecla com ele, que eu tentava compreender os sentimentos dele, achava aquilo muito triste, mas não tinha condições, né? Eu sei que ele acabou brigando comigo, me mandou embora e eu voltei a trabalhar com a minha mãe. Fui pro mercado de trabalho, como certamente eu era uma boa profissional, minha mãe me fez uma boa proposta, uma oferta de trabalho: *Com isso, vem e volta a trabalhar comigo. Esquece as brigas do passado.*

Voltei a trabalhar com minha mãe, mas eu já tava muito debilitada, minha parte emocional não tava boa, a parte física também não tava legal.

2- Arã.

1- Então, eu tive crises de febre, crises disso, crises daquilo. É, eu sou muito assim, am... se as coisas não andam... fico doente sem explicação, assim. Principalmente quando estou em épocas de barras pesadas, o emocional não tá muito legal, eu adoço.

2- Somatiza?

1- Isto, exato. Aí, eu sei que eu preciso de umas férias. Antes de tirar as férias, eu tive um outro namorado depois do médico. Tava terminando, terminando o meu... o meu relacionamento com o médico. Eu engravidei do médico, fiz um aborto. Aí, foi esse lance de abortar e *não tenho mais que ficar num relacionamento assim*. Fiz vestibular pra Psicologia.

1- Aqui.

1- Não, lá. Cursei o primeiro semestre de Psicologia, só brigava com a coordenadora do curso, a mulher era Freud até debaixo d'água, e eu nunca fui amiga do Freud.

2- Arã.

1- E é o curso complementemente assim ... sabe? Tu não tinha opção. As aulas... *tem isso, tem isso, isso é o melhor*, e tu não podia debater nada fora daquilo. Isso não é pra mim. Fiz só um semestre de curso, mas antes disso, eu trabalhava com a minha mãe nessa época, sabe? E aí, eu parei a faculdade de novo. Tranquei o curso de novo. Disse pra minha mãe que precisava de férias. Eu sei que eu viajei, eu fui pra Bahia. Fiquei 15 dias na Bahia, 20 dias, uma coisa assim. Eu fiz tanta festa (Risos).

2- (Risos).

1- Tanta festa nessa minha viagem e antes, ao mesmo tempo que eu fiz a Psicologia eu arranjei um namorado muito louco... umas pessoas que tu nota de cara que elas são problemáticas. *Eu vou fazer isso, esse vai ser meu laboratório!* Queria tratar o homem por toda lei, queria descobrir o porquê do porquê do porquê, e ele mentia, mentia, mentia e, cada vez mais que ele mentia a respeito da vida dele, eu investigava ele. E foram 6 meses muito engraçados, porque eu nem me dedicava a minha parte do salão, eu ia à aula, investigava algumas coisas dentro das teorias lá das escolas, coisa muito superficial. Pô, imagina que relação ia ter... e analisava a vida deste meu namorado.

2- (Risos).

1- (Risos). Engraçado.

2- Engraçadíssimo.

1- Ele mentia horrores. Quanto mais ele mentia, mais eu me interessava. Os amigos dele sabiam que boa coisa ele não era e eles me olhavam assim: *Meu Deus como é que esse cara arrumou essa namorada!* Olhavam pra mim, eu era comerciante, era bonita na época.

2- Ainda é, né?

1- Eu tinha um corpo muito bonito. Eu era uma mulher que chamava muito atenção e eu sabia disso e sabia me aproveitar disso. Então, quanto mais eu percebia que eu chocava os namorados, os namorados... os amigos dele, mais eu usava daquilo pra ver a reação dele. Tudo eu analisava e eu tinha um amigo, um professor de geometria, da universidade que eu encontrava ele duas vezes por semana, a noite e contava pra ele, mais ou menos o histórico, o relatório.

2- Como é que tava?

1- Exatamente. Ele me chamava de maluca coisa assim: *Para com isso. Manda esse homem embora. Tu pode te dar mal com isso. Olha... que tu quer descobrir? Onde é que tu quer chegar?* Eu disse: *Não sei, vou me divertir.* (Risos).

2- Bastante.

1- Bastante. Chegou um ponto que eu cansei, enchi o saco. Quando resolvi mandar o homem embora, ele foi... ele foi muito agressivo comigo. Ele me trancou em casa, me ameaçou durante horas com uma faca, pra acabar comigo, ele tentou botar fogo na minha casa. Foi horrível. Foi agressão mesmo, pra valer. Aí, eu resolvi sair de férias. *Não, preciso de umas férias, preciso botar minha cabeça no lugar. Eu não sei mais o que que eu tô fazendo da minha vida.* Aí, eu fui pra Bahia. Aí, eu fiz muita festa dia e noite. Muita festa, festa, festa. Tudo que é festa que imaginar que existe, eu fiz. Se falassem que tinha festa em alto mar, eu fiz. Em cima de árvore, fiz. Tudo que eu tinha pra fazer, tudo eu fiz.

2- (Risos).

1- Curtir ao extremo, como se diz: *Tudo ao extremo!* Tudo ao extremo. Aí eu voltei tão cansada, tão cansada. Quando esse tempo de férias, que era as férias, que eu queria pra pensar a minha vida, não deu certo absolutamente nada.

2- Contigo?

1- Aí, eu voltei. Dei de cara com aquele salão cheio. Minha mãe cheia da vida por que eu não fazia mais nada. Eu não trabalhava, eu não atendia cliente, eu não pagava mais as minhas contas e tudo. *O salão que se vire, não tem caixa, o salão que pague.* Aí, um dia eu tava muito... olha não completou uma semana de retorno das férias, eu não tinha mais o pique de passar oito horas trabalhando. Não tava mais indo pra universidade, aí... eu disse: *eu vou mo... não, eu tenho que sair daqui se não eu vou enlouquecer aqui dentro do salão. Eu vou enlouquecer aqui dentro.* Eram 5 horas da tarde peguei a minha bolsa e tô indo embora. Fui pro shopping em Rinoceronte. Cheguei no meio da área de alimentação um rapaz me barrou e disse assim, me pediu desculpas, muito educado pediu licença:

Eu tenho um amigo que acabou de chegar da Europa, te achou muito interessante. Tu te importa de conversar com ele, só que eu vou ser o intérprete, por que ele não fala português. Tu fala alemão, inglês, fala alguma coisa? Não tem problema.

2- Conheci o amigo. Resumindo, eu fiquei um ano, um ano viajando com ele. Não fazia nada, não trabalhava. O máximo que trabalhava eram 10 dias. Ele tava 15 dias aqui e 15 dias na Europa, 15 dias aqui a gente namorava, viajava o Brasil todo, e 15 dias na Europa. Aqui, aquela vida de Dy [referindo-se a Lady Diana] (Risos).

3- (Risos).

1- Fui embora com ele pra Londres, pra morar em Londres sem nem pensar. Eu nem sentia a necessidade... isso que eu acho engraçado. Eu nem sentia a necessidade. *Eu tenho que trabalhar desenvolver uma carreira, o que que eu quero da minha vida, eu quero nada, quero nem pensar,* tava avaliando como era viver num outro mundo. Muito diferente do meu mundo, que eu provavelmente nunca iria alcançar, né? Que pra ter muita grana e status e posição e morar do outro... O planeta do outro lado de lá é uma coisa que só pra minha próxima encarnação. (Risos).

1- (Risos).

1- (Risos). Aí, eu... acompanhei ele durante um tempo, mas quando eu fui definitivamente pra morar, eu não agüentei ficar 15 dias na minha casa, lá, que deveria ser minha casa. Eu morei 3 semanas em Londres chorando o tempo inteiro desesperada pra voltar pro Brasil.

2- Qual tua idade?

1- Eu tinha 24, 25 anos... 25 anos. Aí, eu voltei pro Brasil mal... uma crise de depressão muito forte.

2- Arã.

1- Aí, eu não tinha mais condições de... fazer nada, nem de trabalhar no salão, nem de trabalhar, nem de estudar. Eu chorava, meu Deus é... eu era última das criaturas e todas aquelas coisas que envolvem uma crise de depressão. Aí, como eu tava muito ruim, ruinzinha mesmo, eu fiquei, eu voltei de Londres em setembro. Em dezembro, eu apaguei, fiquei até março desligada. Fiquei, assim, só medicada. Eu não fui pra uma clínica, por que a minha mãe montou toda a estrutura de clínica em casa tal. Fui morar com ela, aí meu ex-marido, que já não morava mais na casa que eu alugava, a casa tava fechada. Na época a mãe dele, a minha sogra, incendiou a casa dela, ela perdeu o que tinha.

2- Ela incendiou a casa dela?

1- Não, incendiou, pegou fogo por acaso, assim, por acidente. Aí, eu mandei dar a minha casa, os móveis, as coisas todas pra ela. Então, a casa é dela e eu fiquei morando na casa da minha mãe. Eu doente, então eu voltei à estaca zero de novo.

2- Arã.

1- Um amigo nosso de anos, era advogado da minha mãe, conhecia toda a história da minha vida estava divorciado há 10 anos, lindo e maravilhoso, começou a me dar a maior atenção. Eu lembro disto, nós começamos a namorar, 6 meses, dentro de 6 meses, eu fui morar com ele. Nos primeiros 6 meses, eu não trabalhava, fiz curso de desenho, tenho facilidade muito grande pra desenhar, eu nunca tive um... tempo pra me dedicar arte.

2- Arã.

1- Eu fui fazendo cursos de desenho, depois, no primeiro ano, eu trabalhava as tardes no salão, comecei a refazer uma clientela antiga e voltei a atender aos poucos no salão da minha mãe. Aí, comecei a não me preocupar tanto com o lado profissional e queria fazer o primeiro vestibular pra artes plásticas. Tentei dois anos. No primeiro ano, eu já morava com ele, eu fiquei suplente da primeira vaga, só sobrou uma vaga, tive que fazer vestibular de novo pra Federal de Rinoceronte.

2- Arã.

1- Como ele era uma pessoa muito equilibrada e tinha uma vida muito boa, eu não tinha pressa de fazer nada, não me preocupava, não tinha essa coisa que eu tenho hoje, de que as

coisas têm que dar certo, e quanto mais rápido, melhor. Então, no segundo ano de casamento, vivendo com ele, me preparei e continuei trabalhando no salão. Eu fazia os cursos de artes, fazia inglês, me preparava pro vestibular. Na véspera do vestibular, ele teve um infarto. O vestibular era 6 de janeiro, ele infartou dia 24 de dezembro. Eu fiz por fazer. Mesmo assim, minha médica teve uma paciência, uma médica aplicada. Aí, eu sei que em abril do ano seguinte, nesse tempo que ele infartou, eu praticamente não trabalhava mesmo. Então, eu acompanhava ele. Ele tinha que ser acompanhado, não que ele tenha ficado como seqüelas, ele não ficou com problema físico nenhum. Tanto é que no primeiro infarto, ele tava na UTI, ele teve 7 dias de internação. Am... ele fez acordo trabalhista na UTI. Ele completou um processo em que ele era testamentário, ele trabalhou direto no hospital, recebia os clientes dele um atrás do outro.

2- (Risos).

1- Eu que... eu acompanhava ele durante todo o tempo. Eu vivi com ele e acompanhava muito de perto ele trabalhando, todo o trabalho dele. Ele era uma pessoa de temperamento muito ruim, muito difícil. Então, era difícil as pessoas que tavam trabalhando junto dele, a própria família dele, os filhos, todos só procuravam ele no dia da mesada, no dia da pensão, não tinham um convívio com ele, ele por incrível que pareça quem conheceu... Lá perto de casa o demônio em personalidade.... Ele foi um anjo em pessoa comigo.

2- É.

1- Eu sabia muito do vai-e-vem do escritório assim... de toda a organização do escritório, da realidade de muitos... muitos clientes. Ele faleceu em abril.

2- De que ano?

1- Foi em 2000 e... 4 de abril de 2001, ele faleceu e... eu fiquei tomando conta do escritório dele durante 2 meses, despachando processos lá do escritório de advocacia e quando eu voltei pro salão...

2- Ficaste quanto tempo com ele?

1- 2 anos e meio... 2 anos e alguns meses e... voltei pro salão, aí eu comecei a prestar atenção nos problemas que a mãe tinha assim que a minha mãe tinha. Ela precisava mudar de sala, a sala tava com problemas. Aí, depois quando o Heitor faleceu e eu... cumpri com o que eu achava que... que eram as obrigações, que eu tinha junto... nós com escritório por causa dos filhos que não entendiam nada, tinha muito... até começar a fazer inventário. Aí,

eu deixei o... escritório quando eles decidiram. Eu não decidi nada, ele decidiram... eu não decidi nada e nem fiz questão de dar palpite, ele tinha dois filhos grandes: uma filha com 19 e um com 21.

2- Arã.

1- Eles decidiram am... depois de 2 meses fechar o escritório. A primeira idéia deles era de deixar manter por que ele tinha um grande número de clientes... mas depois eles ficaram com medo da responsabilidade e am... em função deles não serem do ramo e... advogado é um bicho muito traiçoeiro. (Risos).

2- (Risos).

1- Meu marido tinha morrido há uma semana e tinham propostas milionárias pra assumirem os negócios pela família, né? É um bicho incrível, como outros tantos por aí mas...

2- Arã.

1- Tem que se tomar cuidado com eles também, né? Como eles podem ajudar, eles podem destruir uma vida, eu vi isso na minha experiência do dia a dia no escritório, em si. Eu me senti bem pela sensação de estar cumprindo meu dever como com o Heitor, com os clientes que dependiam dele. Então, o máximo que eu conseguia esclarecer e encaminhar de pro... de pastas processual pra outros advogados e de acordos, eu cheguei a fechar acordos pra ter que liquidar com processos, muito interessante por que am... am... eu mesmo sem ter am... a menor formação em Direito, eu acho que eu me virei muito bem.

2- Arã.

1- Tem sempre aquela coisa que tu acaba tendo que ouvir, dos reclames de cada cliente, mesmo sabendo que tu não vai fazer nada por eles, mas eles têm a necessidade. Eu sempre disse que o advogado é sempre um bom psicólogo ou um bom psiquiatra, às vezes até meio... por que eles tem que resolver os problemas de uma vida quase sempre e... Foi boa essa experiência, não tenho menor saudade daquilo, me sinto bem quando me lembro desse período.

2- Tá.

1- Depois quando eu saí dali, eu voltei a morar na casa da minha mãe, me mudei de novo pra casa da minha mãe, foi muito doloroso, eu levei uns 3 meses pra fazer a mudança. Ele não me deixou imóveis, né? O imóvel onde eu morava ficou com um dos filhos e... eu

precisava cumprir com aquilo o mais rápido possível, ia ser bom pra todos, sendo também que o custo da casa onde eu morava com ele era muito alto e eu não podia arcar com aquilo, né? E... voltei pra casa da minha mãe montei... o meu, num período mais ou menos de um a dois meses pra montar esse salão novo, fiz a mudança dela, comecei a trabalhar com ela nesse salão novo, voltei pro... pro cursinho pré-vestibular de novo... e... fiz... comecei a construir am... mandei fazer uma avaliação. Eu tava num período assim: *o que é que eu vou fazer da minha vida daqui pra frente?*

2- Arã.

1- Me sentindo completamente mal por que foi muito de repente a perda dele e ele sempre me deixou numa condição de que a vida tá ganha, não precisa me preocupar com nada, faça só aquilo que te der prazer, né? Aí, eu... que, *o que eu vou fazer agora? Eu tenho que fazer além daquilo que me dá prazer... se possível for, vou ter que fazer o resto todo necessário por mim.*

1- Arã.

1- Foi muito chato, por que é difícil de tomar decisões num momento que tu não pode errar, eu não me dou... eu sou muito exigente comigo, quando eu tenho que tomar decisões, assim em certos momentos, me crucifico muito pelo fato de não pode errar e não posso voltar atrás.

2- Quem que disse que não pode errar?

1- Eu digo não posso errar... eu não sei. E... eu avalei a situação e vi que a minha mãe precisa de um auxílio, de uma ajuda, e auxiliando ela como em outras épocas da minha vida provavelmente se um dia eu precisasse retornar eu estaria bem nessa coisa de voltar ao ventre. Parece que acontece sempre, tomara Deus que não aconteça mais ou menos tive muitos retornos pro seio materno

1- (Risos). Arã.

1- (Risos). Então, ver a minha mãe mal é indiscutível, inaceitável, e quando a minha mãe precisava de uma força pra trabalhar melhor, lá fui eu e dei todo o necessário pra ela trabalhar melhor.

2- Arã.

1- E meu pai me mostrou as fotos da obra aqui de Sabiá, eu nunca tinha visto, até passei... visitei a praia muitas vezes com o namorado depois da minha separação e nunca passei na rua onde eu sabia que tinha uma obra por que eu não queria ver .

2- Arã.

1- Me lembrava daquele período crítico do meu casamento, do final de casamento.

2- Arã.

1- Eu olhei pras paredes nas fotos e disse assim: *meu Deus! Como isso é grande!* Parecia, assim, uma coisa enorme, *meu Deus isso existe!* Aí, olhei pro meu pai e disse assim: *pai, se tu cuidar pra mim, vou terminar isso.* Meu pai tava aposentado, há séculos doente por não ter como o que se ocupar eu vou amanhã pra lá claro, minha mãe foi contra, a família inteira foi contra, mas eu resolvi terminar a construção

2- Arã.

1- E ai comecei a ficar dividida entre Sabiá e Rinoceronte, entre a pousada e entre o salão, mesmo sabendo que a pousada não existia, que estivesse lá pra funcionar e torcendo pra que o salão funcionasse sem a minha presença por que eu gosto do salão.

2- Arã.

1- Mas não me completa, tá, eu acho que eu me sinto pouca... pequena... com as bases só lá, ainda mais eu que tô sempre assim precisando acho que de novidade não sei... aí eu resolvi fazer... eu fiz o vestibular em Rinoceronte.

2- Arã.

1- No final desse ano quando eu comecei, o salão já tava funcionando e ia começar a funcionar em meados de maio de 2000 e que... deixa eu ver de novo qual foi o ano que o Heitor morreu... foi 2001, e a obra começou aqui em agosto de 2001. Eu fiz o vestibular no início de 2002 pro primeiro semestre de 2002, na URGS, e aqui, pro meu azar, eu passei nas duas.

2- (Risos). Aí tivesse que decidir.

1- Aí eu tive que decidir, mas... uma coisa que foi acho que... acho que várias coisas que foram somando, meio infantil até falar isso, nem parece sério, mas que pra mim somou na hora de decidir. Tá, viver já na casa da minha mãe já não era tão fácil.

2- Arã.

1- Se eu continuasse em Rinoceronte, ia... demorar um certo tempo pra... aí, de me mudar, por mais que eu... falta de apoio ia me atrasar um tanto, por que pela minha mãe eu moro na casa dela ainda hoje.

2- Uma forma de cortar o cordão.

1- Exato.

2- Não vem pra não tem como cortar.

1- Exatamente, e o salão funciona com ela. Tem outra profissional que trabalha com ela e funciona no ritmo de salão. Os meus clientes já se acostumaram com outros profissionais. Pretendo eu nunca mais voltar. Tomara que eu tenha essa sorte e... eu ... concluí a obra de Bicho Preguiça, claro que só uma primeira parte. Eu construí só quatro apartamentos.

2- Arã.

1- É um prédio.

2- Isso agora.

1- É isso ano passado, né? Meu pai que cuida, meu pai mora lá nos apartamentos e cuida. Ele é alma do negócio e a minha realidade mudou a minha vida em Sabiá. Eu aluguei um apartamento, primeiro, um apartamento pequenininho aqui na cidade, morei em vários lugares da ilha, né?

2- Arã.

1- Por outros motivos, eu já fui pipocando de um lado por outro am... quando eu retornei do vestibular daqui de Sabiá, eu conheci um rapaz que hoje é meu namorado, eu comecei a namorar ele no dia 1º do ano passado.

2- Arã.

1- Então ele me deu muito apoio nessa coisa, assim, de conhecer os lugares. Eu não conhecia Sabiá, o que eu conhecia de Sabiá era beira de praia... eu não sabia o que que era morar aqui e essa coisa, assim, de ter um negócio lá em Bicho Preguiça e vir pra aula aqui, não sei o que e bambambam. Ele me ajuda muito enquanto a isso, então ele me facilitou um pouco a vida.

2- Arã.

1- E eu fui, então, eu terminei a obra, o salão funciona sozinho, e o meu primeiro semestre foi de estudar. Eu sei que eu comecei a trabalhar no apartamento onde eu morei tinha um ... da própria dona do prediozinho, ela tinha um salão, eu trabalhei 3 meses de manicure e foi

muito engraçado, por que o pessoal aqui de Sabiá é mais... é menos estressado que o de Rinoceronte.

2- Arã... cidade menor também.

1- É, então foi uma experiência muito legal muito boa, e eu... o pessoal do salão são meus amigos, assim, até hoje, uns bem mais. Eles brincavam que a manicure era mais poderosa que os próprios cabeleireiros, óh e geralmente as clientes não aceitavam, quando me conheciam um pouquinho melhor, me diziam assim: *Tu tem muita cultura pra ser manicure.*

2- Arã.

1- Sabe eu ficava, assim, pensando, en... engraçado não me sentia assim obrigada a ser uma coisa, uma outra coisa e não podia ser manicure, me parecia mais conveniente ser manicure. Dormia até a hora que eu queria, descia pro salão, saía do salão, ia pra faculdade, era muito fácil.

2- Arã.

1- Mas aí eu fiz... escolhi fazer Matemática, a Matemática pela minha paixão na época de universidade pela Matemática e a Matemática é uma coisa que toma muito tempo.

2- Arã.

1- Ainda mais de uma pessoa que há 10 anos não estudava.

2- Sim.

1- Há 10 anos que tinha trancado meu curso lá de Informática então eu comi e estou comendo o pão que o diabo amassou pra conseguir acompanhar as aulas...

2- (Risos).

1- Então, no primeiro semestre, eu podia optar por não trabalhar... trabalhei só um ou um mês, um mês e pouco e disparei, só estudava. Aí, no início do segundo semestre eu fui roubada.

2- Nossa!

1- E o que eu tinha de valores... assim, não tinha nada em banco, trabalhava com outra moeda e carregava meu cofre pra cima e pra baixo... iii... infelizmente roubaram uma importância significativa que garantia a minha... a minha liberdade de escolha. *Bom, eu preciso trabalhar, senão eu tenho que ir embora se eu não trabalhar... a pousada ainda não alugou, não é época de verão de temporada... a pousada ainda precisa de mim, né?*

2- Arã.

1- E o salão, se eu falar pra minha mãe que ela tem que me mandar mais do que me manda, uma importância pequena, assim, pra me manter aqui ela vai dizer: *Então volta pra cá*. Eu não quero voltar, precisava trabalhar.

2- Arã.

1- Aí, eu comecei um estágio numa empresa de... é a TAN TAN, trata de aposentadoria, pensão, auxílio dos ex-funcionários de um banco...

2- Arã.

1- Então, foi a minha primeira experiência de cartão-ponto, cheque, ter que obedecer alguém sabe? Assim, escritório, com gente... o escritório que eu conhecia era o escritório de... de...

2- De advocacia.

1- Que era uma coisa mais restrita, mas não é uma grande uma empresa, maior, diversos setores, né? E foi, eu gosto, apesar de todos os inconvenientes, acho que todo o serviço tem.

2- Arã. Quando tu não tinha esse rigor, né?

1- Exatamente, e lidar com... eu trabalho na gerência de benefícios, é o coração da empresa, onde tudo que é problema estoura. Então tem momento que é uma grande bolsa de valores, são quase 10 pessoas gritando no telefone, é gente pra atender, é não sei o que informação que tu não sabe onde tem que procurar e quando eu entrei teve uma grande mudança no plano de benefício dentro da empresa.

2- Arã.

1- Então, eles estavam acostumados, todos os participantes estavam cadastrados num sistema. Eles assinaram um novo contrato, mudaram de plano. Então, época de PDI do banco, é PDI (Plano de Demissão Incentivada).

2- PDI.

1- É... todos os funcionários do setor tiveram que ser remanejados prum setor de emergência do PDI, então eu fiquei aqui quase que sozinha num setor tendo que responder questões que eu nem sabia que existiam.

2- Arã.

1- Então, eu aprendi muita coisa em muito pouco tempo, sabe, da empresa, do funcionamento da gerência de benefícios e tem um lado muito ligado à Matemática em si.

2- Arã.

1- Tanto é que eles admitem estagiários da área de Matemática.

2- Arã.

1- Graças à Deus, por que geralmente não tem nada da área da Matemática pra se fazer estágios, a não ser escola, quando tu já tá no final do curso ... então eu ganhei muito com esta experiência.

2- Arã.

1- Mas a pressão e o próprio fato de não ter mais dinheiro disponível am... ter que cuidar cada centavo que gasta, eu fiquei muito vulnerável, assim, eu não consegui. Em setembro eu comecei com sintomas de uma doença de não sei bem, não, sei lá do que, as doenças de novo...

2- Arã.

1- É e... em novembro eu comecei tratamento pra depressão e não... e não consegui concluir as cadeiras do semestre, o que eu não tranquei eu abandonei. Eu não consegui estudar semestre passado, então eu continuo no estágio, né? Eu acho que pelo jeito eu tenho, se eu não quiser trocar de estágio, tranquilo e... esse semestre eu tô tentando me organizar melhor assim pra cumprir aqui as cadeiras limite parte dos cur... [menciona isto se referindo as disciplinas obrigatórias do curso que frequenta].

2- Arã.

1- Da universidade, assim am... eu tive opção, eu tenho opção de tro... trancar o curso e ir embora ou tentar trocar de curso.

2- Arã.

1- Então, nessa época, assim, de matrícula que sempre fico *aí... minha vida tá tão ruim matemática é tão difícil, será que daqui a pouco eu vou precisar de emprego, não vou ter no que trabalhar?*

2- Arã.

1- Sabe e... será que eu tô fazendo a coisa certa? Porque eu vou, vou, vou, pra aula, não consigo acompanhar aquilo de jeito nenhum...

2- Arã.

1- Mas eu gosto, mas eu tenho a mania de escolher só aquilo que gosto ou parece que gosto... é como se não tivesse seriedade na... como se realmente aquilo não fosse sério, não fosse importante pra minha vida.

2- Arã.

1- Então, eu comecei a ficar muito perdida em relação a tudo isso.

2- Arã.

1- Em como am... decidi, assim, aquilo... *será que isso realmente tá certo? Será realmente, tá errado se é realmente isso que eu gosto, ou tô fazendo pra me esconder de uma outra coisa?* Ah, não sei mais nada!

2- Arã.

1- A respeito disso, eu tenho, eu tive semana passada pra ... pra... num cargo, num concurso público que eu fiz em Rinoceronte antes, na época que o Heitor ficou entre um infarto e outro, ficou doente, eu fiz uma prova pra trabalhar com monitoria am... na Secretaria da Educação, porque eu tinha o que precisava, era o curso do magistério...

2- Arã.

1- E... como eu tava, assim, temerosa, se alguma coisa acontecesse com ele, eu não queria voltar pro salão, *vou fazer um concurso.*

1- Arã.

1- *E se eu precisar trabalhar, eu trabalho com criança, eu gosto recreação infantil, né?* inda mais se eu pudesse com a idéia que poderia desenvolver atividades de artes plásticas ligada com crianças

2- Arã.

1- Eu adoraria fazer isso e se ele não, e se a gente ficar aqui em Rinoceronte, por que a intenção dele era ir embora pro Nordeste, ele não queria mais trabalhar, ele já tinha uma situação que ele não precisava mais ficar diariamente no escritório, aí... eu... eu sei que eu resolvi fazer o concurso e ele ria por que ele dizia assim pra mim: *Pra tu ganhar isso por mês, isso eu te dou.*

2- (Risos).

1- (Risos). *Se tu acha que é importante fazer, vai e faz, tu vai passar mesmo,* ele dizia pra mim. Sabe que passei, passei até bem na época, mas eu... um grupo de pessoas entrou com recurso e entraram todos na minha frente, então que eu tava lá em vigésimo, não sei o que,

fui parar lá no octogésimo não sei o que lá. Então eu me esqueci do concurso, me chamaram na semana passada. Eu fui a Rinoceronte pra ver com que eu ia trabalhar, com que eu ia trabalhar, por que eu sabia que podia trabalhar com menores de zero até dezesseis anos. Primeiro eu não tava nem preocupada com a faixa etária, mas também ver onde eu ia ser lotada, conforme for o negócio eu não vou.

2- Arã.

1- E mesmo sem querer ir embora daqui por causa dessa coisa, vou voltar por causa da mãe e a minha mãe é muito assim... dependente ... da minha aprovação e do vínculo. É um vínculo muito, assim, grudento, de uma certa maneira, isso me incomoda muito. eu sempre acho uma relação muito do... doentia que ela mantém comigo; com a minha irmã eu acho mais saudável...

2- Mas tu também tá na relação...

1- Exato, também tem... tenho também uma certa culpa disso tudo...

2- Não vejo como culpa, mas vejo assim: é uma relação...

1- É...

2- Né... tem uma parcela de responsabilidade tua também, de ter se envolvido na história de separação dela, a história do padrasto com essa história agora, tudo...

1- Com tudo...

2- Tudo que vem a acontecer na vida dela.

1- Com tudo.

2- Vocês mantém isso...

1- Exatamente.

2- Essa relação...

1- Isso é uma coisa que eu já tentei trabalhar e não consigo romper. O máximo que eu consegui fazer foi ter criar essa condição de poder tá morar longe dela.

2- É uma forma de romper...

1- É uma maneira de romper, mas às vezes me parece mais fuga.

2- Não estar no dia-a-dia...

1- Porque fica aquela coisa no telefone: *ai, tô com problema aqui, ai hoje eu tô deprimida*, [trecho incompreensível], são coisas que ela faz direto comigo e eu não gostaria que não acontecesse.

2- Já disse pra ela isso?

1- Não diretamente, não consigo, não consigo... eu posso muito lentamente, dizendo algumas coisas, assim, sabe, muito mais lento do que eu precisava.

2- Arã.. mas você tá pagando um preço, né, Amália?

1- To... bem alto bem auto... aí... eu fui a Rinoceronte am... vi, entrevistei lá o pessoal pra descobrir, tentar, descobrir por que geralmente eles só dão... só te indicam a localização e com quem tu vai trabalhar e tal depois que tu passa por toda aquela aprovação: psicotécnico, teste de saúde e aí lá fui eu pra Secretaria da Educação pra descobrir pra onde é que eu ia ser lotada. Elas não sabiam me dizer o bairro, mas com certeza sabia a faixa etária que eu ia trabalhar, com uma turma de 10 a 15 bebês de zero a um ano e dois meses, aí eu não me desesperei porque não era fato de me desesperar, porque se fosse única opção da minha vida, mas eu não sei lidar com bebê de zero a um ano e dois meses. Eu acho muito pelo fato de eu não ter tido coragem de ser mãe nas oportunidades que eu tive.

2- Arã.

1- Não por que eu tenha nojo ou raiva nada, até acho que amo muito, mas cuidar de 10 a 15 bebês seis horas por dia, 30 horas por semana, ganhando até razoavelmente bem, mas não é uma coisa que eu me vejo fazer...

2- Arã.

1- Se eu pudesse supervisionar um grupo que fizesse tal função, se eu pudesse sei lá, eu fazer qualquer outra coisa ao redor, mas não eu ter que ir lá e realmente ter que botar a mão no neném (Risos) e fazer outras coisas que ele precisa.

2- Arã.

1- Né? Não tenho condições pra fazer isso, então vou voltar pra Sabiá, continuar estudando Matemática, né, e ver como é que as coisas acontece. Eu, na verdade, eu sinto necessidade hoje de ter um outro emprego, ou de ter um emprego mesmo fora do estágio, que eu sei o que eu faço na TAN TAN vai ser o que eu faço na TAN TAN durante o limite que eu puder ficar ali dentro...

2- Arã.

1- Que eu faço muito bem o que eu faço, o que eu tenho que fazer, e sou barata pra empresa. O que eu tinha pra aprender praticamente eu já sei e eu acho que isso não é... não vai me somar muito, mas acho que, se eu completar um ano de TAN TAN, pra mim tá mais

do que ótimo, se eu quiser usar isso no currículo pra trabalhar numa outra empresa parecida...

2- Certo...

1- Né, mas eu gostaria... eu senti, assim, vontade de voltar a tentar trabalhar com a educação em escola, entrar a princípio como alguma professora substituta, alguma coisa assim, voltar... mas isso também é complicado, porque só acontece na matemática, tipo, mais pro final...

2- Do curso?

1- Do curso... eu tenho algumas colegas que trabalham, estão na terceira fase e já trabalham na escola, mas eu acho isso muito pré... prematuro, porque eu, bem na verdade, eu não sou uma expert na Matemática, não me sinto em condições de ensinar.

2- Arã.

1- Eu gosto da Matemática, gosto da coisa, gosto do mistério, da dificuldade da coisa, quando as coisas, assim, se resolvem, se encaixam de uma maneira surpreendente, mas não me sinto em condições de ensinar e eu temo por não me sentir nunca em condições de ensinar.

2- Arã.

1- Ta, então eu não sei, assim, aonde isso vai me levar, ou eu... ou eu não sei se eu tô percebendo bem a minha potencialidade dentro da Matemática, assim...

2- Hoje a matemática pra ti tá muito alta, né?

1- Mas eu vivo de expectativas altas (Risos), eu vivo de expectativas altas! (Risos).

2- Arã.

1- Isso não me exigia as... a esse ponto, eu já pensei em trocar...

2- De novo...

1- No início desse semestre pensei...

2- Pra que curso?

1- Pra Economia, ou pra Contabilidade, mas mais Economia, me chama mais atenção...

2- Arã.

1- E tem aquela parte mais administrativa, gestão dos negócios, é uma coisa mais, não é só cálculo também, não... cálculo é importante, mas ele não é só aquilo ali. Existe um outro

mundo, né, o sociológico, que envolve a parte histórica do que tiver analisando no momento.

2- Arã.

1- Eu acho isso também interessante, né? Am... é um meio que eu gostaria também de experimentar, não vou dizer que não, mas também temo pela aquela coisa assim, eu não posso ficar pipocando um monte de coisa e nunca me decidir por nada... eu não me sinto em condições de dizer, assim, com clareza *vou conseguir*. Eu gostaria de me sentir assim am... *Eu vou ter condições de enfrentar a Matemática até o final e vou ser uma ótima professora, sabe?* Eu não consigo ter isso claro pra mim, na minha mente...

2- Mas é por que tu tá fazendo reorientação, não é?

1- É.

2- (Risos).

1- (Risos). É, exatamente, tá aí o porque.

2- Senão tu não taria aqui, né, com certeza...

1- A única coisa que eu admiro, entre aspas, disso tudo, porque acho que se fosse em outra época da minha vida eu já teria ido embora...

2- Arã. Teria voltado?

1- Teria voltado. Hoje eu também trabalho... Meu o meu namorado, ele tem uma empresa, ele é representante comercial, e o pai e... quem trabalhava no escritório dele era o pai e o pai teve um problema de saúde há uns 6 meses, não trabalha mais...

2- Arã.

1- Então eu lembro do Irineu há uns 4 meses, tudo, em noção do que que era am... o escritório das necessidades, assim, e divido com ele o trabalho do escritório, o que eu faço o que eu consigo fazer via Internet e eu resolvo ou na universidade ou onde... na própria empresa, eu faço estágio, eu vou encaixando no meio dos meus horários as funções que eu tenho que cumprir, as obrigações semanais do escritório dele...

2- Arã.

1- E no final de semana, aos sábados, ou às vezes aos domingos, cadastro pedidos, mando pedido pra fábrica, faço aquela parte de cadastros, documentação e trabalho lá na casa dele, no escritório. Então eu vivo dividida aqui entre a minha semana em Sabiá que é TAN TAN e a universidade... meu final de semana em João de Barro, que é descansar um pouco,

relaxar um pouco e cuidar do escritório e, entre uma coisa e outra, passo por Bicho Preguiça, porque às vezes sobra alguma coisa pr'eu fazer... também muito difícil meu pai dar conta de tudo.

2- Arã.

1- Agora meu pai tá de férias, um mês de férias dei eu férias pra ele...

2- (Risos).

1- (Risos). Eu tenho que passar lá mais em seguido pra ver se tá todo mundo lá certinho, se não teve enchente, se não teve nada... tem que passar, não pode deixar, abandonar...

2- Claro.

1- Né? Já que eu não tenho funcionário lá, né, meu funcionário é meu pai, meu escravo... escravizei ele pro resto da vida!

2- E ele tá gostando...

1- Ele gosta. Eu já sofri muito com isso, assim, porque a gente já passou por muito problema na obra am... a diferença cultural, até acredito que o povo daqui e do povo de onde a gente tá habituado... pessoal daqui funciona, assim, devagar...

2- Não de lá, né? Acho que é um pouquinho diferente...

1- Não, aqui não. Lá na beira da praia tu contrata alguém pra pintar uma parede, Deus me livre! Tu tem que ensinar a fazer. Lá é tudo muito sofrido, muito complicado. Então meu pai tem... eu acho que eu herdei isso dele: ele é bravíssimo, tudo tem que ser muito correto, muito tudo pra ontem. Eu tenho 50 mil apelidos de infância, de ser devagar, de ser lesma manca, *tira um pé o outro tá cheio de formiga*, e ... eu acho que carrego essa intolerância dele comigo.

2- Arã.

1- E ele sofreu muito com a demora du... de alcançar o objetivo da obra e do negócio em si e inclusive, não faz muito, em setembro do ano passado ele teve doente em função do stress, né? Fez um tratamento, agora ele tá ótimo, ele tá mais lento, ele já tá entrando no clima do pessoal daqui, então ele tá se sentido melhor aqui. Essa semana passada eu tive conversando com ele em Rinoceronte e ele me disse: *Já tô com saudade da praia*, não tá mais naquele ritmo dá... do... de onde ele tava habituado, acho que isso tá fazendo, eu tô percebendo que isso tá fazendo bem pra ele, porque eu me sinto meio que escravizando ele, assim, sabe, parece que ele tá fazendo só algo por mim, ele se preocupa com o meu futuro,

ele acha que aquele negócio não pode fechar, tem que dar certo. Ele me dá o mínimo, sabe, porque eu sou uma pessoa muito, assim: eu tenho 30 anos, ele acha que eu já devia ter me decidido na vida, ter uma carreira, uma estabilidade e isso não acontece pra mim.

2- Acho que tu decidiu muita coisa na tua vida... esse panorama, assim, que tu fez até agora, tu vens decidindo desde muito cedo, né? Talvez algumas coisas que tu tinha que ter passado tu passou de forma muito diferente...

1- Muito diferente...

2- E aí traz agora uma dúvida: não foram escolhas que tu foi fazendo, na verdade, tu tinha que fazer.

1- Arã.

2- Era daquele jeito: tinha que dar conta, e agora, né... e acho que agora tu tá pensando como é que tu vai fazer pra escolher aquilo que tu quer, que é um momento completamente diferente de tudo isso... tu trouxeste... eu consigo ver desta forma: tu nunca escolheu, tu foi... escolheram por ti pra fazer aqui e ali, a... agora tu tá precisando escolher, inclusive, ficar aqui ou volta e tu já tomou uma decisão: tu não vai, não vai pra lá que seja por causa dos bebês ou por outras coisas, tu não vai voltar, vai continuar aqui.

1- Eu achei interessante, por... mesmo antes de decidir se eu ficaria ou não em Rinoceronte, agora em função do concurso eu... eu... quis ouvir, assim, a opinião da minha mãe, da minha irmã, do meu pai, do meu namorado, as pessoas que eu acho importantes, principalmente meu pai, porque eu acho ele muito sensato.

2- A relação com ele também mudou, né?

1- Muito... muito...

2- Desde a separação ou mais agora, com a pousada?

1- De uma certa maneira, ele está mais próximo agora, mas eu tive oportunidade ainda assim durante meu primeiro casamento, lá pelos meus 18 anos, que foi uma época que eu... que eu estive doente, assim, foi um ano que eu não fiz muita coisa am... meu pai... eu conheci meu pai ali, que até então eu tinha... eu tive pai, mas não tive com aquela carga afetiva, com a coisa de dar atenção de conversar e tal... eu conheci o meu pai acho que a partir dos meus 18 anos...

2- Arã.

1- De poder falar as coisas com ele claramente, o que eu sinto, o que eu fiz, o que que eu não fiz, a opinião dele assim... e o muita coisa eu acho que eu tô conhecendo mais até mesmo da minha infância, das idéias dele, de como eu é... que eu era: há poucos dias eu perguntei como é que eu era quando bebê. Ele disse: *Ah, tu chorava muito* (Risos).

2- Ainda é bem chorona, né?

1- É, é, muito ainda. Umás coisas de que eu não tinha noção de como meu pai me... me... via criança, me via filha. Eu ainda não tive coragem de perguntar pra ele se eu fui uma filha desejada,mas é uma das coisas que eu sinto que eu quero perguntar.

2- Arã.

1- Sabe, então... tem coisas, assim, que se misturam muito na cabeça dele, entre a minha história e a história da minha irmã. Perguntei pra ele quando é que eu comecei a andar. Ele disse que achava que am... que era arrastando lata de biscoito. Quem começou arrastando lata de biscoito foi minha irmã, né? E... nem minha mãe lembra de como eu comecei a andar! Sabe, uma coisa que se perdeu assim... alguém não tem que se lembrar se eu não lembro (Risos).

2- Fugiu, assim, né?

1- Ninguém lembra. Minha vó diz que foi no berço... eu comecei a andar em volta do berço e depois me botaram... assim eu comecei a dar passinho normal, como toda criança pequena... Nada demais... eu queria um grande acontecimento (Risos).

2- Arã. Uma lata, né?

1- (Risos) Eu queria algo, né? Se a minha irmã foi arrastando lata, eu quero algo de importante pra mim também, de diferente né? então isso tem sido muito bom pra minha relação com ele, tem sido ótimo. Até hoje eu mandei um e-mail pra minha irmã que eu mando semanalmente. Assim, minha relação com minha irmã melhorou 100% de quando eu vim embora... melhorou um pouquinho assim quando ela engravidou, foi o último ano que eu vivi com o Heitor, né, que eu fiz por ela o que poderia ser feito como se a barriga fosse minha, né?

2- Arã.

1- Ela teve uma gravidez um pouquinho complicada, ela é uma pessoa muito complicada, pra lá de sensível. Então eu fiz tudo que podia fazer, fui em todos os... desde o primeiro

exame! O obstetra disse que nunca viu uma tia como eu, que foi desde o primeiro exame até o dia do parto. Eu cheguei antes dela no hospital, né?

2- (Risos).

1- O médico foi examinar pra ver se já tava lá com dilatação, alguma coisa, eu tava junto, só faltava tá na sala do... do parto, né? Se bem que eu não tava muito longe...

2- Só faltou sentir dor...

1- Só faltei sentir dor, porque o resto eu fiz, não porque... de enxerida. Acho de repente até fui um pouco, eu cuidei muito pra esse limite, sabe...

2- Arã.

1- Pra não me... não me deixar... sei lá não me aproveitar da situação de curtir uma gravidez que podia ser minha. Eu perdi... eu perdi, não, eu abortei um filho do Heitor seis meses antes dela engravidar, que eu queria muito e eu abortei em função da medicação que eu tomava pra depressão.

2- Certo.

1- Como o Heitor tinha perdido um filho com 8 anos... que e teve uma vida toda problemática, ele não queria nem pensar em ter um filho doente, como a gente não tinha certeza de como ele ia nascer e ia precisar de muito exame, de muito acompanhamento mesmo assim, a gente não ia ter certeza dá... de tudo, eu acho que am... por amor, muito mais amor a ele do que ao meu próprio instinto, assim, materno, eu concordei em fazer o aborto e a gente fez. Os meus próprios médicos na época, acho, autorizaram, encaminharam certo, assim, pra fazer...

2- Imagina, né? Podia ter muitas complicações...

1- Exato, seríssimas, né? E na verdade seria, a gente fala assim, fora da situação é o melhor, mas quando tu tá vivendo aquilo, eu não desejo pra ninguém ter que optar...

2- Difícil, né?

1- Sabendo que aquilo que tu tem dentro de ti, que tu não sabe se na verdade se é uma criança perfeita, é um ser, mas que seja esse...

2- `Às vezes, a decisão não é nem por ti, né, que tu vai ter que cuidar, mas pelo sofrimento que a criança vai ter...

1- Da própria criança, também, exato! De todo o apoio que ia precisar e tal. Olha foi bem difícil. Aí 6 meses depois, a Daniela engravidou, meu último ano de convivência com o

Heitor, nós acompanhamos toda a gravidez dela, o parto e tal... inclusive ele foi o primeiro afilhado que o Heitor ganhou, assim... ele ficou muito feliz. Infelizmente não pode batizar, né, porque o Edinho nasceu no dia 8 de fevereiro, ele faleceu dia 4 de abril e ela demorou pra decidir o bati... pra batizar, assim, e acabei batizando ele sozinha... mas é uma criança maravilhosa e tá lá e depois disso aí foi o último ano que eu convivi em Rinoceronte. Logo ajudei ela, assim, bem de perto... nos primeiros meses, quando eu vim pra cá, a gente ficou... ela sentiu muito, bastante mesmo. Ela começou a fazer terapia. Uma coisa que a terapeuta comentava com a minha mãe, a falta que ela sentia de mim, que ela lamentava o fato de que agora que ela tinha se sentindo próxima, tá ela se sentiu a vida toda, assim, muito longe de mim, da minha mãe tal, e quando ela se sentiu muito, muito à vontade, assim, comigo, eu fui embora...

2- Arã.

1- Então a gente mantém um diário com... confidencial via e-mail.

2- Mas em compensação a tua mãe tá mais próxima agora e tu do teu pai...

1- É, inverteu.

2- Porque ela inverteu.

1- A relação dela com a minha mãe melhorou bastante.

2- Arã.

1- E eu coloco todas essas coisas na balança quando eu tenho que decidir de voltar ou não pra Rinoceronte.

2- Percebe, assim, Amália que tu decide por muitas pessoas pra decidir a tua vida...

1- Sempre e eu não... eu não... eu não queria ser assim, e eu ti ti ti ti, falo assim com muita sinceridade que eu não gostaria... eu gostaria de conseguir pensar: *eu vou fazer isso porque eu quero, por que eu vou ganhar tal coisa*, eu não consigo.

2- Algumas coisas a gente precisa...

1- Tem que apesar tudo.

2- Tem algumas coisas... a gente tem que botar esse limite, assim, dizer: *eu consigo porque é uma coisa que eu quero, mesmo que outras coisas possam estar ao mesmo tempo...* tem alguns momentos que a gente fica ou vai...

1- Exato.

2- Me casei com 16 anos e fui embora daqui, fui morar em Raposa sozinha, com uma pessoa que eu pouco conhecia. Então assim eram coisas que eu queria, eram coisas que eu tinha que decidir. Tu tá decidindo muitas coisas com... junto com todo mundo, então assim às vezes essa carga que tu tá carregando pode ser bom pra ti, como pode não ser e também pode não ser bom pra toda essa comunidade que tu carrega...

1- É.

2- Né, porque às vezes uma decisão que tu toma achando que é a favor de todo mundo, pra ajudar, pode estar travando alguns caminhos, mas é um acordo.

1- É verdade. Agora, como eu tava lembrando, quando tu tava falando, eu fui conversar de cara assim, a minha mãe fez altas chantagens pra eu voltar pra Rinoceronte: *Se tu não vem eu vou fechar o salão, se tu não vem, eu não vou cuidar de mais nada, se tu não vem, eu vou morrer, se tu não vem, o que que vai ser de mim?*

2- Arã.

1- Meu pai falou, falou, falou, falou: *Olha, ainda acho melhor tu continuar, porque me parece que tu cuida mais de ti aqui do que lá.* (Risos).

2- Olha só!

1- E a minha irmã me xingou: *Ah! Por que tu vai largar um emprego desse? Era tudo que eu queria!* Ela tá numa fase que ela não consegue se encaixar em emprego nenhum. [Amália diz ainda que, para a irmã, o emprego era tudo que ela própria queria. Amália tentando explicar pra irmã a diferença que existia para as duas e que era fácil para a irmã, mas não para ela.]

2- Arã.

1- E ela não aceitou de jeito nenhum, né? Aí eu sei que tava assim, tava eu, ela, meu namorado, meu pai e o marido dela, e ele é uma pessoa muito interessante, é meu amigo de anos, foi meu colega de faculdade antes deles começarem a namorar... e ele disse, ele trabalha com recursos humanos...

2- Arã.

1- Então ele é muito engraçado, quando ele coloca as coisas eu gosto de ouvir ele assim: *Olha, Amália, pode ser que a função não seja boa por isso ou ruim por aquilo, eu acho até que é bem gratificante, porque tu vai trabalhar com uma coisa de atividade pedagógica com criança, é uma coisa que sempre nos dá muito em troca, mas só tu pode resolver, só tu*

pode sentir am... o que que tu é que tu quer porque é muito bom quando a gente consegue fazer aquilo que a gente realmente gosta...

2- Arã.

1- Aí, eu disse assim pra ele: *Ah! eu sei o que que é isso, porque eu paguei o pão que o diabo amassou pra conseguir ficar cursando matemática em Sabiá.* Eu pensando no semestre passado, e eu fiz aquilo porque realmente eu gostava de matemática, mesmo eu não conseguindo concluir o semestre. Aí, ele olhou pra mim: *Tá aí, óh! Tu tens a resposta. Por que tu tá ainda em dúvida?* Aí, eu aceitei aquilo como... a minha resposta: *Ah! É isso que eu quero* (Risos). *Ah! Eu realmente gosto de Matemática, pra cuidar de bebê.*

2- (Risos) Que engraçado, tu começou a fazer reorientação na semana passada, apesar de ter sido um encontro mais informal, na verdade, tu acabou pensando, né? [disse isso me referindo ao primeiro encontro, uma formalização do atendimento, um primeiro contato e contrato de trabalho.]

1- Isso.

2- Então, já acabou? Acabou a nossa reorientação?

1- (Risos). Não, eu sou muito imprevisível. Acho que eu preciso de Reorientação por muito tempo. Isso que eu tinha pra falar por hoje (Risos).

3- (Risos).

ANEXO 02

CARTAZ

ANEXO 03

GRÁFICO DA VIDA PROFISSIONAL

ANEXO 04

GENOPROFISSIOGRAMA

ANEXO 05**E-MAIL - 14/08/2003****E-mail enviado por Amália para esta pesquisadora:**

Olha , aí vai o e-mail que enviei a minha irmã, lembra?!

Sabe que não consegui superar a idéia da carta de despedida? Isto incomoda muito. Lembro de uma avaliação que submeti-me a alguns anos na Escola de Artes da UFRGS que avaliava os alunos testados usando 2 conceitos, capacitados ou incapacitados. Resisti e sofri horrores, pois não imaginava como olhar meu nome em uma grande listagem acompanhada da infeliz palavra incapaz. E agora como uma mula, empaquei na carta de despedida.

Não quero despedir-me de nada. Beijão, Te ligo esta semana, Amália.

E-mail recebido por Amália:

Diga-me uma coisa, o que te levou a fazer Matemática em Floripa, um lugar onde não conhecia ninguém, sozinha, ao invés de fazer Pedagogia na UFRGS, a faculdade dos sonhos de muita gente, além de ser uma área que sempre teve a ver contigo. Foi a cidade que te inspirou, o curso que te motivou ou foi a vontade de deixar tudo pra traz e girar uns 360 graus? Queria realmente saber... É importante! Beijos. Daniela.

E-mail resposta enviado por Amália:

Olha!

Existem vários aspectos, não foi, e ainda não é uma decisão simples. Vou tentar ser concisa. Com a morte do Heitor tive que adiantar, sozinha, o que antes fazia muito calmamente com o apoio do Heitor, tomar as decisões para encaminhar minha vida e começar a crescer novamente. Buscava outra realidade para minha vida. Trabalhando no salão estava vivendo mais em função da vida da mãe do que de minha própria vida. Abri mão de muitos desejos, em função das necessidades da vó, da mãe, do papa. Não é culpa de ninguém, sentia-me útil só quando estava em função da vida dos outros, por isso passei

muito tempo vivendo em função da família ou dos homens que passaram pela minha vida. Cansada e deprimida, sinceramente quase sem forças comecei a reconhecer minha situação na época do Fábio. Sabia que não estava feliz, mas não identificava o que me afetava e quando identificava não via a possibilidade de mudança. Pela falta de apoio, reconhecimento de alguém que realmente ajudasse-me neste sentido. Entenda, não estava só, tive carinho de muitos, todos vocês, e isso sempre foi importante, claro! Mas, havia algo destruído em mim, ou melhor, algo que não fiz por mim. Quando estive em Londres e convivi com o Gabriel nos últimos dias de vida de sua ex-esposa, desesperei-me em ver que em tudo que eu olhava existia vestígios de uma mulher que viveu demais. Viajou muito, amou muito, estudou muito, li seus diários, olhei suas fotos, assisti seus filmes e fiquei perguntando-me onde estão meus vestígios, onde ficaram as impressões da história da minha vida. Senti-me vazia, senti que ainda não conseguia fazer nada e que nem ao certo sabia onde teria prazer em expressar-me. Envolver-me com o Gabriel e parar ao outro lado do mundo era um grito de que queria mudar.

Porém debilitada voltei mais deprimida para o Brasil, e precisava que cuidassem de mim, assim como tentei cuidar de todos até então. Graças a Deus recebi atenção de todos e um ótimo acompanhamento médico (foi realmente o que salvou minha vida). Doloroso, longo mas indispensável passo-a-passo fui retornando a vida. Claro que havia ainda muitas coisas que incomodavam, mas agora eu tinha uma outra perspectiva e a convivência com o Heitor ensinou-me a ter paciência e esperança em melhorar as coisas.

A primeira opção em fazer algo com prazer foi desenhar, e desenhando com muito prazer fui dando-me conta do resto. Dia sim, dia não fui percebendo o que gostaria de fazer e fui moldando os meus vestígios. Simplesmente comecei a interessar-me por mim, exclusivamente. Convivi com gente sábia, com gente hipócrita e com outra maturidade aperfeiçoei meus conceitos.

Perdi o Heitor, ou ganhei-o como anjo. Precisava pegar aquele servicinho novinho que eu era, tentar colocar em prática todos os valores e minhas crenças e seguir. Pensei que primeiro pensava viver e sustentar-me e sem abrir mão da responsabilidade que sentia em função da mãe. Esforcei-me em mantê-la trabalhando, mas muito rapidamente continuei a rumar em busca de uma nova profissão, pois o trabalho no salão não me satisfazia mais, sentia-me atrofiada intelectualmente.

Pensei no que gostava de fazer, dar aulas, o gosto pela matemática que adquiri na faculdade, queria ensinar algo que tivesse prazer. Pedagogia e matemática me pareciam ótimas opções. Agora, vai outro detalhe importante: o pai. Ele vivia em uma sede de construir a sua própria vida e sabemos que estava numa época que nada lhe ocorria com sucesso. Mostrou-me as fotos da pousada em meias paredes e abandonada, identifiquei-me com elas. Nunca havia prestado atenção no que havia lá, e não gostava de lembrar das trapalhadas do Fábio.

Mas, com tanto tempo passado e fortalecida, senti pela primeira vez na minha vida que existia algo físico que era realmente meu. Conversei com o pai, pois sabia que não teria como dedicar-me integralmente á pousada. Pois tinha outros planos, buscava uma nova profissão, para alcançar outra realidade, satisfação pessoal, independência, autonomia.

Comecei a obra e ganhei com isso, uma nova convivência com meu pai, um resgate do que faltou-me muito na adolescência, ele ganhou de vez o cargo de meu melhor amigo, muito próximo, mas que soube sempre respeitar meu ritmo e identidade própria.

Na época de decidir entre Rinoceronte e Sabiá, já não consegui mais abrir mão desta minha nova fase, o pouco que me prendia aqui: uma pousada pela metade, um curso quase intransponível e um namorado muito louco e tantas dificuldades e o mais importante de tudo o que não posso garantir ainda se conseguiria manter sem retornar a Rinoceronte. Uma autonomia, uma independência, uma nova maneira de viver.

Ficar só não me fez mal, conviver sozinha não é fácil, mas é indispensável em algum ponto de nossa vida precisamos viver esta fase. Ainda reclamo solidão, mas ainda tenho que controlar-me para que na presença do outro não esqueça de minha própria vida em função da vida dos outros.

Muito bem ou muito mal, consigo aqui viver a vida da Amália, trabalho naquilo que me engrandece, busco sempre algo para aprender, não sou mais uma cabeleireira, sou uma estagiária, conquisto a cada dia um passo a mais em direção a um cargo administrativo, ainda não sei aonde, mas eu busco constantemente, concursos e ando de olho no mercado.

No momento certo, vou sair da TAN TAN para algo melhor. Gosto de administrar a empresa do Irineu, estudo em função disso e o bom funcionamento deste negócio me mantém mais folgada economicamente, e isso é importante.

Minha relação com a matemática é engraçada, procurei o auxílio de uma reeducadora profissional e constatamos que tenho habilidades para área administrativa e controles financeiros. Pensamos em pesquisar os cursos de administração e/ou contábeis, mas para minha surpresa senti um pesar muito estranho e doloroso e não consigo cogitar, pelo menos agora, em trocar de curso.

Ele é tão difícil, tão difícil, mas é tão bom.

Penso que se comprasse um pequeno Kiti (referindo-se a quitinete) no centro e trabalhasse no salão ou na prefeitura 1/2 turno e cursasse pedagogia na UFRGS, não sentiria-me mais feliz do que aqui. Sinto-me importante aqui, importante para mim é uma sensação estranha e gostosa, sei se as coisas mudarem rapidamente eu procurarei a mim em primeiro lugar e hoje antes de envolver-me com os outros eu garanto os meus interesses em primeiro lugar.

Este egoísmo é vital, e sempre que abri mão dele sofri com percas irremediáveis.

Hoje, sou eu, eu de verdade e não uma Amália que fica para acontecer amanhã.

Tenho saudade de Rinoceronte e dos meus prazeres por aí, Margs, Museus, Feiras, Atelier, das ruas, do salão, das pessoas, da família, do colo da minha mãe (nos momentos em que ela era minha mãe e não minha filha, nos momentos em que ela não me visualizava como uma heroína que só existia na imaginação dela).

Mas, este azul deste céu daqui, este verde enorme, este cheiro de mar, este povo malandro, matuto e brejeiro que só por aqui se encontra. A paz que sinto cada vez que volto para Bicho Preguiça e caminho naquela praia sentindo como se fosse meu paraíso aqui na Terra. Isso me faz acreditar que errada ou não, fiz a melhor escolha e tudo que vivi e aprendi nestes últimos dois anos valeram e valeram muito. Respondi a tua pergunta? Eu precisava de algo, precisava de essência, precisava existir, parei de esconder-me atrás dos outros, da ida e das necessidades dos outros e fui em busca de mim e continuo me procurando e me conhecendo e tento ter toda a sabedoria, paciência e sensibilidade para realmente conhecer e reconhecer-me.

Agora, vai continuar assim fazendo perguntas enigmáticas? Beijão.

ANEXO 06

CARTA DE DESPEDIDA - 24/09/2003

Retrato

Eu não tinha este rosto de hoje
 assim calmo, assim triste, assim, magro,
 nem estes olhos tão vazios,
 nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
 tão paradas e frias e mortas;
 eu não tinha este coração
 que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
 tão simples, tão certa, tão fácil:
 - Em que espelho ficou perdida a minha face?
 (Cecília Meireles)

Bem!

Vou lembrar-lhe de como foi legal esta Reo.

A idéia de expor minha vida para alguém que poderia utilizá-la para algo produtivo foi muito atraente. Foi como encontrar utilidade para um monte de idéias perdidas e mal compactadas dentro de meu eu.

Sei que gosto de falar, e quando transfiro isso para o papel as coisas ficam difíceis pois sinto-me divagando quase sem rumo. Mas quero dizer muitas coisas, descrever meus sentimentos durante esse período, certo?

Ahhhhhhhhhhhhhhhhhhhh! Logo no primeiro encontro queria saber se era possível ser comigo o trabalho proposto então não consegui ficar quieta, tinha uma necessidade sem controle de contar tudo o que tinha vivido, na verdade esperava por um momento assim há muito tempo.

Queria ser ouvida, queria ter alguém que orientasse meus pensamentos, não interferindo mas só os pajeando até o destino: a certeza.

Senti-me aliviada. Desde o primeiro encontro.

E com o passar do tempo, mesmo repetindo a história ou voltando a ela mesmo sem querer pude falar de coisas guardadas, repensar em decisões, angústias, alegrias e tristezas vividas. E não surpresa cansei-me muitas vezes, aproveitei o momento para reconhecer melhor os passos do meu emocional e conviver com outra maturidade meus limites.

A vida continua e no meio do processo tive que diariamente continuar elegendo o melhor caminho para o meu futuro e definindo o rumo, o objetivo.

Optei em não voltar para Rinoceronte quando o concurso que esperava chamou-me. Bom em outro tempo iria com medo de perder oportunidades, mas acabei reconhecendo que possuía coisas boníssimas e conquistadas aqui.

Não quero relatar aqui minhas conquistas pessoais, meus reconhecimentos e conclusões que obtive neste período (seria um livro).

Gostei de tudo, das atividades: amei meu gráfico, colocar sentimentos em uma tabela foi uma atividade inesquecível e a surpresa. Mas, estou programando em incluir esta atividade em minha agenda e vou fazê-la anualmente ou quando julgar necessário avaliei-a como um bom termômetro.

A carta que fiz a minha irmã na verdade surpreendeu-me brotou assim de repente mas resumiu tudo que antes não conseguia visualizar.

Hoje, tenho mais consciência de como conduzir minhas escolhas no campo profissional, soube pesar a importância da Matemática e minhas potencialidades.

Tenho defeitos, sei. Tento corrigi-los ou convivo com eles tentando não prejudicar outrem, mas o que mais queria é aprender a não ser tão exigente com a vida, comigo. Tão perfeccionista, tão chata, tão triste. Porém sei que há um tempo certo para tudo e que não posso mensurar tudo em certo e errado e tento lembrar que os erros são inevitáveis para aprender, bom exemplo é a própria Matemática ou as linhas “imperfeitas” de uma obra de arte. Quero agradecer-te. Agradecer a iniciativa, a disposição e o talento.

Fizeste entrar-me em um novo período, ajudou-me a conquistar uma nova visão de minha realidade, de meu eu. Super valorizei-me em meu mercado de ações.

Tomei uma consciência que não tinha, criaste diante de mim um belo espelho onde finalmente consegui perceber-me sem suspeitas.

Você está em minha história. Obrigada.